



D A R C Y

O gênio faria 100 anos • 1922-2022

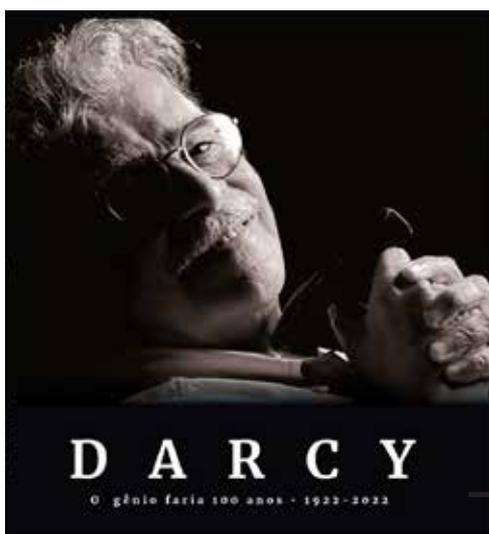
Nossa América

Revista do Memorial da América Latina nº60 • 2022

1922-2022 Centenário de Darcy Ribeiro

Cem anos passam rápido? São tantos os Darcys... Por onde anda o seu espírito? Na pequena Montes Claros (MG) até o ensino médio; em BH no curso de medicina (incompleto); em São Paulo estudando Ciências Sociais; nas aldeias Kadiwéu e Kaapor entendendo outras humanidades; no Rio de Janeiro tornando real o Parque Indígena do Xingu, no coração do país, e fundando o Museu do Índio; em Brasília criando a nova universidade e sonhando com outro Brasil. No Uruguai, no México, passando por Chile, Peru e Venezuela, formando um circuito intelectual que desemboca no Memorial da América Latina. Nos levantamentos etnográficos e nos estudos antropológicos, nos ensaios políticos e nas propostas educacionais, na literatura e nas confissões autobiográficas. São tantos os fazimentos de Darcys que esta *Nossa América* especial é apenas um fragmento de um universo em expansão que desafia e fecunda o nosso tempo.





DIRETORIA EXECUTIVA DO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Jorge Damião de Almeida
Diretor-presidente

Luciana Latarini Ginezi
Diretora do Centro Brasileiro de
Estudos da América Latina

Antônio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro

Fabrcio Raveli Bolzan
Diretor de Atividades Culturais

Capa | Acervo Fundação Darcy Ribeiro

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rodrigo Garcia
Governador do Estado de São Paulo

Sérgio Henrique Sá Leitão Filho
Secretário de Estado de Cultura e Economia
Criativa

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Conselho Curador

Almino Monteiro Álvares Afonso
Presidente

Matheus Gregorini Costa
Vice-presidente

Sérgio Henrique Sá Leitão Filho
Secretário de Estado da Cultura e Economia
Criativa

Bruno Caetano
Secretário de Estado de Desenvolvimento
Econômico

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor da Universidade de São Paulo – USP

Antonio José de Almeida Meirelles
Reitor da Universidade Estadual de
Campinas – Unicamp

Pasqual Barretti
Reitor da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

Marco Antonio Zago
Presidente da Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

Ruy Martins Altenfelder Silva
Membro Conselho Curador

NOSSA AMÉRICA 60

Conselho Editorial

Alexandre Barbosa
Eduardo Rascov
Jorge Damião de Almeida
Luciana Latarini Ginezi
Margarida Maria Krohling Kunsch
Milton Flávio Marques Lautenschlager

Editor

Alexandre Barbosa

Edição, redação, preparação de textos e revisão

Eduardo Rascov
Maristela Debenest

Projeto gráfico

Rafael Bezerra

Pesquisa iconográfica

Maristela Debenest

Produção

Magaly Pereira de Amorim
Raiane Kely Carvalho Félix

Textos

Adelia Miglievich-Ribeiro; Adriane Vidal
Costa; Almino Afonso; Demetrius Ricco
Ávila; Elise Aparecida de Oliveira; Fabio
Magalhães; Haydée Ribeiro Coelho; Jorge
Eschriqui Vieira Pinto; José Ronaldo A.
Cunha; Julia Falgeti Luna; Karen Fernanda
Bortoloti; Lúcia Velloso Maurício; Silmara
de Fatima Cardoso; Yolanda Lima Lôbo

Ilustrações

Acervo Fundação Darcy Ribeiro (grafismos
Kadiwéu)

Fotografias

Agustin Kammerath; Bob Wolfenson;
Eduardo Rascov; Flávia Lessa de Barros;

Fernando Rabêlo; Guinaldo Nicolaevski;
Marizilda Gruppe; Michael Friedel; Silmara
de Fatima Cardoso.

Imagens

Acervo Amparo Rama; Acervo Biblioteca
del Congreso Nacional de Chile | Wikipedia
Commons; Acervo da Câmara dos Deputados
| Wikipedia Commons; Acervo Família
Lélia González; Acervo Fundação Darcy
Ribeiro; Acervo Museu do Índio | Funai;
Arquivo pessoal Silmara de Fatima Cardoso;
Universidade de Brasília | Arquivo Central.
AtoM UnB

Agradecimentos

Amparo Rama; Família Lélia Gonzalez; José
Ronaldo Alves da Cunha; Katiane Brito;
Janaina Melo; Thiara de Almeida Costa

Arquivo Central | Universidade de Brasília;
Fundação Darcy Ribeiro; Museu do Índio

Os textos são de total responsabilidade dos
autores, não refletindo o pensamento de
Nossa América.

É expressamente proibida a reprodução, por
qualquer meio, do conteúdo da revista.

NOSSA AMÉRICA É UMA PUBLICAÇÃO
DA FUNDAÇÃO MEMORIAL DA
AMÉRICA LATINA
Redação: Av. Mário de Andrade, 664, Barra
Fundada, São Paulo, SP, Brasil. CEP 01156-001

Tel. 55 11 3823-4600
www.memorial.org.br

ISSN 0103-6777

Sumário

6

Editorial

8

“Me ajude colocar as ideias no chão do mundo”

12

Poemas - perguntas para Darcy

16

“Eu, Darcy e a América Latina”

24

Mergulho em outra humanidade

36

Pelos olhos de Darcy e Berta



44

“Eu amava a vida e fui para o campo de batalha”

50

“Utopia é inventar o país que você quer”

56

Para superar o pauperismo sociocultural

58

UnB, a revolucionária universidade de Anísio e Darcy

62

Por uma práxis educativa libertadora e intercultural

66

Intelectual de partido

70

A utopia selvagem de Darcy e os caminhos da integração latino-americana

74

Romanceiro para compreender nossas sociedades

78

O itinerário latino-americano de um intelectual fazedor

82

Darcy Ribeiro, exílio e algumas lembranças limenhas

86

O *Novo Mundo* em Darcy Ribeiro e Lélia Gonzalez: as dores do parto



Editorial

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1995

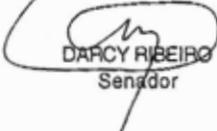
Meu caro Fábio,

Abraço você como novo Imperador da América Latina. O Memorial existe para criar a América Latina-Nação, Pátria Grande de Bolívar e de nós todos. O encargo imperial agora é seu.

Andei dando umas opiniões quando do planejamento e edificação do Memorial. Horriza-me pensar que ele foi estruturado e posto a funcionar como se não tivesse um projeto próprio. Quero, por isso, e quero muito que você dê uma olhada nas idéias que eu defendia, ainda que só seja para conversarmos depois sobre suas próprias idéias. Meu sonho era fazer do Memorial a casa do pensamento vivo latino-americano. Uma super-universidade, sem alunos nem professores próprios, porque os seus seríamos todos nós.

Meu último pedido ao governador paulista, que não teve êxito, foi o de comemorar o centenário do mais criativo dos paulistas, edificando um espaço Mário de Andrade destinado a abrigar exposições que são indispensáveis ao Memorial. Veja se você pode fazer. É coisa barata. Já tem local previsto. Oscar já fez o projeto. Tenho também especial carinho pela Revista do Eric que gostaria muito de ver circulando, bela tal qual é.

Abraços,


DARCY RIBEIRO
Senador

Excelentíssimo Senhor
FÁBIO MAGALHÃES
DD. Presidente
Memorial da América Latina

“Abraço você como novo imperador da América Latina. O Memorial existe para criar a América Latina – Nação, Pátria Grande de Bolívar e de nós todos. O encargo imperial agora é seu”.

Essas são as palavras iniciais de Darcy Ribeiro a Fabio Magalhães em carta de 13 de fevereiro de 1995. Fabio havia acabado de assumir o Memorial. Antes dele, Maria Angélica Popoutchi e Paulo de Tarso Santos. Depois deles, José Henrique Reis Lobo, Fernando Leça, Antonio Carlos Pannunzio, João Batista de Andrade e Priscila Franco. Cada um a seu modo e tempo interpretou o espírito deste que é um dos mais importantes personagens brasileiros do século XX. Todos eles, meus antecessores na presidência do Memorial, são “imperadores da América Latina”, como queria o bem-humorado e irônico Darcy Ribeiro, cujo centenário comemoramos este ano.

Mas, talvez, ninguém mereça mais esse título do que o atual presidente do Conselho Curador do Memorial, o ex-vice-governador **Almino Afonso**. Foi dele a ideia de lançar este número especial

da *Nossa América* totalmente dedicado ao seu amigo e companheiro de muitas jornadas. Almino e Fabio escrevem nesta edição, bem como outra personagem ligada a Darcy e ao Memorial – Maureen Bisilliat. Maureen nos oferece uma entrevista em vídeo inédita de Darcy, gravada alguns meses antes do seu fim. E sobre o que conversam? Sobre a vida, sobre o amor, sobre a liberdade e sobre a própria morte. Os temas fundamentais de todo ser humano.

A edição mobilizou os funcionários do Memorial como jamais tinha visto. Percebi que todos se sentiam amigos de Darcy, como se ele ainda vivesse e os convidasse a partilhar do seu sonho. Enviamos o pesquisador Eduardo Rascov para o Memorial Darcy Ribeiro, em Brasília, conhecido como Beijódromo, e convidamos pessoas que dedicaram suas vidas a estudar a vida e a obra de Darcy Ribeiro. Vida e obra de antropólogo, educador, político e escritor. E de amante apaixonado pelo povo brasileiro.

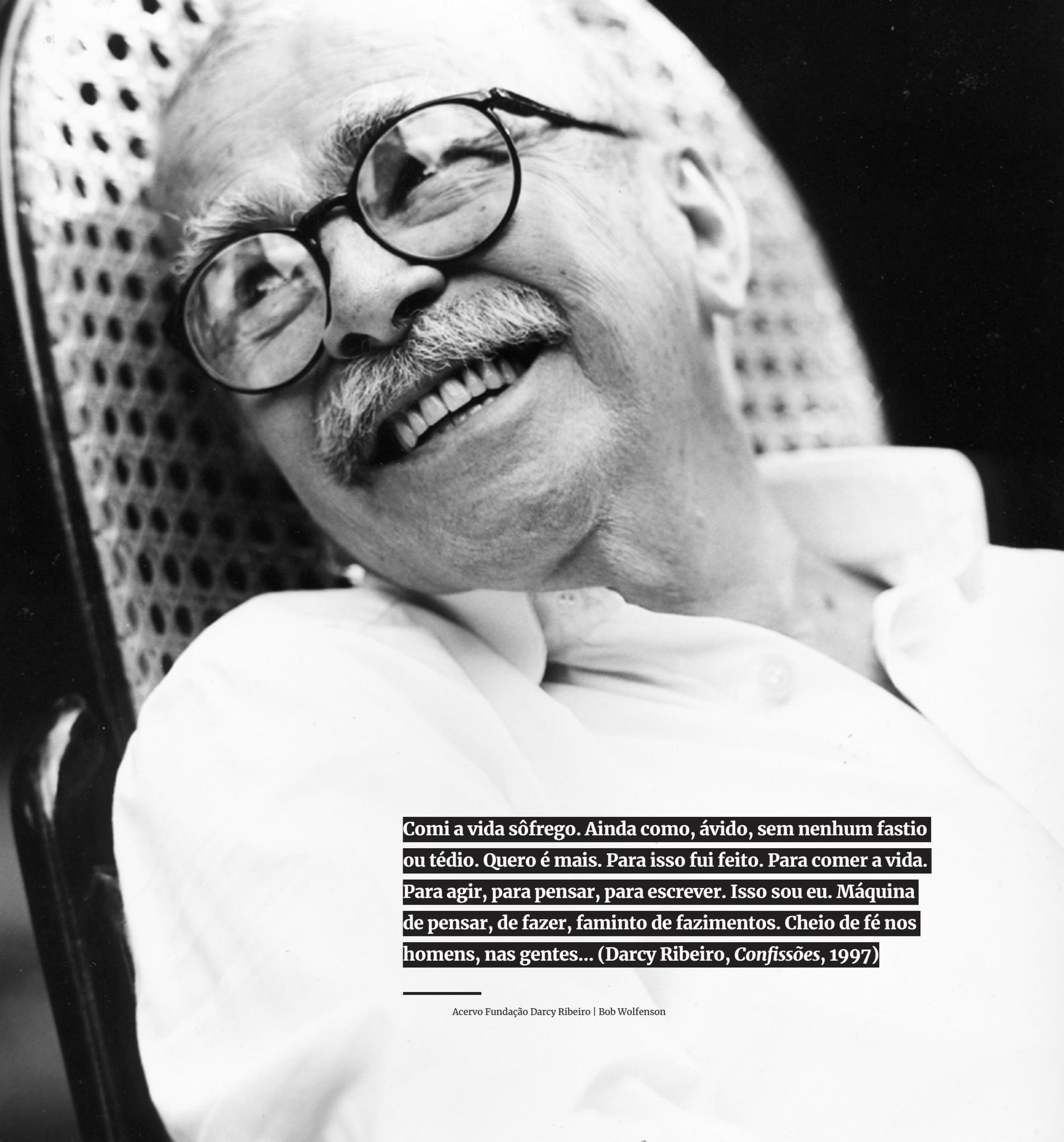
Alguns aspectos se destacam em nossa pesquisa. O primeiro deles é o inegável legado de Darcy Ribeiro ao indianismo brasileiro. Sua contribuição para o Parque Indígena do Xingu (PIX)

e demais Terras Indígenas do país é ressaltada pelo antropólogo João Pacheco, do Museu Nacional. O segundo aspecto é a relevância intelectual de Berta Gleizer Ribeiro, com quem Darcy foi casado por 26 anos. Na educação, *Nossa América* investiga como as ações e as ideias de Darcy rebateram nas universidades públicas paulistas. Fica claro também o alcance e a riqueza da relação do antropólogo com intelectuais do Uruguai, Chile, Peru, Venezuela, México e Cuba, para ficar na América Latina.

Nossa América ainda aponta para a sofisticação crescente do legado de Darcy. Cito como exemplo o artigo que aproxima as ideias de Lélia Gonzalez e Darcy. O conceito de “amefricanos”, a América Latina afrocentrada, “uma civilização inédita, submetida a doloroso processo de transculturação”, como propõe a mestre Lélia, dialoga de maneira fecunda com o conceito de “povos novos” de Darcy Ribeiro.

¡Que viva Darcy en nuestra América!

Jorge Damião de Almeida
Presidente da Fundação
Memorial da América Latina



**Comi a vida sôfrego. Ainda como, ávido, sem nenhum fastio
ou tédio. Quero é mais. Para isso fui feito. Para comer a vida.
Para agir, para pensar, para escrever. Isso sou eu. Máquina
de pensar, de fazer, faminto de fazimentos. Cheio de fé nos
homens, nas gentes... (Darcy Ribeiro, *Confissões*, 1997)**

“Me ajude colocar as ideias no chão do mundo”

José Ronaldo A. Cunha

No centenário de nascimento de Darcy Ribeiro, e 25 anos após a sua morte, o interesse pelo seu legado só aumenta e instiga novas interpretações e estudos

Darcy Ribeiro se notabilizou pelo espírito inquieto e criativo. As travessuras da infância em Montes Claros, o encontro com o livro na biblioteca do tio, o pé na soleira rumo a Belo Horizonte e São Paulo, a busca de nossas raízes e sua luta como homem de partido nos fazem reconhecer nele a mesma disposição de experimentar e conhecer o desconhecido para, com igual desenvoltura, deixar para trás o conhecido, quase sempre materializado em belas, necessárias e consequentes realizações.

Assim se fez intelectual, homem de causas e fazimentos. Boa parte dessa incrível aventura, coroada de notáveis realizações, será apresentada aqui nesta

publicação que comemora o seu centenário de nascimento.

Darcy Ribeiro foi uma pessoa comprometida com a vida e a alegria de viver! Mesmo nos momentos de grandes dificuldades não perdia o humor, às vezes mordaz, e encarava a situação adversa com a mesma, senão com mais, disposição.

Quando o conheci, no início da década de 1980, era um sobrevivente e já trazia consigo o espanto de quem viu a morte de perto e passou a ter urgência em viver. Uma de suas frases recorrentes era: “tenho pressa, estou morrendo” – que resultava sempre em uma alegre e ruidosa gargalhada! Mas não nos enganemos, Darcy queria mesmo a imortalidade, por





O Memorial Darcy Ribeiro, no dizer de Lelé Filgueiras, arquiteto que o projetou, é um “misto de oca Kamayurá com disco voador”. Pousado no chão do Cerrado, no campus da Universidade de Brasília, desde Darcy tem um apelido carinhoso: Beijódromo

Foto | Eduardo Rascoy

**Conhecer e levar à frente o
seu ideário, sempre dedicado
ao futuro, para antever as
alternativas que estão por vir**



intermédio de suas inúmeras obras, na memória do mundo ou nas mitologias indígenas que tão bem descreveu no romance *Maíra*.

O Partido Comunista, segundo dizia, ajudou na sua formação humanista, na preocupação com o outro e instrumentalizou-o para ir ao encontro dos povos indígenas por tempo suficiente para ser, por eles, “desasnado para a vida”. “Gente muito mais capaz do que nós de compor existências livres e solidárias”, diria Darcy. Nessa convivência, vai identificar naqueles povos a mitologia como “busca do saber”, a religião como “controle do azar” e a arte como “vontade de beleza”, vontade essa que incorporou e carregou por toda vida. Essa vontade explica sua relação com as artes plásticas, a literatura e, em espe-

cial, com as artes visuais e a arquitetura, campos onde fez grandes amizades. Explica também o fato estético de ver um desfile de escola de samba, ou mesmo uma escola em pleno funcionamento, e comentar: “Não é uma beleza?”.

A formação humanista, o compromisso com o outro, o homem capaz de prometer e realizar foi mais bem encarnado na sua ação em favor da educação pública. Assim como foi conduzido por Marechal Rondon e Herbert Baldus para a ação indigenista, Darcy sempre manifestou reconhecimento e gratidão ao educador Anísio Teixeira por tê-lo apresentado ao desafio de oferecer para todo o povo brasileiro uma educação pública de qualidade – gratuita e laica – como instrumento fundamental para a formação de uma sociedade capaz de enfrentar os desafios do mundo letrado.

“Me ajude colocar as ideias no chão do mundo”, assim convocava a todos nós para realizar os seus projetos, que sabia fazer serem nossos também. Criava em volta de si um pequeno grupo de pessoas comprometidas em realizar os projetos. Eram poucas, pois nunca se permitiu formar grandes equipes.

Utopia foi um conceito largamente utilizado por ele, “daí meu incontido desejo de influir nesse mundo, para isso existo como intelectual”. Darcy foi um dos principais intelectuais do século XX, que teve a coragem de submeter ao chão do mundo as suas pequenas utopias e de enfrentar as consequências. Quem mais?

Todos esses atributos descritos nesta breve e incompleta apresentação conviveram em um corpo de pequena es-



A ampla biblioteca do Beijódromo abriga e oferece para consulta o grande acervo de livros, textos, documentos e fotos de Darcy e da etnóloga Berta Ribeiro, sua primeira mulher

Foto | Eduardo Rascov

**Homem de causas e
fazimentos, uma de suas
frases recorrentes era
“tenho pressa, estou
morrendo”, que resultava
sempre em uma alegre e
ruidosa gargalhada**

tatura, criado no mundo “catrumano” de Minas Gerais, cantado por Guimarães Rosa, corpo esse inteiramente comprometido com a vida e cheio de fé no povo brasileiro e latino-americano. Do cruzamento de todas essas forças, de sua extraordinária inteligência e capacidade de formular proposições e realizá-las, convergiram naquele *corpus* o intelectual, o escritor, o educador, o antropólogo, o político, o fantástico realizador e o estadista Darcy Ribeiro.

É de sua experiência de exílio, a partir de 1964, que Darcy Ribeiro vai compreender a importância da América Latina como território de embate do processo civilizatório. Desde então incorporou, e nunca mais largou, o desejo de integrar o Brasil aos países latino-americanos, projeto esse que

só vai se materializar em 1989, com a criação do Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo.

Hoje, mais do que nunca, é necessário conhecer e levar à frente o ideário de Darcy Ribeiro, sua forma de pensar e agir, dedicada ao futuro, a antever as alternativas que estão por vir, na escolha e na luta para que a melhor delas se realize. Temos a certeza de que ele gostaria de ser sempre lembrado pela juventude que decidiu tomar o destino de seu país em suas mãos!

Fruto do desejo de dar continuidade ao ideário de ações que, ele sabia, ultrapassava o tempo de sua vida, Darcy criou em 1996 a Fundação que leva seu nome. Além de zelar pelo acervo, por seus direitos autorais e de imagem, fomentar



Foto | Flávia Lessa de Barros

atividades de pesquisa e extensão nas áreas da ciência, educação e cultura e difundir atividades de interesse socio-cultural e educacional, a Fundação Darcy Ribeiro desenvolve e executa projetos destinados ao povo brasileiro e suas matrizes étnicas, bem como defende os biomas brasileiros, as terras indígenas e as áreas de proteção ambiental. A Fundar se mantém fiel aos desígnios e propósitos de seu fundador: ações em favor da vida, do povo brasileiro e latino-americano.

José Ronaldo A. Cunha • Presidente da Fundação Darcy Ribeiro

Darcy encarregou Maureen de recolher peças da arte popular de vários países da América Latina para formar o Pavilhão da Criatividade

Acervo Memorial da América Latina



Poemas - perguntas para Darcy

Maureen Bisilliat

Em entrevista inédita gravada em vídeo por Maureen Bisilliat meses antes dele morrer, o antropólogo fala sobre a vida, o amor, a liberdade e a morte

Era, possivelmente, a última vez que veria meu amigo Darcy Ribeiro. Após ele lançar o livro *Noções de coisas*, em 1995, fui visitá-lo em Brasília. O senador me recebeu em seu apartamento funcional do Distrito Federal. É claro que levei a filmadora. Nós nos conhecíamos desde os anos 1970, quando ele me procurou, a mim e ao meu marido Jacques Bisilliat (1996-1921), na loja e galeria de arte popular O Bode, que tínhamos em São Paulo, em sociedade com o arquiteto Antônio Marcos Silva. Foi uma amizade longa e frutífera, que resultou nas minhas *andanças*, sempre com Jacques e Antônio Marcos, por Bolívia, Equador, Peru, Guatemala e México à procura da arte popular de alguns dos povos originários do continente. Darcy me escolheu para ser a curadora do acervo do Pavilhão da Criatividade do Memorial da América Latina, onde permaneci até 2011.

Naquele dia percebi que Darcy lutava bravamente para permanecer vivo. Quem me conhece sabe que gosto de trabalhar com a imagem e a palavra. Fiz algumas

exposições nas quais procurava *equivalências* entre os romances brasileiros que adorava ler e as fotos. Mas, nos anos 1990, já havia trocado a fotografia pelo filme. Era uma forma de ter a interação dinâmica das duas coisas que mais amava – a imagem e a palavra. Foi por isso que pensei em fechar a câmera no rosto de Darcy e lançar de chofre as perguntas mais fundamentais que alguém pudesse fazer. É o que chamei de poema-pergunta:

Darcy, o que é a vida, o que é o amor, o que é a liberdade?

Maureen, você me pergunta o que é a vida...

É um bolor. Se você deixar um queijo ou uma batata cozinhando ao tempo, cria um bolor. No planeta Terra surgiu um bolor, talvez seja o único em um universo imenso que tem milhões de planetas, o único que tenha dado esse bolor, um bolorzinho que foi se modificando, por interação, por evolução e, de repente, aquilo que era só bolor, virou peixinho, e de peixinho, réptil, e de réptil, quadrúpede e depois, Maureen. O que é

importante, o que é incrível e não pode ser coincidência é que esse bolor organizou-se como gênero humano, com o olho humano com a capacidade de olhar o mundo. Então, a vida é a capacidade da matéria ver o mundo. É a capacidade da matéria do universo de se medir. Às vezes penso, se não houvesse vida, o universo o que seria? Seria um *trenzão* enorme de planetas rodando ao redor uns dos outros. E para quê? Para nada?

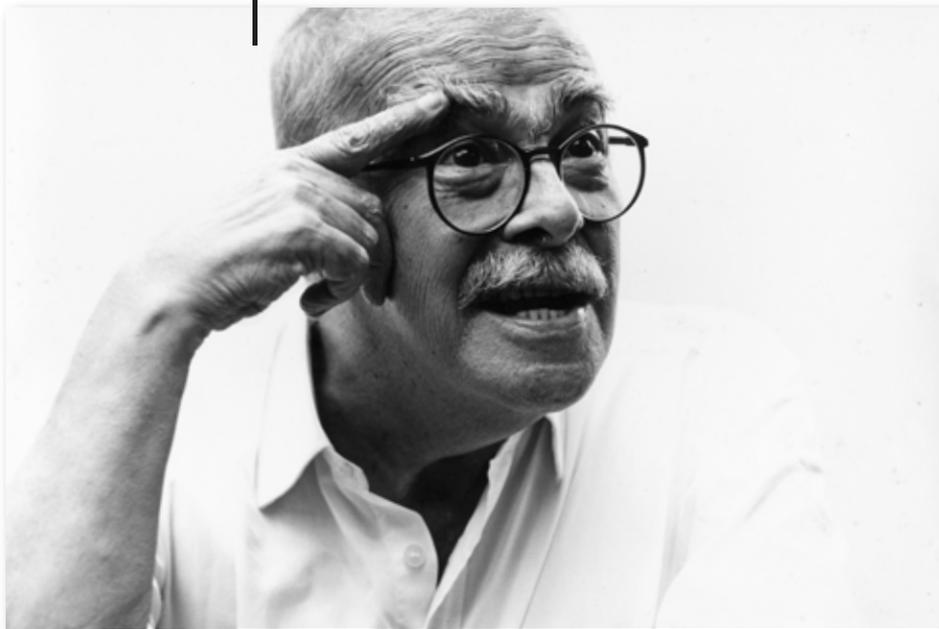
E o amor, Darcy?

Amor, Maureen quer que eu fale de amor...

É tão simples. O que une a vida é o amor. O vínculo entre os seres é o amor. Quase todos os seres são bissexuais, tem um macho e uma fêmea que se atraem um ao outro por amor. Há também outras qualidades do amor, como a amizade, a bondade, mas amor, esse vínculo carnal... por isso que eu digo, meio de brincadeira, que Eva foi a maior revolucionária da história, ela era trotskista. Você calcula que Eva inventou quatro coisas fundamentais: primeiro, o paraíso perdido devia ser uma porcaria, coisa horrível, cheia de

“Vida é a capacidade da matéria ver o mundo”, diz Darcy, para em seguida se perguntar, e “se não houvesse vida, o universo o que seria?”

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



matéria plástica, por que se fosse de coisas verdadeiras, elas transariam, fariam amor, mas não podia porque deus não queria saber disso. Então, ela enrolou Adão, com aquela história da maçã, e transou com Adão. Com isso, ela cria a *transa* e com isso cria toda a vida; todo bicho transa, cavalo tem cavala – não é uma beleza existirem cavalas? Cachorro tem cachorra, homem tem mulher – é uma beleza, é o melhor da vida, que ela seja feita assim, com esses seres que se atraem uns aos outros. Além disso, Eva inventou o *orgasmo*, o orgasmo é uma coisa importante, é um gozo profundo. É o que todo mundo quer ter, esse tal orgasmo, invenção da Eva. Outra coisa muito importante que a Eva inventou é o *trabalho*, porque no Paraíso não precisava fazer nada, tava tudo feito, com direito a comidinha na boca... Mas então chegou aquele anjão, acho que é São Miguel, e passou um pito na Eva e disse “ganharás teu pão com o suor do teu rosto” e pôs Adão e Eva para tra-

balhar. Com isso, ela fundou também o *comunismo* porque obrigou Adão e Eva a trabalharem para construir um paraíso na terra. Então, toda a nossa briga é para construir um paraíso aqui. Um éden verdadeiro, um éden não de matéria plástica, mas um éden verdadeiro, cheio de amor, de tesão, de orgasmo. Isso é criação de Eva.

E a liberdade em tudo isso? O homem é livre? A mulher é livre? O que você acha?

Liberdade...

Liberdade é a oportunidade de um ser realizar-se, de realizar suas potencialidades. Isso geralmente não acontece. Maureen, nós vimos, por exemplo, sociedades livres, que são as sociedades indígenas. Claro que tem muita regra. Mas cada ser é visto como uma pessoa única, irrepetível; então, se respeita nele o ser que ele é. Quando você pega

uma sociedade como a nossa, o sujeito está preparado para ser torneiro e vai ficar torneando, torneando, o outro é obrigado a ser chofer de táxi e o outro, alfaiate... uma coisa horrível, a liberdade dele é nenhuma, chega em casa cansado, dorme com a mulher cada vez mais chata, os filhos estão cada vez mais chatos, então, não tem liberdade nenhuma... Liberdade é o ideal da sociedade ser organizada no futuro, muito pra frente, como as sociedades indígenas – é claro que com tecnologia alta, mas com a oportunidade de cada ser ser ele mesmo. Sabe quem tem mais liberdade? É o menino de rua. O menino de rua sai por aí, a cidade é uma beleza para ele. O que é um menino que está preso num condomínio? É um pobre diabinho que está ali, oprimido pela mãe, pelo pai, menino de apartamento...

E o que é a morte, Darcy?

Morte... morrer...

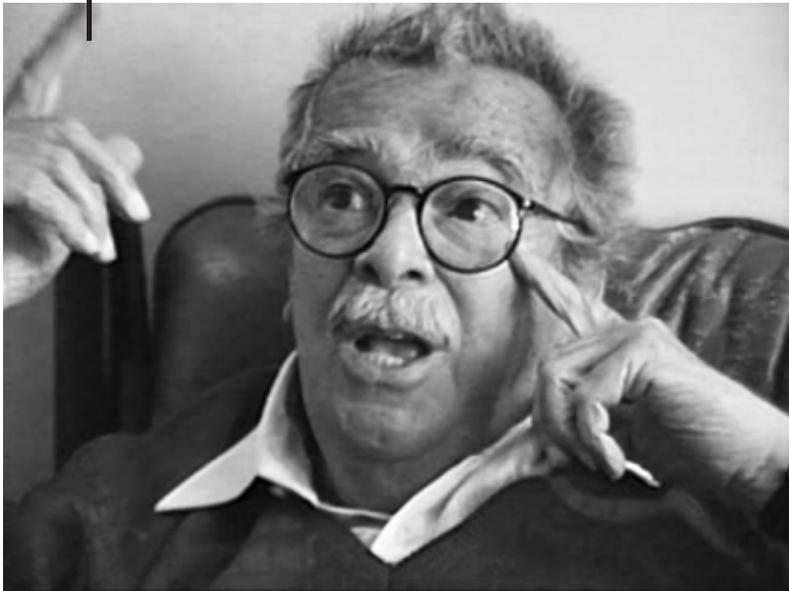
Eu havia adiado morrer e já estou no segundo câncer. O câncer tem prestígio porque é mortal. Mas não vou morrer dessa vez também. Vou esperar o terceiro câncer para me derrubar mesmo. Morte é simplesmente apagar. Apaga a vida. Eu já vi gente morrer, a diferença que há ele vivo e, um segundo depois, ele morto: vira um pedaço de pau. Quebra alguma coisa fundamental, uma vibração, uma vivacidade que anima a matéria, que dá à matéria um sentido. Morte, para mim, é a interrupção do ciclo vital. Eu acho medonha a ideia de morrer. Mas acho também formidável. Imagina se não houvesse morte. A morte limpa a terra, limpa o mundo, permite às gerações essa coisa linda que é a vida. A vida existe porque nós nascemos, crescemos como seres humanos, comunicamos um pouco o que a gente sabe para a nova geração, entregamos a chama para ela e a gente sai.

“Liberdade é a oportunidade de um ser realizar suas potencialidades”

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

“Entregamos a chama da vida para a nova geração e saímos de cena”

Fotoframe da entrevista inédita de Darcy Ribeiro a Maureen Bisilliat



Mas talvez a gente volte...

Há uma ideia muito consoladora de que essa coisa que sai do ser vivo, que seria a alma, que os meus índios chamam de sombra, porque você vê a alma assim como você vê a sombra. É uma coisa imaterial como uma sombra. A gente pensa que essa alma, essa sombra, fica rondando por aí. Os índios, os bororos, por exemplo, falam com a gente viva e a gente morta. Os mortos estão num espiral. Os bororos não têm muito medo de morrer porque morrer é ficar ali, com eles, só que numa condição diferente. Há quem creia que essas mutações transmutem a vida para algo mais ou para outros seres – eu não sei nada disso, eu não creio, mas se você quer saber de uma coisa, eu não descreio também não. Quando era jovem, eu era ateu, agora eu sou à toa. Ateu é militante contra deus, fica brigando. Por quê? Ele, no fundo, acredita em deus. À toa, como eu, diz: bem, deus pode existir ou não...

Maureen Bisilliat • Fotógrafa, cineasta, artista gráfica e visual, dirigiu o Pavilhão da Criatividade de 1989 a 2011.





“Eu, Darcy e a América Latina”

Almino Afonso



Companheiro de viagem de Darcy Ribeiro no ousado projeto de reforma social pré golpe de 1964, Almino Afonso também compartilhou com ele aventuras e desventuras no exílio latino-americano. Posteriormente, escolheram o mesmo campo político progressista no processo brasileiro de reabertura e consolidação democrática. Durante todo esse tempo, o ex-vice-governador de São Paulo foi um leitor atento da produção escrita do ex-ministro da Educação do Brasil. A afinidade intelectual e a proximidade afetiva dos dois ficou evidente neste discurso – e sabemos que Almino é um dos maiores oradores de sua geração – na Câmara de Deputados, em sessão solene em homenagem ao antropólogo, logo após a sua morte em 1997. Reproduzimos a seguir a peça oratória à guisa de introdução, não só por sua beleza e propriedade, mas também por resumir tão bem a trajetória de Darcy Ribeiro. Trata-se da fala original de Almino Afonso, apenas suprimida das partes que perderam a atualidade.

Darcy Ribeiro era, a um só tempo, pensamento e ação, entrelaçados. Em sua agilidade mental, punha e repunha as ideias, ele próprio a contraditá-las, num fervedouro. Tudo nele era busca irrequieta, era ânsia de encontrar caminhos novos. Mas não lhe bastava pensar. A rigor, nas várias dimensões de sua personalidade, a ação se impunha como um permanente teste do pensamento elaborado.

Devo ao exílio o privilégio de tê-lo conhecido sem os limites formais. Primeiro, em Montevideú, diante da *rambla*, obsessivamente entregue à tarefa

Foram vários os encontros entre Darcy e Almino a partir de 1987, para conversar sobre o programa de ação do Memorial da América Latina

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

Oscar Niemeyer fala sobre seu projeto arquitetônico no canteiro de obras do Memorial, tendo a seu lado Almino Afonso e Darcy Ribeiro

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

de escrever *Os brasileiros*, primeira parte de uma teoria do Brasil que ambicionava formular; depois, em Santiago do Chile, quando se dividia entre a utopia de uma sociedade socialista, como colaborador direto do presidente Salvador Allende, e a sua atividade intelectual, revendo *O processo civilizatório* e escrevendo *O povo brasileiro*; por fim, em Lima, quando ele contribuía com o melhor de seu talento, ao lado do sociólogo peruano Carlos Delgado, na definição dos rumos de uma política social participativa, em pleno regime militar reformista, chefiado pelo General Velasco Alvarado e, ao mesmo tempo, tocado pela vocação literária, começava a esboçar *Maíra*, seu primeiro romance, onde sua vivência de antropólogo a cada página está presente.

Guardo a melhor lembrança dessa convivência, enriquecida pelo afeto. Era fascinante ouvi-lo, a palavra em cata-dupa, a cultura abrangente, o desafio de uma dialética irreverente. Às vezes, aquele saber – sem lugar à réplica – irritava. A vaidade, não raro, incomodava. Nunca a entendi, por desnecessária, tal a evidência de sua grandeza pessoal, até que li uma de suas confissões, a mais comovedora:

“Vivendo sob a suspeita aterradora de que sou o contrário do que pareço, me viro ao avesso e represento aquilo que desejaria ser. Algum antibloqueio atou minha timidez, desencadeando, compensatoriamente, esse histrionismo, essa simulação de

Esse desvario pela educação do povo, que marca a personalidade de Darcy Ribeiro, também se projeta em São Paulo, no Memorial da América Latina



segurança, essa ousadia que, na verdade, escondem seu contrário – minha timidez e insegurança”.

O registro que faço, tomando-o de empréstimo de seu *Testemunho*, vale para ressaltar o paradoxo: porque não sei de muitos que tenham tido o direito de orgulhar-se de si mesmo tanto quanto Darcy Ribeiro. Deixou-nos uma obra intelectual consagrada. Alguns poucos, feridos de inveja, tentam apequená-la. Prefiro evocar a audaz temática a que se dedicou, própria de quem se sentia com fôlego, como resposta serena. *O processo civilizatório, As Américas e a civilização, O dilema da América Latina, Os brasileiros, Os índios e a civilização, Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Referindo-se ao conjunto dessa obra que conforma os “Estudos de Antropologia da Civilização”, Anísio Teixeira emitiu o seguinte juízo:

“Embora um texto introdutório, uma iniciação, não é reprodução de saber convencional, mas visão geral, ousada, de longa perspectiva e alcance. Darcy Ribeiro é realmente uma inteligência-fonte e em livros desse tipo é que se sente à vontade. Considero Darcy Ribeiro a inteligência do Terceiro Mundo mais autônoma de que tenho conhecimento”.

Sucessivas edições – argentinas, venezuelanas, mexicanas, uruguaias, cubanas, portuguesas, alemãs, italianas,

norte-americanas, afora as brasileiras – mostram, sem nenhum apelo generoso, a seriedade da obra de Darcy Ribeiro e o respeito científico que lhe cerca o nome além de nossas fronteiras. Mas não lhe bastou o êxito a toda prova. Sentia-se inconcluso. Faltava-lhe escrever, em definitivo, *O povo brasileiro*, tantas vezes tentado e interrompido, desde “meados da década de 50”, como ele próprio assinala.

É impressionante vê-lo revelar a longa e dolorosa gestação dessa obra marcante. Referindo-se a seus estudos antropológicos, no prefácio de seu livro emblemático, Darcy Ribeiro assim se expressa:

“Ocupado nessas escrituras preliminares, que resultaram em cinco volumes de quase duas mil páginas, descuidei desse livro que agora retomo. Efetivamente, todos eles são frutos da busca de fundamentos teóricos que, tornando o Brasil explicável, me permitissem escrever o livro que tenho em mãos”.

Na verdade, nem sempre foi descuido. Ele próprio relata a persistência em dar-lhe acabamento: “Foi que tentei várias vezes no Peru, chegando a redigi-lo inteiro já com base nos meus estudos teóricos. Não me satisfazendo a forma que alcancei anos atrás, o pus de lado, cuidando que, com uns meses a mais, o retomaria”.

De repente, os fatos o atropelam. Em uma viagem a Paris, é surpreendido:

câncer no pulmão. Regressa ao Brasil, vencendo mil peripécias políticas, e se entrega à luta incessante, à fascinante luta sem trégua pela vida. Naquele transe, tudo se redefinía para ele. Amando desesperadamente a vida, lutou pela própria sobrevivência como ninguém. Sobra dizer: superou a morte e respirando a grandes haustos, renovado pela alegria, retomou a caminhada, pronto para cumprir a missão que lhe cabia como intelectual, como cidadão, como homem público. Agora, sim, a sofreguidão era imensa. Ao longo dos vinte anos que teve diante de si, tantas eram as tarefas emergentes, num país que aos poucos se abria para a prática democrática, que lhe faltou lazer para dedicar-se à obra inacabada, como se os fatos soubessem que ainda lhe faltava sofrer e maturar.

Quando há meses, outra vez agredido pelo câncer, sentiu que a morte se aproximava, logra escapar do hospital em que se internara, refugia-se em sua casa modesta, na Praia de Bambuí, no Município de Maricá, a poucos quilômetros do Rio, e se entrega – com a angústia de quem vislumbra o insuperável – à tarefa de cumprir a obra sempre buscada e adiada: *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*.

A morte, valendo-se de aldravas antigas, bateu-lhe à porta; ele se faz de surdo. E trabalha, ardentemente, com o apoio inestimável de sua assessora Gisela Jacon. Logra, uma vez mais, viver, porque o compromisso consigo mesmo era demasiado grande, e ele não podia faltar.

Não lhe bastou a obra científica. Valendo-se de seus conhecimentos como antropólogo e etnólogo, Darcy Ribeiro incursiona na literatura e escreve o seu primeiro romance: *Maíra*. Destaca Carmem Junqueira: “É um poema que fala do mundo encantado dos índios, criado por um Deus que nos ensinou a alegria de viver. É também o relato da morte desse Deus, que não suportou testemunhar a agonia do seu povo. É ainda a história da profanação da existência e do desencantamento do mundo.”

Não teve maior acolhida quando veio a lume em 1976. Hoje, no entanto, em plena maturidade literária, é um romance festejado, editado na Alemanha, na França, na Itália, em Portugal, na Espanha, no México, na Polônia, nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Israel, na Hungria... Se nem todos notaram de imediato, Alceu de Amoroso Lima soube ver, com independência, a significação de seu criador: “Darcy Ribeiro se consagra – com a publicação de *Maíra* – como o primeiro de nossos cientistas sociais que consegue ser igualmente romancista. E mesmo poeta.”

A trilha literária fora aberta. Cinco anos depois, em 1981, Darcy Ribeiro publica no Rio o seu romance *Mulo*, seguido de perto, em 1982, por *Utopia selvagem*, e, sem maior tardança, em 1988, o romance *Migo* – todos eles fazendo hoje a sua trajetória nacional e ganhando espaço nas edições estrangeiras. Da importância de sua obra, na sua globalidade, Antônio Houaiss, não obstante a severidade que o caracteriza, chega a prenunciar: “Estamos a ponto de dizer, dentro em breve, que quem não leu sua obra não conhece ainda o Brasil”.

Na verdade, bastaria esse patrimônio, como cientista social e romancista, para assegurar a Darcy Ribeiro a imortalidade que a Academia Brasileira de Letras

simbolicamente lhe conferiu. Mas são tantas as grandezas de sua personalidade que pode esse patrimônio fracionar-se, e, ainda assim, a posteridade terá do que lembrá-lo sem avarezas.

Formado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, com especialização em antropologia, em 1946, desde logo passa a ter uma preocupação marcante com os índios. Não é apenas o etnólogo entregue ao estudo das peculiaridades culturais indígenas; sua relevância Roque de Barros Laraia, ex-presidente de Associação Brasileira de Antropologia e professor emérito de Universidade de Brasília, destaca: “Nenhum etnólogo moderno pode desconhecer os seus textos sobre a arte e a religião dos índios Kadiwéu, e nem mesmo os que se referem a um estudo pioneiro de adaptação ecológica dos Kaapor à floresta tropical”.

Ao lado do etnólogo aponta o homem público. Cria, em 1953, o Museu do Índio, no Rio de Janeiro; dirigiu a seção de pesquisa no Serviço de Proteção ao Índio, de 1952 a 1956; assessorou a Organização Internacional do Trabalho, em 1954, no levantamento das condições de vida das populações indígenas do mundo; e escreveu *A política indigenista brasileira*, publicada em 1962, onde a ação governamental em relação aos índios é criticada e são feitas recomendações.

De repente, pelas mãos de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro envereda para a questão educacional. Em seu *Testemunho*, a confissão é entusiasta: “Anísio exerceu influência muito grande sobre mim. Tanto que costumo dizer que tenho dois *alter egos*. Um, meu santo-herói Rondon, com quem convivi e trabalhei por tanto tempo, aprendendo a ser gente. Outro, meu santo-sábio Anísio. Por que santos os dois? Sei lá... Missionários, cruzados, sim, sei que eram. Cada qual de sua causa, que foram ambas causas

minhas. Foram e são: a proteção aos índios e a educação do povo”.

Participa com enorme entusiasmo do debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1959, formando na vanguarda dos defensores da escola pública. Recém-chegado à Câmara dos Deputados, no exercício do meu primeiro mandato popular, vi de perto esta luta de inteligência e de visão política, e a ela aderi de imediato. De sua dimensão, melhor do que o depoimento que eu faça, é lembrar o que Darcy Ribeiro escreveu em *Testemunho*, uma paixão que em tudo sabia pôr:

“O que se debatia, em essência, era, por um lado, como destinar ao ensino público os escassos recursos disponíveis para a educação. Não nos opusemos jamais à liberdade de ensino no sentido do direito, de quem quer que seja, a criar qualquer tipo de escola, às suas expensas, para dar educação do colorido ideológico que deseja. Nós nos opúnhamos, isto sim, é que em nome dessa liberdade o privatismo se apropriasse como se apropriou dos recursos públicos para subsidiar escolas confessionais”.

No bojo dessa campanha, Darcy Ribeiro se projeta. O talento e a combatividade abriram-lhe os caminhos do poder. Mas também a competência, pois desde 1954 já assumira o magistério na Universidade do Brasil, lecionando Etnologia e Antropologia. A convite do presidente Juscelino Kubitschek, planeja e implanta a Universidade de Brasília, tendo a seu lado a extraordinária figura de Anísio Teixeira e tantos outros mestres que o projeto universitário empolgara. Confirmado nesse encargo por Jânio Quadros e João Goulart, viu com orgulho a Universidade de Brasília edificar-se e suas instituições consolidarem-se. Dentre

tantos títulos que lhe engrandeceram o nome, creio que – lá, bem no âmago de Darcy Ribeiro – o de reitor da Universidade de Brasília a todos sobrepuja, tal a alegria de enamorado com que sempre o evocou.

Quando o Professor Hermes Lima, vencendo os percalços políticos, assume o cargo de primeiro-ministro, Darcy Ribeiro foi nomeado ministro da Educação e da Cultura. O presidente João Goulart impusera a esse Ministério uma composição predominantemente técnica. Mas o espaço era político. E Darcy Ribeiro soube ocupá-lo com vivacidade e saber. Deu dimensão político-social ao programa de alfabetização de adultos, valendo-se do método Paulo Freire, que já fora introduzido nas engrenagens do Ministério da Educação durante a gestão do ministro Paulo de Tarso Santos. Apoiou a campanha que Djalma Maranhão, o grande prefeito de Natal, levava a cabo nos meios mais pobres da população, sob a legenda por si mesmo emblemática: “De pé no chão também se aprende a ler”. Criou a Pequena Biblioteca do Professor, de onze volumes de obras básicas, a serem distribuídas entre todas as professoras do curso primário. A meta, como resulta evidente, era o povo. Vale dizer que punha na prática o grande ensinamento de Anísio Teixeira: “Educação não é privilégio”.

Ao triunfar o golpe de Estado em 1964, o exílio foi o caminho de muitos de nós. A educação continuou sendo para Darcy Ribeiro o novo chamamento: lecionando em universidades, pesquisando, escrevendo e redigindo projetos de reformas universitárias. Foi assim, logo ao chegar a Montevideú, ao dedicar-se à reforma da

Além de sua capacidade inventiva, Darcy foi tenaz defensor de suas ideias e projetos empregando uma habilidade argumentativa ímpar

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



O Memorial da América Latina é, pois, na concepção de Darcy Ribeiro, o povo que se liberta pela educação e pela cultura.

O sonho se povoa das múltiplas gentes latino-americanas a quem o Memorial da América Latina é dedicado, no dia de sua inauguração, em março de 1989, em São Paulo

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



Universidade do Uruguai. Logo depois, cumpria tarefa igual para o sistema universitário peruano e para a Universidade Central da Venezuela, sem esquecer os estudos necessários à criação de novas universidades para Costa Rica, México e Argélia. Como síntese dessa experiência, tão ampla e tão criativa, escreveu *A universidade necessária*, livro consagrado na América Latina por quantos se dedicam ao estudo dessa problemática.

Ao regressar ao Brasil em definitivo – depois de vencer a batalha da vida – elege-se vice-governador do Rio de Janeiro e se entrega a tantas e tão variadas atividades, no âmbito da educação formal e da cultura, que espanta. Dedicar-se, por determinação do governador Leonel Brizola, a coordenar a reforma do ensino do 1º grau do Rio de Janeiro. Implanta os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), a um só tempo polêmicos e fascinantes, que buscam ser um novo padrão de escolas públicas para o País. E, como se não

bastasse, cria a Universidade Estadual Norte Fluminense, cuja obra arquitetônica foi entregue a Oscar Niemeyer.

A própria construção do Sambódromo – levada a termo no governo de Brizola no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Darcy Ribeiro – vai muito além de ser tão só a passarela do Carnaval. Por debaixo das arquibancadas, duzentas salas de aula abrigam alunos do primeiro grau, convertendo o Sambódromo num gigantesco grupo escolar. Atordoa, só de pensar, concepção tão grandiosa. Mas não é só: a Praça da Apoteose, rasgada no final do Sambódromo, é um espaço cultural, o que mostra com que clarividência ambos – Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro – foram capazes de pensar a Praça do Carnaval.

Esse desvario pela educação do povo, que marca a personalidade de Darcy Ribeiro, também se projeta em São Paulo, no Memorial da América Latina. O governador Orestes Quéricia,

ao assumir o Palácio dos Bandeirantes, trazia consigo a inquietação de fazer construir um espaço cultural onde se erguessem os grandes heróis da América Latina, de José Bonifácio a Simón Bolívar, San Martín, O'Higgins e Sucre. Para projetá-lo, convidou Oscar Niemeyer, esse artista sem igual. Talvez, tendo achado pobre a concepção, embora legítimo o objetivo, Niemeyer sugeriu ao governador de São Paulo que se ouvisse Darcy Ribeiro – o que foi, desde logo, aceito. Nasce da junção desses dois cérebros privilegiados uma das mais belas obras arquitetônicas de Niemeyer e o Memorial, pelos objetivos que lhe deram grandeza, a mais profunda convocação à unidade latino-americana.

Mas o que é, a rigor, o Memorial da América Latina? É a primeira biblioteca latino-americana da América do Sul, além de ser um centro de documentação; é o pavilhão da criatividade popular, por onde, em sucessivas exposições, desfila



o que há de melhor no artesanato brasileiro, do Peru, da Bolívia, da Guatemala e do México, entre outros; é o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina; é o auditório, onde a alma brasileira – e dos povos irmãos – dança, canta e pensa a Pátria livre da miséria e do atraso. O Memorial da América Latina é, pois, na concepção de Darcy Ribeiro, o povo que se liberta pela educação e pela cultura.

Esse é Darcy Ribeiro, o educador. Pensa e atua: a educação, como cientista e homem público, é para ele a alavanca que desloca mundos. Tão incisiva é a prioridade com que a ela se entrega, permeando todas suas atividades, que me faz vir à memória o sonoro verso de Gonçalves Dias: “Isso é amor e desse amor se morre”.

Quando, em 1978, Darcy Ribeiro recebeu o título de doutor *honoris causa* da Sorbonne, fez um discurso de profunda amargura, onde relaciona as lutas que travou como antropólogo e homem público e os fracassos que as coroaram.

Sei bem o que é semear. Quão pouco, sobretudo na atividade política, se logra colher. Basta lembrar o *Sermão da Sexagésima*, do Padre Antônio Vieira. Mas, até nisso, Darcy Ribeiro foi um abençoado: colheu tanto, a mancheias, e ainda nos sobra muito para continuar a colheita.

Na verdade, afora o que ele próprio colheu, lega a todos nós sementeiras renovadas. Deixa-nos palavras candentes contra a venda da Companhia Vale do Rio Doce, contra a quebra do monopólio estatal do petróleo, contra a reforma agrária que claudica, contra o abandono dos meninos de rua, contra o desemprego e a fome.

Por entre as pedras, as sementes abrem caminho: às vezes brotam. Ai do amanhã se não fossem os semeadores! E Darcy Ribeiro, como homem de pensamento, foi acima de tudo um semeador. Por que hei de descrever da vida que floresce no ventre do chão? Prefiro guardar a lição do Padre Vieira: “e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto”.

Antonio Candido, em belo artigo com que homenageia Darcy Ribeiro, fez dele essa síntese admirável: “Nele, tudo isso era subordinado à paixão pelo Brasil, que não cansava de exprimir, nesse nosso tempo desiludido com as noções de pátria, de orgulho nacional, de apego ao torrão, tão comprometidas pela exploração oficial culminada no regime militar”.

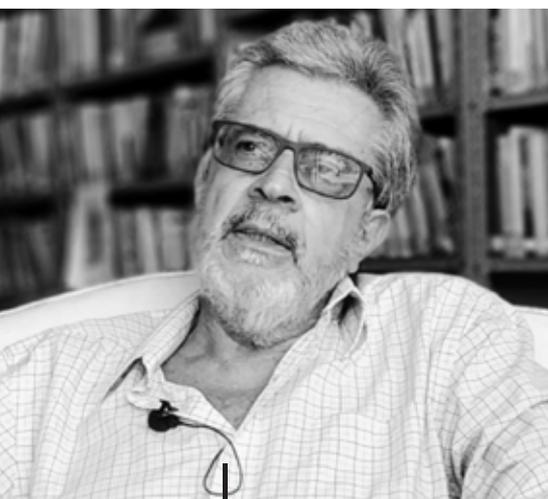
Na essência, é o que nos confirma Darcy Ribeiro, ao escrever o prefácio de *O povo brasileiro*, seu derradeiro livro: “Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e profundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro de quem quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, que aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo”.

Não sei dizer o que era maior em Darcy Ribeiro: se o homem de pensamento, que nos deixa obras marcantes como antropólogo e cientista político, romancista e memorialista, ou se acaso predominava nele o homem público, o homem educador e político militante a serviço do povo. Mas já não me parece relevante deslindar os marcos, porque agora eu o vejo em sua inteireza: Darcy Ribeiro, acima de tudo, foi sempre – e ousou dizer que continua sendo – um espírito de luz. Que nos ilumine nesta hora de tantas interrogações.

¹ Intitulado “Darcy Ribeiro: inteligência e ação”, o discurso do então deputado federal Almino Afonso foi publicado na íntegra pela Coordenação de Publicações, da Câmara Federal, em 1997.

Almino Afonso • Ministro do Trabalho e Previdência Social do governo João Goulart, Secretário dos Negócios Metropolitanos de São Paulo no governo Franco Montoro, vice-governador de Orestes Quéricia e secretário de Estado das Relações Institucionais de SP na gestão de José Serra, é Presidente do Conselho Curador do Memorial da América Latina.

Mergulho em outra humanidade



O antropólogo João Pacheco de Oliveira, professor da UFRJ e curador das coleções etnológicas do Museu Nacional

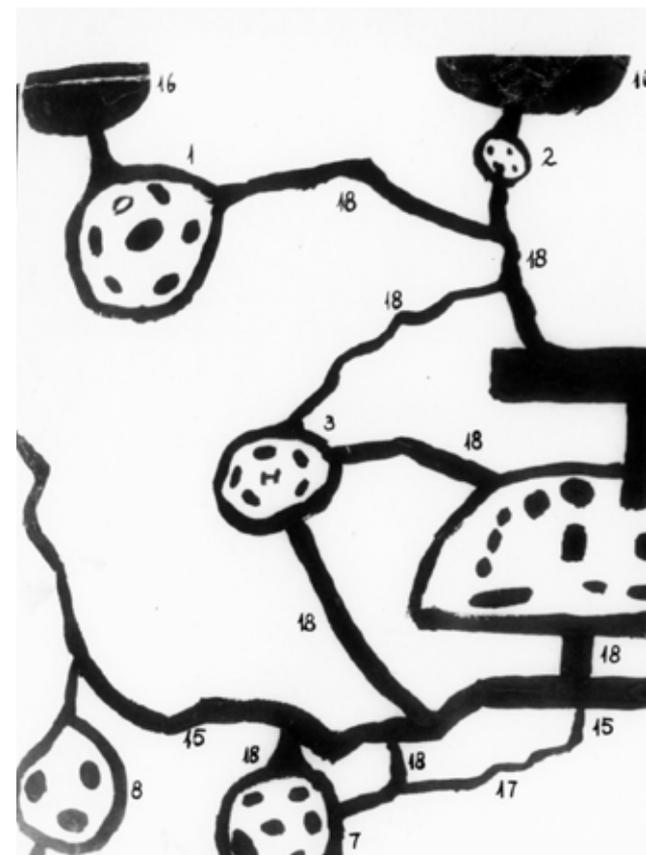
Foto | Agustin Kammerath

Precisamos de uma pororoca indígena nas nossas veias e mentes, diz o professor João Pacheco de Oliveira Filho, do Museu Nacional, ao contar sobre o principal legado de Darcy Ribeiro

O Censo de 2010 surpreendeu a todos. Por ele, soubemos que as pessoas que se autodeclararam indígenas falavam 274 línguas! Isso era muito mais do que os antropólogos pensavam na época. Pela primeira vez, o censo captava um fenômeno social emergente nas últimas décadas, a etnogênese ou reetnização dos povos originários, a procura da identidade e do reconhecimento. O Censo de 2022 está em andamento, mas alguns resultados divulgados impressionam. Contados 49% da população brasileira (104.445.750 pessoas), 0,82% (860.358) se declararam indígenas. Isso significa que o número de brasileiros que se autodeclararam indígenas dobrou em doze anos, pois em 2010 a média era de 0,4% da população. Vivemos uma explosão de etnogênese nunca antes vista neste país?

Se Darcy Ribeiro vivesse, estaria sorrindo. Conforme o professor João Pacheco de Oliveira Filho conta a seguir, o principal legado do antropólogo Darcy é a implantação de uma política indianista saudada internacionalmente. O Parque Nacional do Xingu está aí para provar. E também os Territórios Indígenas (TI) que vieram depois, especialmente a partir dos direitos consagrados na Constituição de 1988. Os TI são santuários da vida nos quais a diversidade cultural e biológica está preservada – ou luta para se preservar diante do avanço ameaçador do capitalismo cego e da miséria da política nacional.

Professor de etnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e curador das coleções etnográficas do Museu Nacional, João Pacheco de Oliveira Filho se diz inspirado por Darcy Ribeiro, com o qual compartilha “justamente essa perspectiva de considerar os índios como pessoas humanas, como interlocutores com as quais dividimos o destino e estamos sempre comprometidos”. Sua atuação como pesquisador é ampla e abrangente, mas a falta de espaço nos força a destacar apenas seu trabalho junto ao povo Ticuna, do Alto Solimões, na Amazônia. Sobre eles publicou livros e com eles fundou o Magüta: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, no município de Benjamin Constant (AM), que originou o Museu Magüta (1991), o primeiro administrado pelo próprio



movimento indígena. Entre os seus 20 livros e 130 artigos, talvez nenhum tenha a urgência do relato seco, objetivo e trágico de *A Lágrima Ticuna é uma só*, obra coletiva editada por ele e publicada pelo Magüta em 1988. Trata-se de pungente registro etnográfico do Massacre do Capacete, a chacina contra os Ticuna de março de 1988, na foz do igarapé do Capacete, em Benjamin Constant. Na apresentação, João Pacheco explica que “é um meio singelo de atestar a morte e dar um termo a corpos que não tiveram sepultura, de fazer falar (e promover a catarse) das cenas de brutalidade de que participaram, de expressar e dar significado aos sofrimentos que lhes marcaram os corpos e a memória”.

Mapeamento de aldeias indígenas na região do Alto Xingu, em 1970

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



Nesta entrevista, o professor João Pacheco relembra polêmicas em que Darcy Ribeiro se meteu e afirma que o trabalho de campo é um “mergulho em uma outra humanidade” na qual se selam “compromissos éticos, afetivos e políticos”.

Nossa América: Professor, o que mais o aproxima de Darcy Ribeiro?

João Pacheco de Oliveira: Acho que é a perspectiva de ver os índios como pessoas humanas, interlocutores com as quais dividimos o destino. O trabalho de campo é um mergulho em outra humanidade. Compromissos éticos, afetivos e políticos são estabelecidos nesse processo. O antropólogo é frequentemente usado para defender aquela população, e por isso é considerado um agitador. O caso paradigmático é o de Curt Nimuendajú, o mais famoso etnólogo brasileiro, preso em 1940, acusado de ser agente infiltrado trabalhando contra os seringalistas. Darcy teve essa visão de que são índios vivos, parceiros dentro de um país, nossos interlocutores.

A tradição francesa decorre de outro domínio. Como Montaigne vê o primeiro indígena? Ele vê o Tupinambá levado para a França. Esse indígena não está reivindicando terra, nem respeito, nem lutando pelo xamanismo. Certa antropologia retira do indígena a carne e o osso, deixa-o descarnado de realidade, para que possa ser estudado livremente, como os índios com os quais Montaigne teve contato. Eles não tinham mais realidade como atores sociais, estavam ali sequestrados. Não é a situação de Darcy, Eduardo Galvão, Roberto Cardoso de Oliveira, os Villas-Bôas e outros quando, por exemplo, trabalharam no Parque do Xingu. Eles estavam pensando em como salvar aqueles indígenas.

Darcy foi importante na antropologia mundial ao chamar atenção para a



Em sua segunda viagem etnológica como antropólogo do Serviço de Proteção ao Índio, Darcy exhibe a pintura corporal característica dos Kadiwê

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

legitimidade do indígena como ser humano na sua totalidade e não reduzido a objeto de estudo. Houve referências muito interessantes em relação a isso num documento de 1971. Darcy Ribeiro participou da primeira Declaração de Barbados na companhia de jovens antropólogos. Ele teve um peso grande na sua escrita. Não é que o documento reflita o indigenismo de Darcy, mas a antropologia de Darcy está muito bem refletida nele. A Declaração diz claramente que o antropólogo não pode tomar o indígena como objeto de estudo, mas precisa se incorporar e pensar em soluções viáveis

para a sua continuidade. Essa é uma ideia interessante do grupo de Darcy. Roberto Cardoso fala da condição colonial do indígena dentro do Estado nacional: é como se fosse uma colônia interna. Alguns mexicanos falavam o mesmo, como Pablo Casanova e Rodolfo Stavenhagen. Darcy elabora essas questões muito bem e de forma contundente. O texto da Declaração de Barbados é muito atual².

A preocupação da antropologia desde o final dos anos 1980 é descolonizar as práticas de investigação e os textos que apresentam os índios de forma caricatural e limitada, sempre descritos como se fossem iguais, como clones. A ação de Darcy em Barbados se relaciona hoje com a literatura descolonial, que procura transformar os indígenas em sujeitos da história, em produtores da antropologia, da literatura, da arte.

Essa postura de Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso em Barbados era muito inovadora na época. Praticamente o único que defendia uma posição parecida a essa era o antropólogo francês George Balandier. No geral, a antropologia hegemônica era pouco sensível a essas questões – os indígenas eram vistos como qualquer objeto, a ser livremente estudados sem preocupação com usos e soluções para sua vida. Nesse sentido, Darcy é muito atual – o que talvez explique o paradoxo de o autor brasileiro que já varou o maior número de traduções em línguas estrangeiras não ser muito conhecido pelos próprios antropólogos brasileiros.

NA: Qual a principal contribuição do Darcy Ribeiro para os campos do indianismo e da antropologia?

JPO: Darcy não pode ser pensado somente como um autor. Darcy teve várias vidas. Ele foi militante comunista. Ele não é apenas um antropólogo; é também um educador e um político com atuação

em várias áreas da administração pública. Diferentemente de seus contemporâneos, que participaram do mesmo movimento – como Roberto Cardoso e Eduardo Galvão, antropólogos profissionais que se relacionavam apenas com o seu trabalho – ele não é só autor de uma obra. Desde cedo Darcy tinha essa característica de ser um intelectual-ator. Não era movido apenas pela paixão de escrever, mas tinha uma verdadeira paixão pelo Brasil – uma paixão para mudar o país. Darcy teve capacidade de atuar em muitas esferas da vida pública, com um impacto diferente de outros acadêmicos. Teve sucesso em instituir uma política indigenista, criou universidades, o CIEP, uma política cultural com o Sambódromo... Uma pessoa com uma energia espetacular, com capacidade de se aplicar em vários assuntos e gerar resultados muito positivos.

Do ponto de vista da antropologia e do indianismo, sua principal obra seria a própria criação da política indigenista brasileira. Darcy atuou de muitas maneiras nisso, não foi apenas um antropólogo do Serviço de Proteção ao Índio, o SPI. Sim, fez levantamentos de campo como antropólogo, mas logo se tornou um idealizador de ações. Rapidamente Darcy se transformou, pela proximidade com Rondon. Quando Darcy o conheceu, ficou completamente fascinado pela personalidade de Rondon, na altura com mais de 80 anos. Enxergou em Rondon uma espécie de líder messiânico. Darcy se apaixonou pelos índios a partir disso.

Até há poucos anos, o gabinete da presidência da Funai tinha uma foto do Rondon. Isso é obra de Darcy. Foi ele quem construiu Rondon como herói nacional, criador do indianismo. Em textos como “O humanista Rondon” e “O indianista Rondon”, Darcy tornou Rondon um pouco mais indianista e quase um antropólogo. Mas não era o



O Marechal Rondon, militar responsável pela criação do Serviço de Proteção ao Índio em 1910, cunhou o lema “Morrer se preciso for, matar nunca”

Autor desconhecido. Domínio Público. Wikimedia Commons

Rondon, era o Darcy. Ele reconceitou a política de atuação do SPI a partir de suas interpretações. A forte atuação na política indianista foi a ação mais típica e duradoura de Darcy Ribeiro.

NA: Como ocorreu essa reconceituação da atuação do SPI?

JPO: O SPI tem dois momentos: o primeiro, em que é basicamente a figura de Rondon, um militar positivista que atua com seu grupo de confiança, entre eles, ex-colegas do Colégio Militar e membros da Igreja Positivista. São essas

peças que desenvolvem a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas e os postos indígenas. Algumas vezes se usa a ideia de “sertanismo” para descrever as atividades de Rondon. O que ele fazia era atuar em situações de conflito, em que indígenas estavam sendo atingidos por alguma frente de expansão e podiam ser exterminados. Rondon atraía essa população para a sedentarização, garantia a eles uma parte do território e estabelecia sobre eles uma espécie de tutela protetora do Estado. E do Exército como força especial: tanto que Rondon tinha o costume de colocar farda nos líderes indígenas.

Com Darcy entra uma nova perspectiva, totalmente diferente. Já no final dos anos 1940 e começo dos anos 1950, Darcy absorve a experiência do indianismo mexicano e norte-americano, experiências administrativas bem fun-

dadas, com concepções de integração nacional que propiciavam um lugar ao índio dentro da formação estatal. Darcy chega com a perspectiva de construir uma nação brasileira integrando os índios, não de forma violenta, mas por meio da ação do Estado, que desenvolveria uma ação regular sobre eles e criaria o indianismo brasileiro.

A relação com os indígenas foi permeada pela Igreja desde os primeiros tempos. Os jesuítas foram os tutores dos indígenas no período colonial. No século XIX, os capuchinhos. A política do Império subsidiava as ações das missões com os índios. A política de resguardo de terra para os indígenas é feita pelos religiosos, desde o período colonial: a terra é passada para os religiosos desenvolverem a catequese nas missões. A polaridade que havia na cabeça da sociedade nacional era: catequese ou extermínio. Se o índio não estivesse batizado, com alguma relação com uma missão e com características cristãs, não estaria protegido e poderia ser morto como inimigo.

A escravização era bastante frequente, inclusive em São Paulo, de forte presença indígena nos séculos XVI e XVII. Essa foi a realidade no período colonial e no século XIX, a linha da história do indianismo no Brasil.

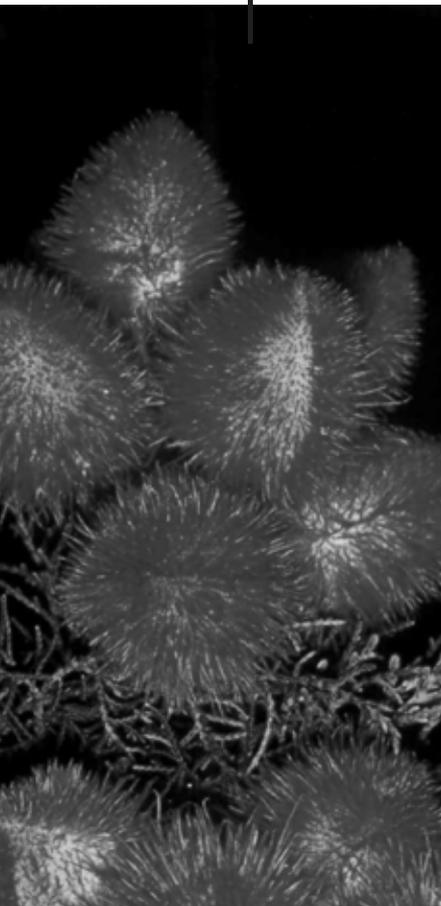
Darcy tem certa característica anticlerical e traça um perfil bastante diferente: leva antropólogos e técnicos para trabalhar, organiza um SPI leigo, científico e racional, características das máquinas burocráticas. Darcy dá essa virada fundamental com sua forte atuação no SPI: foi antropólogo, depois chefe da Divisão de Estudos e logo conselheiro, secretário de Rondon. Acaba estabelecendo o planejamento estratégico e tocando a máquina da política indianista.

A criação do Parque do Xingu em 1954 marca o indianismo brasileiro. Antes, Rondon não procurava saber quais eram os territórios habitados pelos índios – simplesmente os protegia do extermínio, retirando-os das áreas de risco. Com o Parque do Xingu a política passa a ser

diferente. Aquele parque seria, de certa maneira, a grande proposta do indianismo brasileiro. Tratou-se de proteger um conglomerado de rios que fecham uma parte do interior do país onde os indígenas integram há séculos. O Parque do Xingu é o DNA do indianismo brasileiro: a partir dele prevalece a ideia de que a função do Estado não é catequizar índios ou militarizar as lideranças

O urucum e seus usos na pintura corporal ritual entre as diversas etnias indígenas que habitam o Parque Indígena do Xingu

Michael Friedel | Acervo Fundação Darcy Ribeiro



indígenas, mas defender os territórios indígenas e o meio ambiente, resgatando um pouco também o Brasil da descoberta. Essa obra não foi exclusivamente de Darcy, foi de uma geração que trabalhou com ele, como Noel Nutells, sertanista, médico, e vários outros antropólogos. O próprio Rondon atuou muito nisso: esteve com presidentes da República, trouxe apoio dos militares, de empresários. O relatório que embasa a criação do Parque do Xingu foi preparado por Roberto Cardoso de Oliveira.

NA: Então, do Parque Nacional do Xingu vem não só a política, mas a própria noção de território indígena, com tudo o que ela implica, inclusive a preservação do meio ambiente?

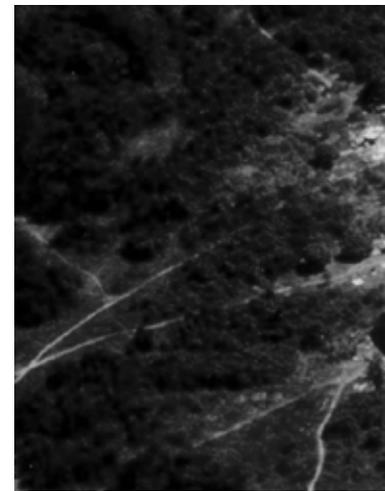
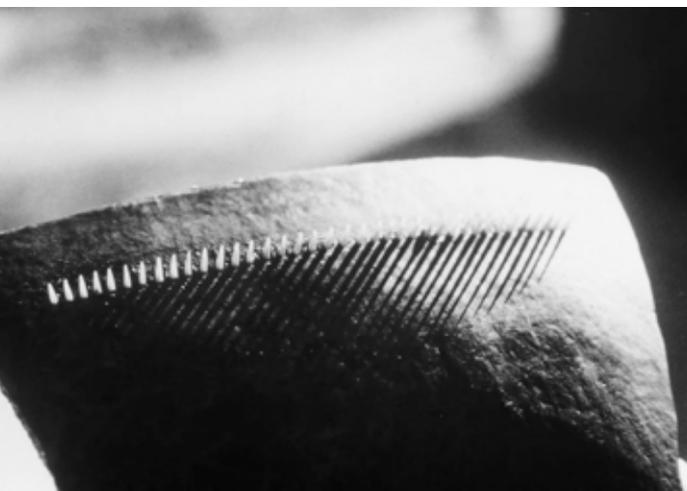
JPO: Analisar a proposta de criação do Parque do Xingu é útil para entender a questão hoje, com todos os problemas envolvidos. Inclusive sobre qual o papel do antropólogo que estuda a área e a cultura para subsidiar a decisão das autoridades administrativas e judiciais – porque os assuntos são judicializados. Esse ato original do grupo de Darcy, que não foi realizado nem no México e nem nos EUA, propõe uma política absolutamente nova para os territórios indígenas. Com esse ato eles instituem povos

indígenas que vão conhecer e dominar essas terras. Essa é a base da política indianista brasileira.

Claro, tudo mudou desde então. Darcy foi banido pelo golpe militar de 1964, mas não foi possível apagar o que ele tinha feito em relação à política indianista. Ele produziu muita coisa, deu uma direção. Darcy é o ideólogo: aquele que levanta argumentos, desenvolve razões, torna-se um polemista e um publicista da sua causa. Darcy publicou *Os índios e a civilização*, sobre a integração dos povos indígenas no Brasil. É um senhor livro, apresenta a história do Brasil a partir da presença indígena, é o primeiro

a tornar a presença indígena central na formação brasileira. Mas a importância de Darcy vai além. Até hoje existe uma grande admiração pela figura de Darcy entre os técnicos da Funai. É um inspirador importante, mesmo fora do Estado: na Igreja Católica, no Conselho Indigenista Missionário, nas outras igrejas, nas escolas que atuam com indígenas... Darcy criou um modo de pensar sobre os indígenas que é muito vivo.

NA: No romance *Maira*, Darcy criou um índio fictício, com uma mitologia que funde várias mitologias. Um índio geral, que se via e era visto como índio pela sociedade, mas estaria integrado



a essa sociedade, com sua identidade diluída. Hoje há um movimento contrário, de afirmação das identidades indígenas?

JPO: Hoje há uma preocupação dos indígenas em buscar origens étnicas mais específicas. Nenhum deles afirma que não é indígena – e embora às vezes algum jovem possa dizer “Ah eu não sou índio...”, isso não é representativo. Todos se consideram indígenas porque o índio é uma condição política no Estado

brasileiro, eles têm direitos enquanto indígenas. Mas, para além disso, eles têm horizontes diferentes, por suas culturas, suas línguas, suas experiências históricas muito diversificadas. O que marcou a atuação do Darcy é a ideia de que o caminho, a salvação do indígena passa pela ação do Estado brasileiro. Daí vem sua grande admiração por Rondon e os militares positivistas que criaram a República. Mas hoje a perspectiva dos movimentos indígenas, dos intelectuais e outros atores é bem diferente.

O Darcy da criação do Parque do Xingu continua vivo. No fundo, o Xingu é o nasci-

mento de todas as terras indígenas brasileiras, é o modelo que vai ser reproduzido em todas as terras indígenas brasileiras, muito diferentes do que eram as missões religiosas e a atuação do SPI. A Constituição de 1988 torna isso mais forte. Mas, se a questão do território permanece viva, hoje os indígenas falam sobre protagonismo, não querem ter salvadores, não querem mais ter no órgão deles uma fotografia do Rondon. Eles querem colocar seus chefes, seus avós, seus pais, aqueles que lutaram pelo processo. É outro momento. Para Darcy isso certamente seria novo, ele não viveu essa realidade que começa a se esboçar nos anos 1980.

A vida nas aldeias do Parque Indígena do Xingu, entre povos das etnias Yawalapiti, Kalapalo, Kamayurá, Kuikuro, Txicão, entre outras

Michael Friedel | Acervo Fundação Darcy Ribeiro



NA: A partir de 1964, Darcy amargou o exílio na América Latina. No exterior sentiu a necessidade de escrever a “antropologia da civilização” dos últimos dez mil anos. Ele diz que empreendeu esse voo tão amplo – que exige inegável amplitude intelectual e ousadia – para finalmente poder compreender o povo brasileiro.

JPO: Acho que foi um período de adaptação à América Latina. Quem sai do Brasil e vai para o México, para o Peru, sente logo a imensidão de séculos, de milênios de história antes da chegada dos colonizadores. Darcy acaba mexido por isso. Tenho usado Darcy em cursos e os alunos sempre se encantam. Darcy tem um texto, antes do livro *Maira*, sobre o indígena Uirá que saiu a procura de deus – uma descrição fantástica, um exercício de antropologia processual, que relaciona tempos históricos largos, cosmologias diversas.

Essa antropologia, essa conexão maior com a força criadora – que era de natureza política, pensava em criar alternativas para o país, para os índios, para a ciência – se perdeu um pouco e acabou se transformando na aventura do antropólogo se tornar um especialista em detalhes, sem maior compromisso com o conjunto das coisas. Mas a antropologia não é isso. Embora existam trabalhos detalhistas sobre algum aspecto, o antropólogo está tentando entender a totalidade. Exercícios importantes da antropologia não são só aqueles *a la Malinowski*, estudar o povo Trobriand no outro lado do mundo; em muitos casos são para entender processos da sociedade em que se vive, o papel do parentesco, das emoções, da cultura, do sangue – uma série de coisas que são muito ricas, vivas e pouco estudadas.

NA: Temos povos originários em toda a América Latina. Qual a diferen-

ça do Brasil para seus vizinhos latino-americanos, principalmente os Estados que se proclamam plurinacionais?

JPO: Temos uma política avançada para a definição dos territórios, mas a Constituição de 1988 não toca na plurinacionalidade. O território é pensado de um modo muito livre e criativo, como um espaço que pode abrigar uma diversidade forte e desenvolver relativa autonomia. No entanto, em muitos outros aspectos, as coisas no Brasil estão muito atrasadas. Por exemplo, o reconhecimento das línguas indígenas. Existem municípios no Brasil que já reconhecem o uso de línguas indígenas, São Gabriel da Cachoeira é um. Mas na minha área de pesquisa, no Alto Solimões, onde mais de 30% da população rural do município é indígena, até hoje não houve reconhecimento das línguas indígenas.

Um aspecto mais dramático é a própria consciência do brasileiro. O brasileiro continua vendo a questão indígena no Brasil de um modo limitado, porque a presença indígena foi apagada da nossa história. A dificuldade para o brasileiro é começar a pensar e entender um Brasil em que a questão indígena é tão importante. Não temos uma compreensão razoável da importância da presença do indígena na vida política e econômica do país, por isso estamos sempre pensando neles como meia dúzia de pessoas que precisam ser tratadas de modo humanitário. Essa era a ideologia no tempo do Darcy, mas é impossível atualmente. Hoje não há mais o Estado que defende o indígena – na verdade, ele está agindo contra o indígena, por meio de hidrelétricas, de estradas, de concessões de terra. O Estado não é mais o que Darcy conceituava, uma força benéfica para o desenvolvimento da nação e da cidadania. Virou um instrumento de violência, de expropriação da população. Por isso, é preciso pensar o Brasil de outra maneira.



Acho que o indígena brasileiro ainda é visto como no passado: muito bravo, que não aceita o catecismo, que vive rebelde, despido dentro da sua comunidade. Mas não é isso. Criamos essa exotização da presença indígena, que nos impede de entender como o país está montado.

O grande exercício a se fazer no Brasil é repensar essa história indígena. Repensar o nosso passado indígena e o nosso presente indígena. Não é nos assumirmos indígenas e, em algum momento, colocar na rede social “eu sou guarani-kaiowá”. É compreender que temos conexões com a formação deste país, na qual a presença indígena



Crianças Kaapor com arcos e flechas numa pequena vila e em uma aldeia no Maranhão. Ao mirarem as flechas para o alto, o gesto sinaliza seu desejo de comunicação, não de ameaça

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

está completamente imbricada. Ela foi apagada, mas basta um pequeno exercício para enxergar dentro das famílias os sinais evidentes. O Antonio Callado escreveu *A Expedição Montaigne*, em que um indígena do Xingu faz uma expedição para trazer de volta índios dominados pela civilização. E usa a ideia de que é preciso enfiar a presença indígena pelas veias brasileiras – como se fosse uma pororoca – para que eles possam realmente compreender o país que existe. Nós precisamos de uma pororoca indí-

gena dentro das nossas veias, dentro das nossas cabeças, para conseguir enxergar o Brasil de hoje.

NA: A ideia de democracia racial que o Darcy traz no livro *O povo brasileiro costuma hoje ser acompanhada da palavra mito, o “mito da democracia racial”*. Essa é uma ideia datada? É preciso entender o contexto em que ele a cunhou? Ou é preciso relativizá-la?

JPO: Acho que essa ideia ainda está muito viva. Ela é sempre recusada, mais ou menos como o racismo – ninguém se considera racista no Brasil, mas conhece alguém que é racista. Esse é o paradoxo: ninguém crê completamente na democracia racial, mas reflete como se o Brasil fosse uma democracia racial. A história do Brasil é toda contada dessa maneira. Há pouco fiz um livro chamado *O nascimento do Brasil* em que enfoco a formação do país a partir dos primeiros momentos. E a imagem da primeira missa, uma das mais conhecidas, representa perfeitamente a construção da democracia brasileira. Há conagraçamento, amizade, missionários distribuindo crucifixos para os indígenas em volta, soldados encantados com as índias... É o mito da harmonia, da inexistência de conflito. Isso é parte de um processo de dominação muito pesado. As pessoas imaginam que os índios desapareceram. Estavam ali assistindo, como na pintura do Victor Meirelles, depois morreram lá pela floresta e acabou... Não foi assim.

Rondon cunhou a frase “morrer, se preciso for, matar nunca”. No Brasil, o exército nunca combateu os indígenas, não capturou, não matou, não tomou terras de índios; mas a história revela que o Estado foi conivente com as ações de particulares, com a mesma consequência. Toda a ocupação de grande parte da floresta amazônica, no século XIX, por causa da borracha, está coalhada

de eventos violentos. No sul do Brasil, o povo Kaingang, que ocupava desde São Paulo até o Rio Grande do Sul, um povo enorme, foi dividido,ilhado por uma série de colônias europeias... A história brasileira está marcada pela intolerância, pela violência. É uma história muito dura, mas pouquíssimo conhecida.

É por isso que as pessoas têm uma visão tão superficial da Amazônia: porque observam de um modo equivocado e não entendem que a violência está ali, é fato atual, corrente e vem de séculos. Não é só a violência da grande empresa, é a violência do garimpeiro, dos pequenos patrões, dos posseiros – todos se sentem superiores, com autoridade para matar índio. É muito oportuno continuar falando contra a democracia racial brasileira e mostrar quanto ela acoberta aspectos violentos e pensar o que precisa ser corrigido. Porque a sociedade brasileira é baseada na hipocrisia.

1 *A lágrima Ticuna é uma só*. Org. João Pacheco de Oliveira Filho. Benjamin Constant: Magüta - Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, 1988, p. 4. Disponível em: encurtador.com.br/prAOQ

2 Declaração de Barbados I - Pela libertação do indígena. <https://bit.ly/3eA6DcS>
Consultado em 17 de outubro de 2022.



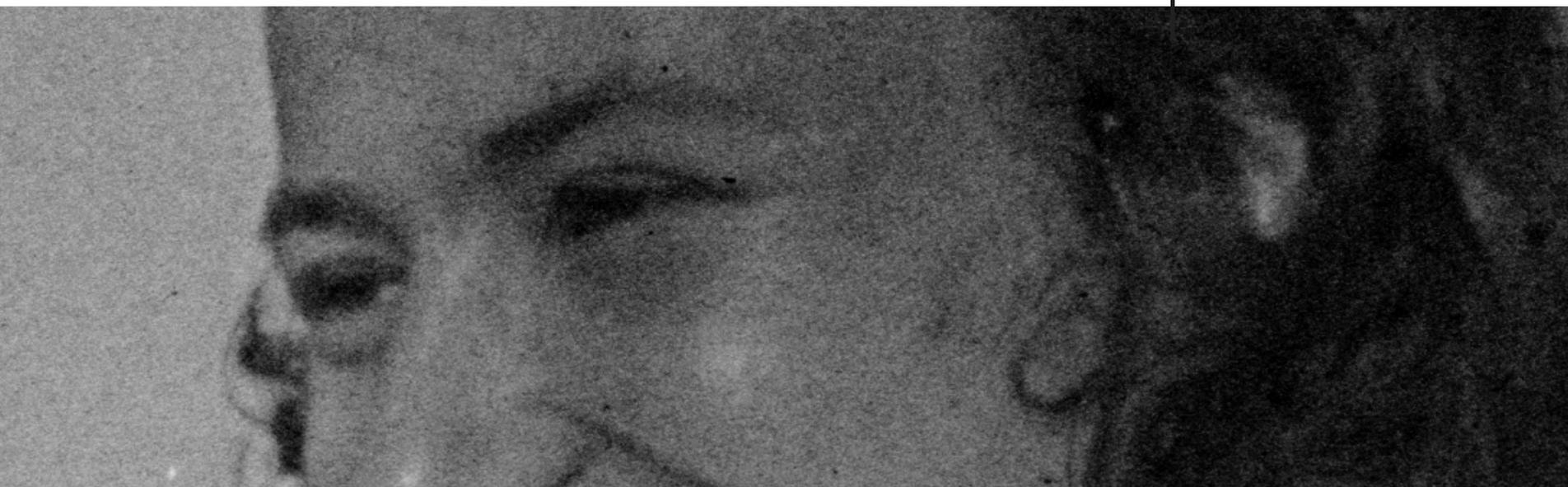
Acesse o conteúdo completo da entrevista pelo QRcode acima

Equipe CBEAL • Alexandre Barbosa, Eduardo Rascov e Maristela Debenest

**Darcy e Berta produziram dezenas de
imagens fotográficas dos Ofayé e demais
indígenas do sul de Mato Grosso**



Pelos olhos de



Berta e Darcy

Julia Falgeti Luna

Pesquisadora escreve sobre acervo fotográfico, desconhecido até 2010, das populações indígenas que viviam no sul de Mato Grosso na década de 1940

O casal Berta e Darcy Ribeiro participou de uma expedição ao sul do Mato Grosso, atual estado do Mato Grosso do Sul, no final da década de 1940. Um pouco antes, em 1947, ainda solteiro, Darcy havia ido somente com quadros do SPI à mesma região para realizar pesquisa com os indígenas Kadiwéu remanescentes do grupo Mbayá-Guaikuru¹. Ambas as viagens foram ligadas ao antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), extinto em

1967 (deu lugar à Fundação Nacional do Índio, Funai). No livro *Confissões*, de 1997, Darcy relata que na primeira viagem houve uma troca mútua entre os indígenas e ele “porque tanto eu os estudava, como eles estudavam a mim”².

Na segunda viagem, entre junho e outubro de 1948, Darcy retornou ao sul de Mato Grosso casado e acompanhado de Berta – uma etnóloga que iniciou sua carreira muito antes da formação acadêmica. Ela participou ativamente das pes-





Cena doméstica dos Ofayé em torno do chimarrão, costume incorporado dos não-índigenas que ocuparam seu território ancestral. O chefe da família é quem despeja água quente na cuia com mate, que a esposa fará circular pelos parentes: o neto, o genro e a filha

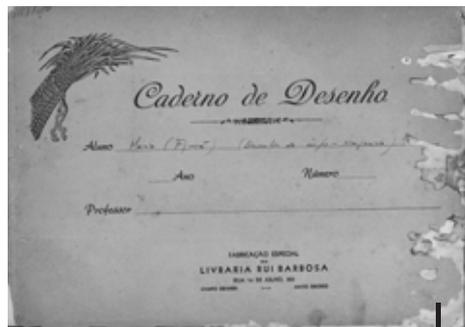
Acervo Museu do Índio | Funai

quisas desenvolvidas pelo companheiro, o que demonstra seu protagonismo e um exímio aprimoramento da prática antes da teoria. É o que conta Darcy, na página 104 de suas *Confissões*:

“Eu já tinha estado uma temporada com aqueles índios [os Kadiwéu], que se surpreenderam demais de me ver voltar casado [...]. Ali ela [Berta] deu dois passos remarcáveis. Colaborou de forma assinalável comigo como auxiliar de pesquisa e teve sua primeira formação como etnóloga capacitada para observação direta. Nos anos seguintes, Berta aprofundou seus estudos me ajudando a elaborar os materiais colhidos, na redação de meus livros sobre a arte, a religião e a mitologia dos Kadiwéu.”

Embora os indígenas Kadiwéu tenham sido o objeto de pesquisa de Darcy Ribeiro, na página 124 do mesmo livro ele menciona que junto com Berta também visitou os Kaiowá e os Terena: “Decidi-me, então, antes de chegar a seus aldeamentos, visitar, para observação mais do que pesquisa, os outros índios do Sul de Mato Grosso. Assim é que vi as três tribos principais – os Kaiowá, os Terena e os Ofaié. Não fui ver o quarto grupo, os Guató, porque, como um povo de canoeiros, eram difíceis de encontrar. Estavam sempre navegando de uma ilha a outra no alto Paraguai.”

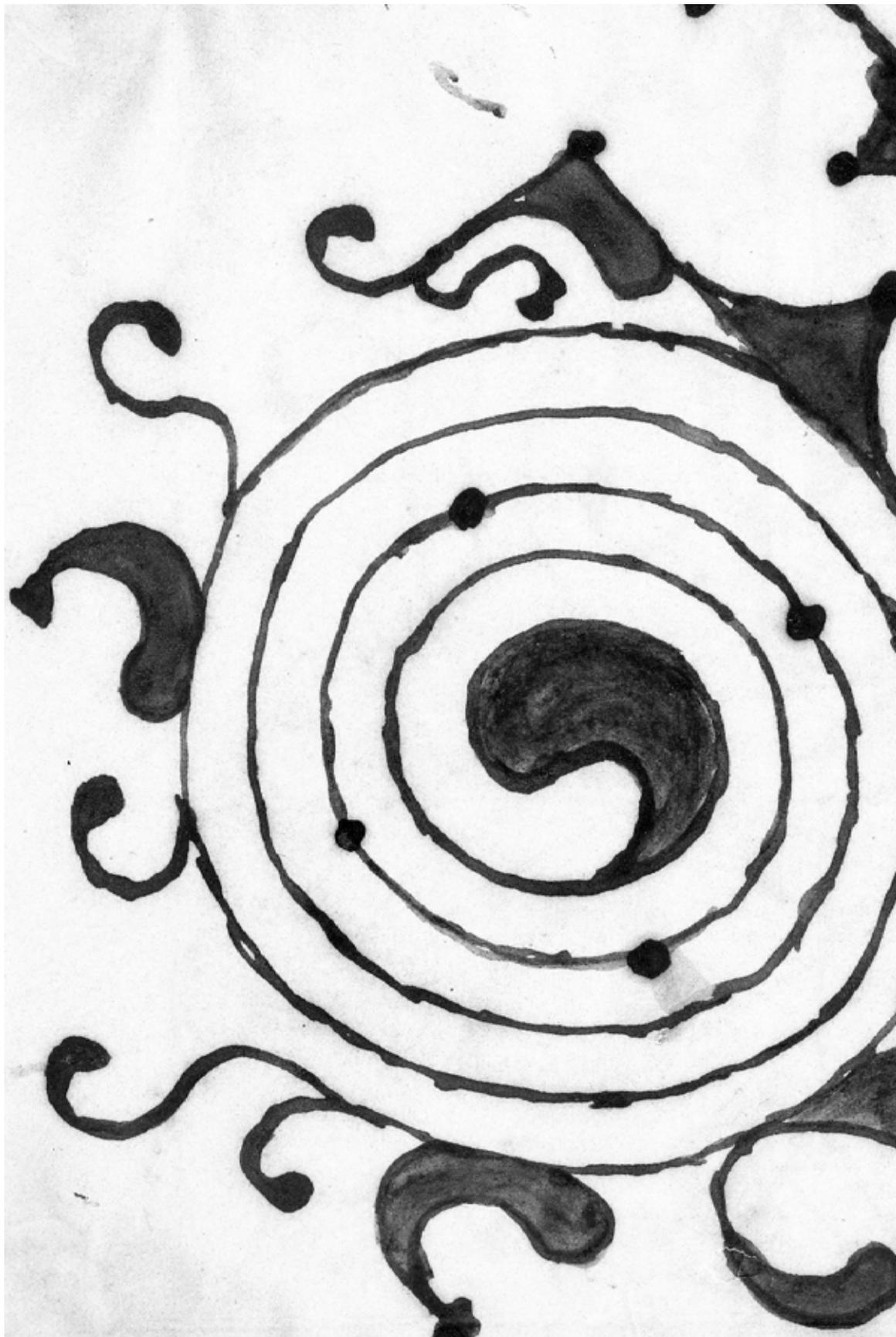
Foram quatro semanas de convivência com os Ofayé³, um grupo de dez pessoas, duas famílias cujos líderes eram os irmãos Otávio e José. Em 1951

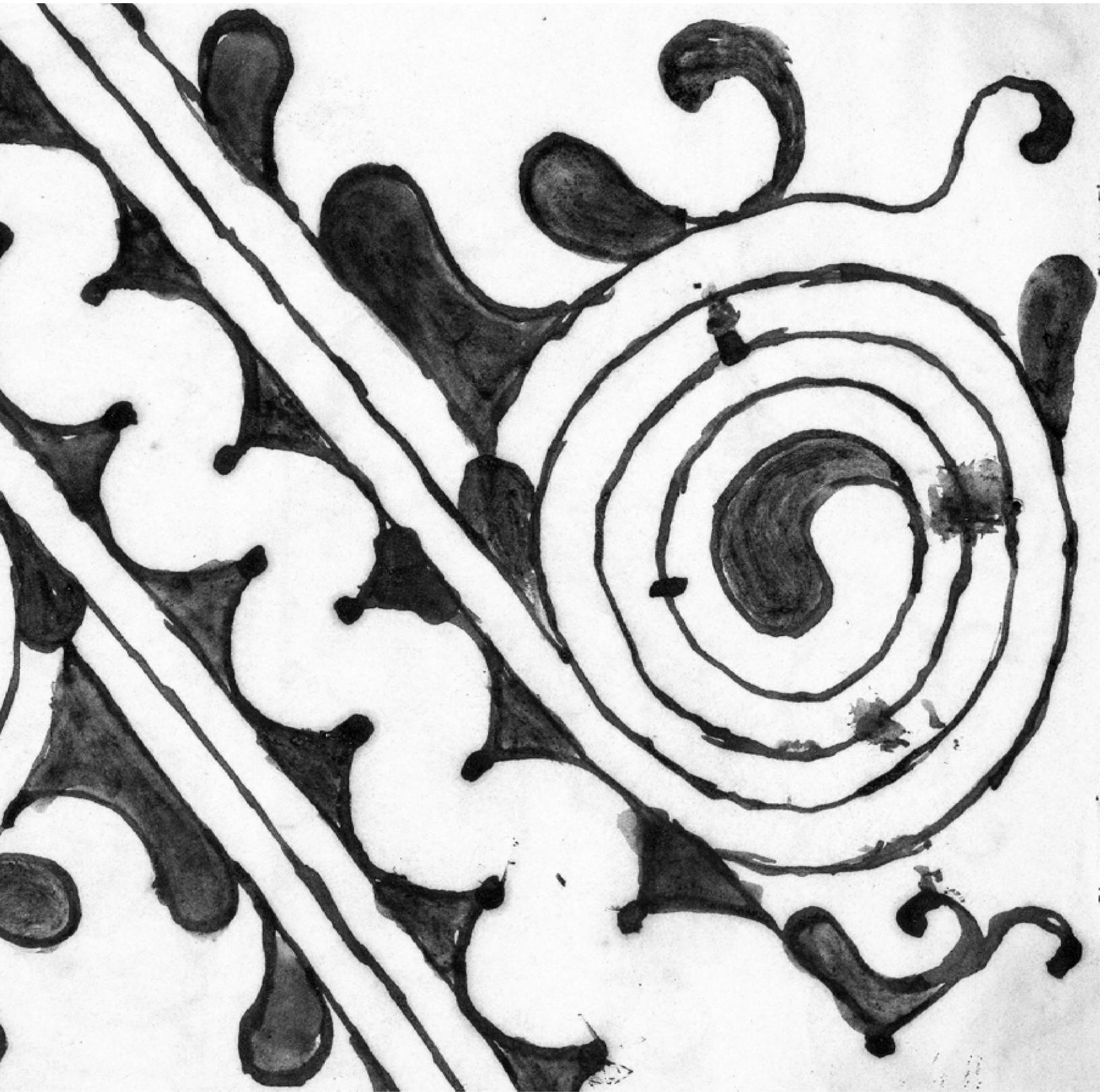


O caderno de desenho acima é de Anoã, a principal artista que Darcy e Berta encontraram entre os Kadiwéu. Darcy explica que, entre esses indígenas, "o desenho é uma arte feminina".

O grafismo ao lado e os das demais páginas fazem parte da coleção de cerca de mil desenhos coletados nos trabalhos de campo junto àquele povo

Acervo Fundação Darcy Ribeiro







Darcy publicou o artigo “Notícias dos Ofaié-Chavantes” na *Revista do Museu Paulista*, texto com aspectos históricos, linguísticos, mitológicos e memória, ilustrado por oito fotografias do grupo.

Em entrevista no ano de 1997, publicada em *Horizontes Antropológicos*, Darcy Ribeiro relatou sobre sua visita aos Ofayé:

“Havia um outro grupo indígena lá, que era o dos Ofaié-Xavante. Era um grupo de dois mil índios, ao princípio do século. Quando cheguei lá, tinha menos de dez, dos quais cinco falavam a língua. Eu fui passar um mês com eles. Colhi a mitologia deles e vi o que é o fim de uma tribo, é uma coisa incrível. Naqueles dez índios, homens, mulheres e crianças, vivia um povo, com concepções sobre si mesmo, com uma mitologia, com costumes que não podia desempenhar.”⁴

Ainda que não as mencione na entrevista, Darcy e Berta produziram 84 imagens fotográficas dos Ofayé e demais indígenas do sul de Mato Grosso. Essas fotografias eram desconhecidas até 2010, quando o antropólogo Milton Guran as encontrou, junto a um conjunto de cerca de 20 mil itens e 2 mil negativos, em um arquivo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Além de trazer novos elementos à documentação sobre os Ofayé, essas fotografias registram a presença do grupo nas proximidades do Rio Samambaia, fato altamente negado pela história dita oficial da colonização

Na segunda viagem ao Mato Grosso do Sul, Darcy Ribeiro encontrou duas famílias Ofayé às margens do Ribeirão Samambaia. Conviviam com colonos brancos que tinham recebido do Estado o usufruto daquelas terras. Em 1992, uma pequena parcela do território foi legalmente reconhecida como indígena. A Terra Indígena Ofaié-Xavante, porém, até hoje não foi demarcada nem homologada

Acervo Museu do Índio | Funai



**Foram quatro semanas de
convivência com os Ofayé, um grupo
de dez pessoas, duas famílias**

Mesmo posada, a cena retrata o cotidiano de maternagem das meninas e adolescentes indígenas: a mais velha carrega a pequena irmã. As vestimentas e os adornos indicam a incorporação pelos Ofayé de padrões estéticos da sociedade circundante, com destaque para o anel prateado da criança de colo

Acervo Museu do Índio | Funai

não-indígena. Essas imagens revelam a dinâmica do povo, seus costumes, a adaptação de elementos não-indígenas à cultura e, principalmente, a interação com o casal Ribeiro.

Preocupado com a situação dos Ofayé, Darcy articulou, juntamente com o Museu Nacional, uma visita da linguista Sarah C. Gudschinsky ao mesmo grupo indígena visitado por ele e Berta em 1948. Era o ano de 1958 e Sarah encontrou os Ofayé em número ainda mais reduzido: dos dez integrantes do final da década anterior, apenas quatro residiam no local. Gudschinsky era coordenadora internacional de alfabetização do Summer Institute of Linguistic (SIL). O SIL é uma missão evangélica criada nos EUA nos anos 1930 com o objetivo de traduzir textos bíblicos para línguas ágrafas, possibilitando a evangelização por meio da tradução. A linguista, primeira mulher da entidade a obter o título de PhD e a compor o conselho de administração do SIL, atuou como alfabetizadora no México e no Brasil. Os trabalhos do SIL se expandiram pela América Latina, sobretudo, por meio de alianças intelectuais. No Brasil, Darcy Ribeiro destacou-se como *padrinho* e facilitador de contatos da instituição.

Na década de 1970, Darcy Ribeiro publicou a obra *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*, na qual cunhou o termo “extinção” dos Ofayé. Essa não é, contudo, uma informação verídica: a etnia não se restringia àquela unidade tribal única, mas vivia dispersa por vários grupos que migraram e estabeleceram morada em diversas localidades do sul





O sorriso de Berta entre mulheres dos dois núcleos familiares Ofayé: a troca de olhares sugere alguma cumplicidade entre as indígenas e a etnóloga em formação. Seu trabalho de documentação deu visibilidade a essas mulheres e contribuiu significativamente para o estudo dos povos indígenas. Ao mesmo tempo, abriu-lhe espaço na etnologia brasileira.

Acervo Museu do Índio | Funai

de Mato Grosso. Tanto que na atualidade um grupo de indígenas Ofayé vive no município de Brasilândia, MS. Os Ofayé visitados pelo casal Ribeiro em 1948 e registrados em fotografias, possivelmente terão enfrentado adversidades que os impossibilitaram de continuar existindo como grupo étnico.

1 Segundo o historiador Giovani José da Silva, autor de *A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história* (Editora UFGD), os Mbayá-Guaikuru se deslocaram, provavelmente entre os séculos XVIII e início do XIX, de seu território tradicional, localizado no Gran Chaco paraguaio, para a margem esquerda do Rio Paraguai. Os Kadiwéu seriam os últimos Mbayá-Guaikuru a migrarem do Chaco paraguaio para o atual Mato Grosso do Sul.

2 RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 124.

3 A grafia do etnônimo Ofayé apresenta variações. A escrita com y está de acordo com a convenção estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia, em 1953. Mas a palavra também pode ser grafada com i, pois Curt Nimuendajú – o primeiro etnólogo a fazer contato com o grupo e a grafar seu nome, com i e não y (Ofaié) – indicou que essa grafia seria a mais adequada. Contudo, exceto nas citações, o etnônimo utilizado neste artigo é Ofayé.

4 GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; GRUPIONI, Maria Denise Fajardo. “Entrevista com Darcy Ribeiro”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 3, n. 7, nov. 1997, p. 167. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/Kwvvsyt4PC4pB-VY4bBnwCCMm/?lang=pt&format=pdf>.

Julia Falgeti Luna • Doutoranda em História na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), desenvolve pesquisa com fontes históricas e fotografias produzidas no sul de Mato Grosso. O tema da sua dissertação de mestrado foi *Retratos e relatos etnográficos de uma viagem ao rio Samambaia, sul de Mato Grosso: os Ofayé em fotografias de Berta e Darcy Ribeiro*.





Aos 26 anos, em sua iniciação às culturas indígenas, Berta ostenta a bela e característica pintura dos Kadiwéu, povo que historicamente ocupava a porção meridional do atual Estado de Mato Grosso do Sul

Acervo Museu do Índio | Funai

“Eu amava a vida e fui para o campo de batalha”

Yolanda Lima Lôbo

Reinventando-se vida afora, Berta Gleizer Ribeiro tornou-se antropóloga internacionalmente conhecida por seus estudos sobre a cultura material dos indígenas brasileiros

“Conheci Berta num comício, quando pedi um cigarro a um companheiro que sustentava outra vara da faixa que abríamos. Ela veio trazer. Nunca mais me deixou. Soube depois o segredo dos mistérios dela, complicadíssima para namorar. Ela era a irmã menor que ficara escondida no Brasil, quando Jenny, a mais velha, jovem ativista, foi banida junto com Olga Benário, a mulher de Prestes, para ser mandada para um campo de concentração na Alemanha.”

Darcy Ribeiro¹





Bertha (com th), segunda filha do casal Motel Gleizer e Rosa Sadovnic, nasceu em Beltz, província romena da Bessarábia, em 2 de outubro de 1924. Seu pai, líder sindical e comunista, veio sozinho ao Brasil em 1929 para fugir da perseguição a judeus e a comunistas. Mas em 1932, após o suicídio da esposa, voltou à Romênia para buscar as filhas Genny (ou Jenny) e Bertha. Pai e filhas se estabeleceram na cidade do Rio de Janeiro, na área da antiga Praça Onze, onde se concentrava a comunidade judaica. Genny, militante da Juventude Proletária e Estudantil, mudou-se para a capital paulista, onde foi presa e deportada pelo Governo Vargas em 1935. Seu destino seria a Alemanha, mas foi resgatada por membros do Partido Comunista Francês em meio ao trajeto. Algum tempo depois, Motel Gleizer deixou Bertha aos cuidados do Partido Comunista e embarcou para a França, a fim de encontrar Genny. Acabou preso e foi enviado a um campo de concentração, onde morreu.

Aos doze anos de idade, o que mais o destino reservaria a essa adolescente

órfã, além do esconderijo em uma casa desconhecida, a exclusão da letra *h* de seu nome (que passou a ser Berta) e, principalmente, a necessidade de esconder de todos que era irmã de Genny? Coube a Berta reinventar-se.

Aos cuidados da família Frydman, Berta segue para São Paulo e procura um espaço para redesenhar sua vida. Ingressa no curso de datilografia e, aos 16 anos, começa a trabalhar como datilógrafa. Ao alugar um quarto em uma pensão, brotam-lhe sentimentos de alegria e felicidade, por ter seu próprio recanto. Conclui o curso técnico de contabilidade na Escola de Comércio Álvares Penteado. Conhece Darcy Ribeiro em um comício do Partido Comunista, em 1946. Casam-se em maio de 1948 e fixam residência no Rio de Janeiro. No ano seguinte, Berta acompanha Darcy no trabalho de campo entre os índios Kadiwéu, Kaiowá, Terena e Ofaié-Xavantes, no sul do Mato Grosso.

A década de 1950 desponta promissora para o casal. Berta cuida de sua formação profissional em duas frentes: ingressa no bacharelado em Geografia e História da Universidade do Distrito

Embora os olhos baixos denotem timidez, as mulheres Ofayé foram as principais responsáveis pela apresentação das danças e cantos gravados pelo casal. Darcy explica tratar-se de “cantos sem palavras em que o efeito do coro é conseguido apenas pela diferença de vozes”

Acervo Museu do Índio | Funai

Federal e prossegue acompanhando o trabalho de campo do marido, agora junto às populações indígenas Kaingang e Xokleng. Cria modelos de fichas com registros pormenorizados das culturas dessas tribos indígenas. Em 1953, inicia seu estágio na Divisão de Antropologia do Museu Nacional e conclui os estudos de classificação dos adornos plumários: *Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil* (livro lançado em 1957). Como naturalista da Divisão de Antropologia do Museu, dedica-se a estudos sobre o curare e sobre adornos plumários.

Quando Darcy aceita o convite do Presidente Juscelino Kubitschek para compor a equipe que elaborou as diretrizes para o setor educacional do seu governo, em 1955, o casal se muda para Brasília. Em 1961 Darcy assume o cargo de reitor da Universidade de Brasília e, no ano seguinte, o de ministro da Edu-

cação e Cultura. Berta acompanha-o com discrição, enquanto escreve e prossegue com suas pesquisas bibliográficas.

Em 1964, com o golpe militar que cassa os direitos políticos de Darcy, o casal se exila no Uruguai. Berta continua sua pesquisa bibliográfica e revisa as traduções para a série “Estudos de antropologia da civilização”, de autoria do marido. Em 1968, quando Darcy retorna ao Brasil e é preso por oito meses, Berta revive os sentimentos de perplexidade experimentados antes, na prisão e deportação da irmã, na prisão e morte do pai. Não desiste da luta, que também era sua. Após a soltura do marido, o casal segue para a Venezuela, em seguida para o Chile e depois para o Peru. No Peru, Berta retoma os estudos acadêmicos com a intenção de concluir o mestrado, com a dissertação: “Crianças trabalhadoras: trabalho e escolaridade de menores em Lima”.

O retorno ao Brasil em 1974 não foi fácil, pois com ele veio a separação do casal. Um novo ciclo de vida se apresenta a Berta: aos 50 anos de idade, mais um momento de se reinventar. Recomeça como consultora do projeto de criação do Centro de Documentação Etnológica e Indigenista do Museu do Índio, ligado à Fundação Nacional do Índio (Funai). Simultaneamente, assume o cargo de assistente de direção da Editora Paz e Terra. Retoma seus estudos de pós-graduação e, sob a chancela do Museu Nacional, apresenta projeto de pesquisa sobre a cultura material indígena solicitando uma bolsa ao então Conselho

Em suas *Confissões*, Darcy conta que Berta “montou pela primeira vez num cavalo para andar dez léguas” até os aldeamentos indígenas. No meio da viagem, porém, foi preciso arranjar uma carroça para transportá-la

Acervo Museu do Índio | Funai



“Não tenho família, nem marido, nem filhos. Sou sozinha. Só tenho mesmo meu trabalho com os índios. Devo a eles o que sou.... Eu me sinto Desâna”²

Nacional de Pesquisas (CNPq). Com a bolsa concedida, faz diversas visitas a aldeias indígenas da região dos rios Xingu e Negro, elaborando a classificação tipológica e taxonômica dos trançados dos índios do Brasil. Em 1980, conclui o doutorado em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

Berta participa da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas, coordenada pelo Conselho Indigenista Missionário, e do Movimento pela Anistia. E produz em ritmo intenso: volta a trabalhar no Museu do Índio, no Rio, formula o plano diretor do Museu do Índio de Brasília, coordena o comitê editorial da *Suma etnológica brasileira* (obra em três volumes), retoma o trabalho de campo junto às populações indígenas, organiza exposições, escreve e publica artigos e livros. Em suas viagens, documenta a arte gráfica e de trançado e as técnicas de tecelagem, de cerâmica e de pesca dos índios do Alto Xingu – conjunto de fontes iconográficas, fotos e desenhos indígenas coletados nas aldeias que resultaram na produção de documentários premiados. Nesses trabalhos de campo conhece o grupo indígena Desâna, com quem estabelece uma convivência de amizade e colaboração – dela resulta a organização do livro *Antes o mundo não existia – Mitologia dos antigos Desana-Kehiripôrã*, de Umusi Pärökumu e Törãmã Kehí, pai e filho, também chamados de Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana. Além de organizar o livro para a edição, Berta escreve sua introdução, as notas e as legendas das ilustrações feitas pelos próprios Umusi e Törãmã. Ela também retoma os estudos em etnobotânica (O saber indígena, a natureza humanizada) e etnozologia (A natureza domada), que compõem seu livro *O índio na cultura brasileira* (1987). Em 1988, aprovada em concurso, assume a docência em Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Durante a Eco-92, a antropóloga expôs o impacto do garimpo sobre as populações indíge-



B
E
R
T
A

B
E
R
T
A

Saída de seu primeiro batismo de fogo como etnóloga prática, Berta passa a ver os povos indígenas com olhos estudiosos, mas também amorosos.

Acervo Museu do Índio | Funai

nas. Com imagens, depoimentos e documentos reunidos na exposição *Amazônia Urgente*, exibida na Estação Carioca do metrô do Rio, fez saber ao mundo que os garimpeiros estavam explorando áreas indígenas ricas em jazidas de ouro e cassiterita, sem autorização dos índios e da Funai, e denunciou o descaso das autoridades locais. Levou essa exposição ao Salão Negro do Senado Federal, como instrumento para chamar a atenção e responsabilidade dos senadores sobre a política indigenista praticada no país, de descaso oficial para com os índios.

Em todos os seus trabalhos, Berta procurou mostrar aos brasileiros o legado “decisivo, primordial e permanente” da cultura indígena para a formação do povo brasileiro: “o respeito, o amor e a humanização da natureza como fonte de recursos à alimentação e ao bem-estar do homem e à cura de suas enfermidades”.

Berta faleceu em 17 de novembro de 1997. Antes de partir, concluiu a tarefa de organizar seu arquivo, para uni-lo ao de Darcy, e deixá-lo como legado aos estudiosos, no Memorial Darcy Ribeiro na UnB, em Brasília.

1 RIBEIRO, Darcy. *Confissões*, São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 138.

2 Berta para a amiga Maria Stella Amorim, cf. Rachel Viana, em *Fazimentos*, caderno n. 9, Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

Yolanda Lima Lôbo • Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense. Autora dos volumes *Bertha Lutz* e *Cecília Meireles*, da Coleção Educadores, edição do Ministério da Educação (www.domininiopublico).

Mesa solene na inauguração da Universidade de Brasília, em 1962. Além de Darcy Ribeiro, primeiro reitor da UnB, que discursa ao microfone, estão Antonio Ferreira de Oliveira Brito, ministro da Educação e Cultura, José Sette Câmara Filho, prefeito de Brasília, Hermes Lima, chefe da Casa Civil da Presidência da República

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



“Utopia é inventar o país que você quer”

Lúcia Velloso Maurício

Autonomia para educandos e educadores em um ambiente de responsabilidade coletiva pelo processo educativo e pela valorização do fazer realiza o potencial do povo, ensina Darcy

A arquitetura de Oscar Niemeyer tornou-se marca registrada dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) implantados pelo vice-governador Darcy Ribeiro durante o primeiro governo fluminense de Leonel Brizola (1983-1987). O da foto foi construído no bairro de Acari, um dos mais pobres da cidade do Rio

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



O senador norte-americano Edward Kennedy visita um CIEP em companhia do governador Leonel Brizola e seu vice, Darcy Ribeiro. Visitas aos CIEPs faziam parte da agenda oficial do governo do Rio. Também visitaram CIEP figuras ilustres como o presidente da França François Mitterand, Nelson Mandela, Mikhail Gorbachev e Luis Alberto LaCalle, presidente do Uruguai

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



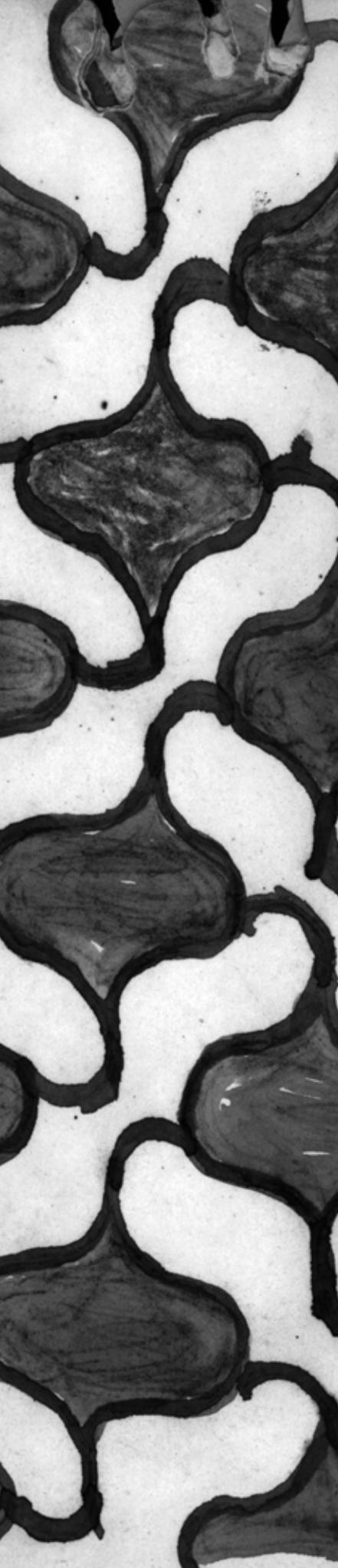
Além da irreverência e rebeldia, a atuação de Darcy Ribeiro na educação revela traços muito fortes de sua formação. Ele levou para toda a sua vida pública o compromisso social que firmou na juventude, em sua militância entre os comunistas. Compromisso social que alimentou a luta em defesa da escola pública na década de 1960, junto a Anísio Teixeira; fundamentou sua proposta de educação superior, materializada na Universidade de Brasília (UnB) e na

Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF), além de outras instituições universitárias fora do Brasil; orientou a implantação de escolas públicas em tempo integral para as classes populares, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), desde meados dos anos 1980; e, já no final de sua vida, impregnou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), da qual foi relator.

“Tudo que diz respeito ao humano, suas vidas, suas criações, me importam supremamente. Dentro

do humano, o povo brasileiro, seu destino é o que mais me mobiliza [...]. Acho que aprendi isso, ainda muito jovem, com os antigos comunistas. Imbatíveis em sua predisposição generosa de se oferecerem à luta, por qualquer causa justa, sem mais querer que o bem geral.”¹

A convivência por dez anos em aldeias indígenas deixou marca visível. Entre os índios a educação é comunitária, todos são responsáveis pela formação das no-



vas gerações. Os jovens e as jovens indígenas alcançam muito cedo autonomia para viver entre seu povo. Adquirem costumes, valores, rituais e procedimentos para a lida diária, seja para a produção de alimentos, caça, pesca, abrigo, seja para defesa, participação nos rituais ou qualquer outra ação necessária à sobrevivência de todos. As propostas de educação de Darcy Ribeiro traziam inscritas tanto a autonomia para educandos e educadores como a responsabilidade coletiva pelo processo educativo. E a valorização do *fazer*, como se pode identificar no programa de educação em tempo integral, na compreensão do ensino superior e na LDBEN.

“Nossos índios, por exemplo, têm seus sistemas educacionais muito melhores que o nosso. Aos quatorze anos um índio está completamente formado em índio. Tem perfeito domínio de sua cultura. Vai aprender muito mais ao longo de sua vida, tendo já o essencial, que é o domínio da língua, que lhe permite comunicar-se e adquirir uma compreensão geral da natureza das coisas. Além da capacidade de produzir o que consome e de reproduzir todos os bens de sua sociedade. Esta educação informal se realiza pelos mecanismos através dos quais a língua se transmite, juntamente com toda uma massa de conhecimentos e práticas aprendidas no convívio social.”²

Darcy foi tatuado por Anísio Teixeira, que o levou para a educação. Com seu mestre, aprendeu os fundamentos que se evidenciam na continuidade do trabalho entre ambos. Tiveram formação e trajetórias diferentes; entretanto, compartilharam a mesma convicção na potencialidade do povo que precisava de uma escola pública de qualidade para

Darcy era um intelectual público, que fazia do conhecimento acadêmico base para a intervenção na sociedade, sem dispensar a ousadia e a criatividade

dar a formação básica que fizesse desabrochar o homem comum brasileiro. Juntos defenderam a escola pública na época da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação; transformaram o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), desmembrado em centros regionais, em mola propulsora para o desenvolvimento de um sistema de educação brasileiro; criaram juntos a Universidade de Brasília; no Conselho Federal de Educação, Anísio Teixeira elaborou nosso primeiro Plano Nacional da Educação, cuja implantação Darcy Ribeiro iniciou, como ministro da Educação.

“Anísio foi a inteligência mais brilhante que conheci, filósofo, essencialmente um educador, um pensador e gestor das formas institucionais de transmissão da cultura e da educação escolar para integrar o Brasil na civilização letrada. Para ele, a escola pública de ensino comum é a maior das criações humanas, a máquina com que se conta para produzir democracia. O mais significativo instrumento de justiça social para corrigir as desigualdades provenientes da posição e da riqueza. Porém, deve ser uma escola de tempo integral para os professores e para os alunos, como meus CIEP.”³

Darcy, como outros de sua geração, foi um intelectual público, fazendo do conhecimento acadêmico base para a intervenção na sociedade. Esta concep-



O projeto pedagógico para o ensino de tempo integral veio embalado em um projeto arquitetônico inovador. Modulável, adaptável ao terreno disponível e ao tamanho do público a ser atendido, podia ser construído em tempo recorde graças à Fábrica de Escolas – onde se moldavam os elementos construtivos que conferiram identidade aos CIEP

Acervo Fundação
Darcy Ribeiro





A implantação das escolas de ensino integral não se restringiu aos novos prédios. Quando não havia terreno disponível, houve adaptações inovadoras. Um exemplo é o CIEP Presidente João Goulart. Instalado em uma construção abandonada, que foi desapropriada e reformada, passou a atender as crianças das favelas Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, em Ipanema

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



ção, resgatada, é indispensável para que a política e a ciência possam, juntas, construir uma civilização democrática e justa para todos. Para que a ciência é útil à política? Para promover o bem-estar do povo. Daí o papel indispensável das universidades: produzir conhecimento e tecnologia, envolvidos

pela compreensão humana da vida dos povos diversos.

Darcy Ribeiro costuma ser chamado de utópico. Mas sua utopia estava longe de ser sonho romântico, irrealizável. Darcy entendia a utopia como projeto de ação, como conhecimento da sociedade,

seu contexto e seus agentes, que permitissem traçar o futuro. Utopia para constituir aquele lugar que ainda não existe e pode existir pela ação humana. Utopia como projeto de intervenção política. Concluo com suas palavras, publicadas no *site* da Fundação Darcy Ribeiro:

“Quem tem um país para fazer, deste tamanho, que tem uma potencialidade imensa de ser uma das maiores civilizações do mundo, se não prefigurar na cabeça o que vai ser, se não inventar o país que há de ser, o país nunca vai dar certo. Então, utopia é inventar o país que você quer, por isso é que eu sou utópico, essencialmente utópico”.⁴



“Nossos índios, por exemplo, têm seus sistemas educacionais muito melhores que o nosso. Aos quatorze anos um índio está completamente formado em índio. Tem perfeito domínio de sua cultura”

Inauguração do Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília, setembro de 1995. Darcy Ribeiro (à direita) e Cristovam Buarque, devidamente paramentados com adereços plumários, participam da pajelança promovida pelos índios.

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB

1 RIBEIRO, Darcy. *Educação como prioridade*. Org. MAURÍCIO, Lúcia. São Paulo: Editora Global, 2018, p. 14.

2 *Idem*, p. 29.

3 *Idem*, p. 179.

4 RIBEIRO, Darcy. “Utopia como projeto. Memórias do futuro”. Fundação Darcy Ribeiro. Disponível em <https://fundar.org.br/utopia-como-projeto>.

Lúcia Velloso Maurício • Doutora e pós-doutora em Educação, é professora associada aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trabalhou com Darcy na implantação dos CIEP.

Retrato do educador Anísio Teixeira, que sucedeu Darcy Ribeiro na reitoria da UnB entre junho de 1993 e abril de 1994.
Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



Para superar o pauperismo sociocultural

Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira criaram a Universidade de Brasília no início dos anos 1960, uma experiência educacional histórica que influenciou as universidades futuras

Karen Fernanda Bortoloti

Compreender a história de nosso país – especialmente neste ano de 2022 em que comemoramos o bicentário de nossa independência política – deve passar também pelo entendimento de nossas instituições, em especial a que tece a sociedade: a universidade. A nossa foi tardiamente arquitetada, uma vez que até a elevação do Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarves os estudos superiores eram realizados, mesmo com todas as iniciativas dos jesuítas, apenas no além-mar. Somente os ventos trazidos pela República e o novo século (XX), colocaram o ensino superior na pauta das discussões sobre a construção do Brasil moderno.

O educador baiano Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) foi um dos intelectuais que mais atuaram para concretizar a ideia de uma nova universidade. Para ele, a universidade deveria partir de uma pedagogia que conservasse o permanente contato entre teoria e prática. Essa concepção surgiu a partir das leituras dos filósofos da educação John Dewey e William H. Kilpatrick e do contato com o ensino superior norte-americano, que Anísio conheceu quando estudava para a obtenção do título de Master of Arts pelo Teacher's College da Universidade de Columbia. Teixeira entendia o *fazer*, a prática do aluno, como ponto central do processo de aprendizagem, responsável pelo desenvolvimento democrático da sociedade e do cidadão dotado de mentalidade moderna, científica, e aberto à mudança e à colaboração.

O ponto de partida para a concretização dessas reflexões foi a criação, em 1935, da efêmera Universidade do Distrito Federal (UDF), cuja proposta diferenciada estava centrada na formação de professores e dos quadros intelectuais necessários ao país que

então se projetava. Apesar de inovadora, em diversos aspectos a empreitada era contrária ao pensamento dominante e, assim como muitas ações relacionadas à educação, não obteve o apoio esperado e necessário para sua manutenção. Esses ideais renasceram no início dos anos 1960, quando Anísio participou da concepção da Universidade de Brasília (UnB), ao lado de Darcy Ribeiro, a quem substituiu na reitoria. Assim como a UDF, a UnB nasceu com uma proposta inovadora e estratégica para o desenvolvimento nacional a partir da ciência.

O ensino superior e a universidade estiveram sempre presentes nas reflexões e ações de Teixeira sobre a educação brasileira. Ele projetou e assumiu o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que hoje leva seu nome; incentivou pesquisas a partir do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE), voltado a

conhecer a realidade educacional brasileira nacional e regionalmente; criou a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para fomentar a pesquisa, a expansão e a consolidação da pós-graduação *stricto sensu*.

Mesmo com os movimentos antedemocráticos que dominaram o cenário nacional e se estenderam por vinte anos, a UnB representou o primeiro grande

passo para a reforma da universidade brasileira que se iniciaria mais tarde. Muitas ideias nascidas com sua criação frutificaram e se desenvolveram em várias outras universidades, como a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). A Unesp foi estruturada em 1976 a partir dos institutos isolados (especialmente as faculdades de Filosofia), criados para a formação de professores em princípios dos anos 1960 e, posteriormente, para a formação pro-

outras e outros, contribuíram para a construção da identidade da universidade brasileira: *locus* de elaboração e consolidação da nação brasileira, resultado da articulação de políticas educacionais públicas e mecanismo indispensável para a superação do pauperismo sociocultural.

Anísio Teixeira discursa no Auditório Dois Candangos, quando da inauguração da UnB, em 1962

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



fissional, num modelo muito próximo às ideias de Teixeira. A Unesp, que hoje está entre as mais importantes do país, surgiu como uma forma de expandir e democratizar o acesso ao ensino superior no interior do Estado de São Paulo.

Sem dúvidas, as sementes lançadas por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Cecília Meireles, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Abdias do Nascimento, dentre

Karen Fernanda Bortoloti • Graduada e mestre em História, doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

UnB, a revolucionária universidade de Anísio e Darcy

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

“Aprendi com o mestre Anísio Teixeira que o compromisso do homem de pensamento é com a busca da verdade. Quem está comprometido com as suas ideias e a elas se apegando, fechando-se à inovação, já não tem o que receber e o que dar. É um repetidor. Só pode dar alguma contribuição quem está aberto ao debate.”

Darcy Ribeiro¹

A concepção de Anísio Teixeira sobre a universidade pública amplia a visão da incipiente tradição educacional brasileira, que restringia ao agrupamento, num mesmo espaço físico, de vários cursos superiores dedicados exclusivamente à formação de graduados para o mercado de trabalho.

A partir de Anísio, a universidade pública passa a ser compreendida como polo de irradiação científica, filosófica e cultural que possibilita o convívio, o intercâmbio de saberes e os estudos multidisciplinares entre docentes e discentes de diferentes áreas do conhecimento. Passa-se a priorizar também o aperfeiçoamento permanente do pessoal de nível superior em cursos de pós-graduação e na realização de pesquisas baseadas em análises, observações e experimentação de possíveis soluções para fatos e fenômenos relacionados à realidade contemporânea.

A primeira tentativa de Anísio Teixeira de estabelecer um novo projeto pedagógico para o ensino superior no Brasil ocorreu durante sua gestão à frente da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935), quando criou a Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935, na cidade do Rio de Janeiro. Ele pretendia que a UDF se tornasse um centro universitário de referência no país e para isso convidou



educadores e intelectuais renomados, brasileiros e estrangeiros, para compor o quadro docente da nova instituição de ensino. O projeto pedagógico da UDF definia que a universidade pública não deveria ter a função única e exclusiva de difundir o saber, limitando-se tão somente a conservar a experiência humana. A universidade deveria tornar-se também espaço democrático para a pesquisa interdisciplinar e experimental de novas teorias, novas técnicas, novos métodos e novas soluções viáveis para os vários problemas do mundo contemporâneo; para

a livre circulação e o debate de ideias; para a criatividade e a invenção; e para a formação de cidadãos cooperativos, dotados de iniciativa, pensamento crítico e reflexivo, participantes ativos nas tomadas de decisões políticas de interesse nacional.

Mas, coagido por falsas acusações de simpatia com o movimento da Intentona Co-

munista de 1935 e por ameaças constantes de prisão política por parte do regime varguista, Anísio pediu exoneração da Direção Geral da Instrução Pública do Distrito Federal e, assim, a UDF teve duração efêmera.

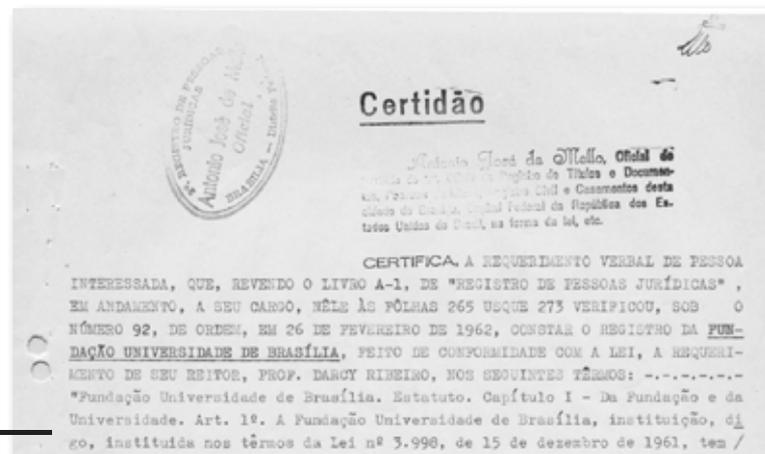


Vista aérea do grande ICC, o Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília, nos tempos da inauguração do campus – que hoje se leva o nome de Darcy Ribeiro

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB

Reprodução da certidão de registro da Fundação
Universidade de Brasília, expedida em 2 de março de 1962

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



Ela foi extinta e os cursos foram incorporados à Universidade do Brasil (hoje UFRJ) no início de 1939.

Anísio Teixeira teve outra oportunidade histórica de concretizar sua concepção para a universidade pública brasileira com a construção da nova capital federal durante o Governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). Em outubro de 1959, na sede do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), na

cidade do Rio de Janeiro, um grupo de cientistas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), intelectuais e educadores (entre os quais Darcy Ribeiro, Almeida Júnior, Jayme Abreu, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Yedda Linhares, Faria Góes Sobrinho e Anísio Teixeira) iniciou sucessivas reuniões com o intuito de debater e propor o projeto de estruturação da nova universidade do país. Após a conclusão dos debates no CBPE,

o projeto original da UnB foi entregue a uma comissão convocada pelo ministro da Educação e Cultura Clóvis Salgado. Em abril de 1960, o então professor assistente de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Darcy Ribeiro, acompanhou Anísio Teixeira para apresentar o projeto ao presidente Juscelino Kubitschek, no recém-inaugurado Palácio do Planalto, em Brasília. JK foi convencido por Darcy e Anísio sobre a relevância de construir na nova capital uma universidade pública que representasse uma nova experiência na história da educação do país.

Apreendi com o mestre Anísio Teixeira que o compromisso do homem de pensamento é com a busca da verdade



Havia uma divergência inicial entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro quanto à organização da UnB. Por um lado, Anísio propunha que a nova universidade tivesse apenas o quarto nível de ensino, isto é, cursos de pós-graduação com mestrado e doutorado. Por outro lado, Darcy discordava e argumentava que os políticos e os servidores públicos transferidos para a nova capital jamais concordariam com a ideia de não terem uma instituição universitária onde seus

Darcy, em pé no centro da foto, discursa em reunião de reitores. Na extremidade direita, Anísio Teixeira

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



O presidente da República João Goulart sanciona a Lei de Criação da Universidade de Brasília na presença de Darcy Ribeiro, seu primeiro reitor, Hermes Lima, chefe da Casa Civil da Presidência, e do então ministro da Educação e Cultura, Antonio Ferreira de Oliveira Brito

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB

filhos pudessem fazer sua graduação. A solução encontrada para a breve discordância foi a criação de uma universidade que ofertasse simultaneamente, desde o início de seu funcionamento, cursos de graduação e pós-graduação.

Entre os objetivos centrais do projeto original da UnB destacam-se: a ampliação das oportunidades de educação superior ofertadas aos jovens brasileiros; a expansão dos serviços e das atividades intelectuais; a diversificação das modalidades de formação científica e tecnológica; a transformação da nova capital em polo de integração nacional por meio da criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o Brasil; a constituição de um centro de pesquisas científicas e estudos de alto padrão; a possibilidade de garantir à nova capital,

por meio de sua universidade, a interação com os principais centros culturais do país, contribuindo para o desenvolvimento das ciências, das letras e das artes no Brasil; o assessoramento na tomada de decisões dos poderes públicos por meio da produção acadêmica em todos os ramos do saber; e a oferta à população de Brasília de um centro de saber e cultura que a libertasse do risco de um provincianismo contrastante com o seu patrimônio urbanístico e arquitetônico de caráter moderno e internacional.

Em junho de 1963, Darcy Ribeiro foi nomeado para o cargo de chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, afastando-se da Reitoria da Universidade de Brasília. A partir de então, Anísio Teixeira assumiria a função de reitor da instituição até o Golpe de 1964.

Darcy Ribeiro discursa na cerimônia em que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da UnB, ocasião em que o campus central da Universidade recebeu o nome do então senador, que foi seu primeiro reitor

Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB



1 RIBEIRO, Darcy. *Nossa escola é uma calamidade*, São Paulo: Editora Salamandra, 1984, p. 3.

Jorge Eschriqui Vieira Pinto • Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e professor em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).



Oficina “Povos indígenas e seus artefatos culturais, brinquedos e brincadeiras”, realizada em 2018 por Silmara Guajajara e Wagner Xavante na Escola Municipal de Educação Infantil Uirapuru, um Centro de Educação Unificado (CEU) da Prefeitura de São Paulo

Arquivo pessoal Silmara Cardoso

Por uma práxis educativa libertadora e intercultural

Silmara de Fatima Cardoso

Professora indígena de escola pública conta como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro influenciaram sua ação pedagógica



Anísio Teixeira (ao longo de 1930, 1940 e 1950) e Darcy Ribeiro (nas décadas de 1980 e 1990) foram os responsáveis por propor e executar uma política de educação integral no Brasil. Não é possível falar da história e dos processos educacionais no país sem mencionar essa dupla. Ambos acreditavam que a educação poderia transformar o Brasil. Eles foram pioneiros na luta pelo ensino público. O movimento da Escola Nova, que defendia a universalização da escola pública, laica e gratuita, foi difundido

Na cidade de São Paulo, território por séculos marcado pela intensa presença dos povos indígenas, existe forte tentativa de apagamento e silenciamento dessas presenças imemoriais

por Anísio nos anos 1930. Ele também foi um dos fundadores da Universidade de Brasília (UnB), da qual Darcy Ribeiro foi o primeiro reitor. Esses dois pensadores defenderam uma educação ativa, baseada em propostas integradas à vida social, e condenaram a educação estática e reprodutora dos modelos hegemônicos. Anísio reelaborou a concepção de ensino-aprendizagem do pensador estadunidense John Dewey, para quem o aluno é o protagonista de seu processo de educação. Defendeu uma filosofia da educação baseada na integração entre teoria e prática.

Os dois se conheceram em 1956, quando Anísio convidou Darcy para ser coordenador no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Nessa época, a situação educacional no Brasil já era caótica, com exceção das

Nasci no Maranhão e sou guajajara. Pertencço a um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil, cerca de 25 mil pessoas vivendo em onze terras indígenas demarcadas no Estado. Meu povo vem ocupando as mídias, especialmente os Guardiões da Floresta – lideranças guajajara, homens e mulheres que fazem a vigilância dos limites do território onde habitam. Por denunciarem invasões e depredações em suas terras, por defenderem o seu território ancestral e sagrado, eles sofrem ataques e violências.

Mudei para o Rio de Janeiro em 1983, quando tinha seis anos. Iniciei minha vida escolar numa escola pública de tempo integral, das 8 às 17 horas, a escola municipal Martin Luther King, localizada no bairro da Praça da Bandeira.

Hoje compreendo que já naquele momento a educação pública estava em processo de “ruínas” e desmantelamento educacional. Mas ainda se faziam presentes as políticas públicas educacionais defendidas e implementadas por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, sobretudo a educação integral e em tempo integral.



Crianças do povo Xavante na escola da Aldeia São Mateus, na Terra Indígena Parabubure, em Campinápolis, Mato Grosso

Arquivo pessoal Silmara Cardoso

Silmara Guajajara entre as crianças da Escola Municipal de Educação Infantil Professor Antonio Branco Lefreve, na oficina “Povos indígenas e seus artefatos culturais, brinquedos e brincadeiras”, realizada em 2019

Arquivo pessoal Silmara Cardoso



escolas controladas pela Igreja Católica, que ofereciam educação de alto padrão para a elite. Na contramão desse cenário, no final anos 1940, Anísio havia criado a Escola Parque, em Salvador, um centro de educação integral, com aulas pela manhã e à tarde e com atividades culturais e educativas. Anísio também criou algumas escolas com esse modelo no Rio de Janeiro.

Nos anos 1980, ainda no Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro criou, planejou e dirigiu a implantação dos Centros Integrados de Ensino Público (CIEP), um programa pedagógico de assistência em tempo integral, que incluía atividades recreativas e culturais para além do ensino formal, concretizando os projetos idealizados décadas antes por Anísio Teixeira. (Veja o texto da professora Lúcia Velloso na página 48.)

Em 1997, quando estudava no curso de formação de professores do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, estagiei em um CIEP, no bairro periférico de Nova Holanda, RJ, onde as mazelas sociais e o tráfico de drogas se faziam presentes. Compreendi como os CIEP eram importantes territórios educativos, nos quais as ideias de lutas e de resistências por uma escola pública, gratuita, laica e de qualidade ganharam força. Hoje, por falta de políticas educacionais públicas, os CIEP vivem em completo abandono.

Meus estudos sobre Anísio Teixeira começaram no âmbito acadêmico, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, quando participei do projeto de pesquisa “Cultura política na prática epistolar: estudo sobre as cartas de professoras





Estudantes da quinta série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Butantã envolvidos em atividade do projeto “Grafismo e culturas indígenas: arte, manifestação cultural e tradição”, em 2018. O projeto foi premiado pelo Instituto Tomie Ohtake em 2019

Arquivo pessoal Silmara Cardoso

-racial e à invisibilidade que sofrem os povos indígenas.

Há quinze anos moro na cidade de São Paulo. Foi aqui que iniciei a minha carreira docente e me envolvi com o movimento indígena. Esta cidade se tornou importante para minha atuação como educadora e militante do movimento indígena porque este território foi por séculos marcado pela forte presença dos povos indígenas. Porém, aqui existe também uma intensa tentativa de apagamento e silenciamento dessas presenças imemoriais.

A minha prática docente carrega experiências educacionais de estudante de escola pública nos anos 1980, de vivências das políticas públicas educativas implantadas por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, de conhecimentos adquiridos na graduação, na pós-graduação, em outros espaços de formação, na militância em prol da educação pública e no movimento indígena. Hoje reflito que tudo isso foi importante para realizar um trabalho pedagógico que considero potente e necessário, referente à história e às culturas indígenas, levando em conta a construção de um ambiente educativo democrático, de uma práxis educativa transformadora, libertadora e intercultural.

Silmara de Fatima Cardoso • Guajajara, mãe da Retsitsiwi Renhinõiwe, professora e militante do movimento educacional e indígena, é pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

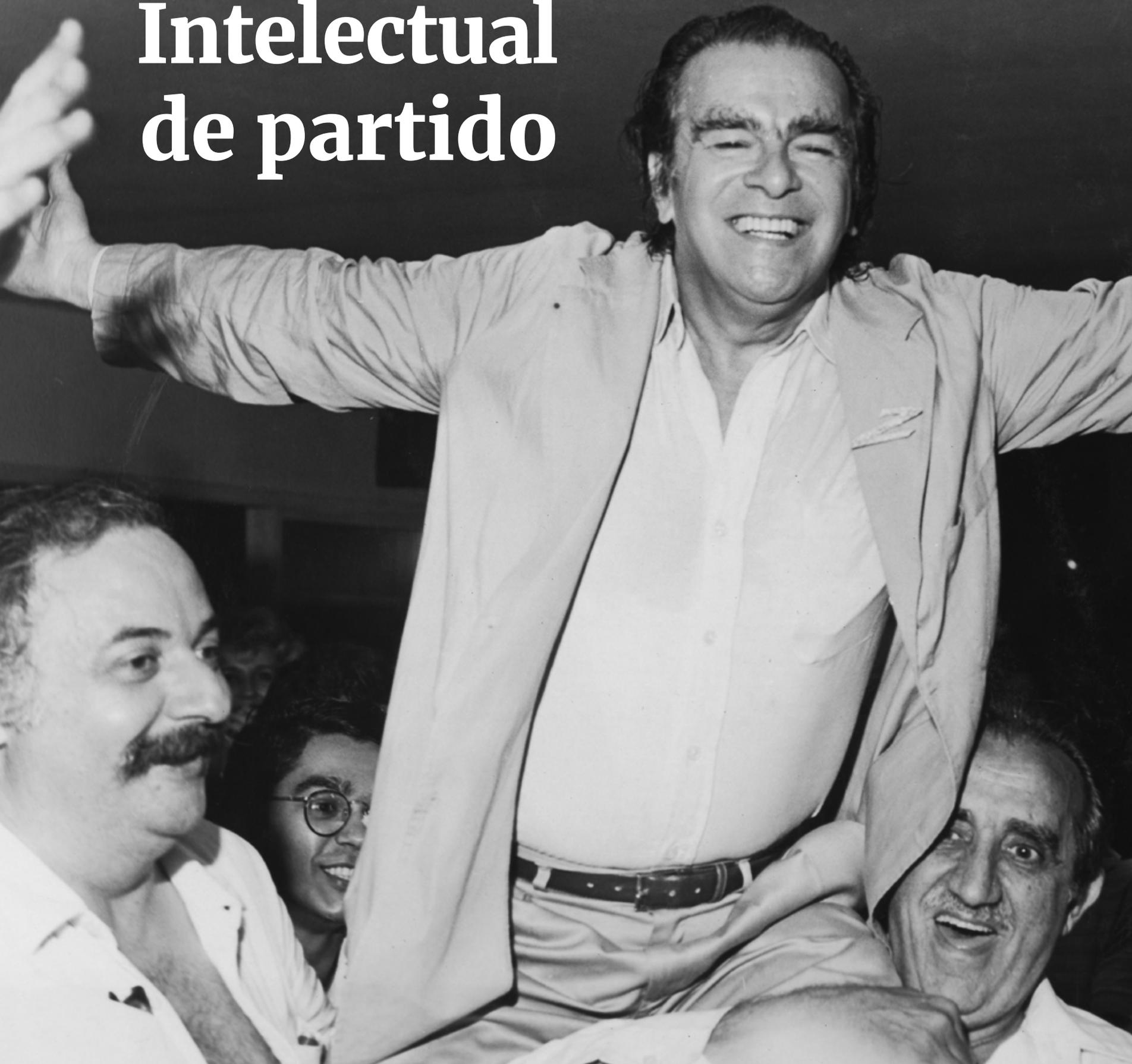
para Anísio Teixeira (1931-1935)”, coordenado por Ana Chrystina Mignot. Foi nesse projeto que tive contato com o arquivo pessoal de Anísio, sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, RJ. A pesquisa nesse arquivo me proporcionou o prazer de ler algumas cartas trocadas entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e seus principais temas: as questões educacionais e a escola pública.

Entrei no movimento indígena por meio da luta em prol da educação pública. Compreendi que os povos indígenas precisavam ocupar os espaços de poder, os espaços educacionais, literários, políticos etc. Darcy Ribeiro tinha essa

compreensão quando, em 1981, convidou e convenceu Mário Juruna – do povo xavante, que teve seu primeiro contato com o homem branco em 1958 – a ser candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Eleito em 1982 para a Câmara Federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), com mais de 31 mil votos, Mário Juruna foi o primeiro indígena a ocupar uma cadeira no parlamento. Toda a sua trajetória foi fundamentada na corajosa luta em defesa dos povos indígenas e de seus territórios ancestrais.

Desde que me tornei professora procuro abordar as questões indígenas em minha prática pedagógica. Como mulher indígena, professora e militante, busco refletir sobre os dispositivos de combate ao preconceito, à discriminação étnico-

Intelectual de partido





Demetrius Ricco Ávila

“Fazimentos” e
enfrentamentos de Darcy
Ribeiro no Brasil: do turbilhão
político dos anos 1960
ao período de retomada
democrática

Multifacetada, caleidoscópica: a trajetória de Darcy Ribeiro revela um polímata dos trópicos, de muitíssimos “fazimentos”, para evocar uma expressão do próprio, também dado a inventar neologismos. Interessante é contemplá-lo na íntegra, sem esquartejá-lo, sem subtrair do antropólogo o educador ou amputar do político o romancista; sem sentenciá-lo como a Filipe dos Santos e Joaquim José que, como Darcy, foram mineiros insubmissos. Entretanto, limitações de espaço pedem seletividade à escrita. Por conseguinte, as linhas que seguem apresentam aspectos das atividades político-partidárias de Darcy antes de 1964 e após seu retorno ao Brasil, em 1976, e enfatizam que o intelectual e o político jamais estiveram apartados.

Darcy principia sua carreira como etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e passa quase um decênio embrenhado no Pantanal e na Amazônia a perquirir populações Kadiwéu e Kaapor, entre outras. Aproxima-se do Marechal Rondon e publica seus primeiros estudos, o que imediatamente o notabiliza na cena intelectual brasileira. Ao final dos anos 1950, transita da etnologia e do indigenismo à educação, atrelando-se a Anísio Teixeira no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)¹. Como o mestre, torna-se ardoroso defensor da educação pública e estatal. Precisamente essa defesa enseja seu reingresso na vida político-partidária – reingresso porque, quando estudava Ciências Sociais, na São Paulo dos anos 1940, Darcy havia militado no clandestino PCB, partido proibido por Getúlio Vargas.

Em 1959 o projeto da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tramitava no Congresso quando o deputado federal Carlos Lacerda (da União Democrática Nacional, a UDN) apresenta um substitutivo, propondo que recursos estatais destinados à construção e manutenção de estabelecimentos públicos de ensino fossem redirecionados para a ampliação de escolas e redes privadas. O substitutivo de Lacerda motiva a reação de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, reação essa que originaria o *Manifesto dos Educadores*, do qual Darcy é signatário, mobilizando novamente para o combate os “pioneiros” do *Manifesto* de 1932². Em páginas de jornal, Darcy regala Lacerda com a alcunha de “coveiro da educação pública”.

Darcy nos braços de correligionários durante sua campanha para governador do Estado do Rio de Janeiro pelo PDT, em 1986

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



Em 1963, o presidente João Goulart pede a Darcy, chefe do Gabinete Civil da Presidência, para planejar as Reformas de Base visando o acesso à terra, ao voto e à universidade

O presidente João Goulart discursa no famoso Comício da Central do Brasil, em 13 de maio de 1964. Atrás dele, a primeira dama Maria Teresa e Darcy Ribeiro, então chefe da Casa Civil da Presidência

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

O udenista Carlos Lacerda, que fora mordaz opositor de Getúlio Vargas, é arqui-inimigo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que tem João Goulart na vice-presidência da República. Por essa época, Darcy Ribeiro, que já havia deixado o comunismo, sente-se atraído pelo nacionalismo do PTB, com quem entra em comunhão contra o “entreguista” Lacerda. Desse modo, o outrora militante comunista contraposto ao Estado Novo faz-se um dos mais atuantes quadros petebistas.

Juscelino Kubitschek preside o país. De seu furor desenvolvimentista brota Brasília, e a nova capital demanda uma universidade. Coube a Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro projetar aquela que viria a ser a Universidade de Brasília (UnB). Um incidente envolvido na sua criação atesta a verve política de Darcy. Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros, sucessor de Juscelino, renuncia à presidência. Darcy, que se encontrava em Brasília, valendo-se da desarrumação que a renúncia

Em 1982, Jamil Haddad, Oscar Niemeyer, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro analisam o projeto do Sambódromo, que seria construído no Rio de Janeiro

Acervo Fundação Darcy Ribeiro





O cacique xavante Mário Juruna, primeiro indígena eleito deputado federal, discursa no plenário da Câmara Federal em 1984. Foi eleito com 31 mil votos pelo PDT fluminense, com o apoio de Brizola e Darcy

Acervo da Câmara dos Deputados | Wikipedia Commons

ocasionara ao Congresso, faz com que a mesa diretora da Câmara coloque em votação o projeto da UnB, o qual se faz aprovar pela grande maioria dos deputados. Entrementes, o mesmo Congresso implanta o parlamentarismo como solução para a crise decorrida da renúncia de Jânio. Eleito primeiro-ministro, Hermes Lima nomeia Darcy Ribeiro ministro da Educação, incumbido de implantar a supradita e polêmica LDB. Todavia, esperavam pelo ministro Darcy tarefas ainda mais candentes – e temerárias.

Em 1963, João Goulart – vice de Jânio e aliado do poder pela manobra parlamentarista – restabelece, mediante plebiscito, o presidencialismo. Investido de maiores poderes, inicia a campanha pelas Reformas de Base, tencionando ampliar o acesso à terra, ao voto, à universidade. Para tanto, solicita a Darcy Ribeiro o planejamento destas reformas, outorgando-lhe o Gabinete Civil de seu governo.

As conseqüências da tentativa petebista de reformar o país são conhecidas. Em busca de apoio popular para as reformas, Jango convoca o Comício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro – seu último ato público³. No palanque, atrás do presidente, está Darcy. A reação interna, aliada a forças externas, apeia João Goulart do poder em 1964. Sobrevém o Ato Institucional Nº 1 e uma lista de cassações políticas que estampa, na quinta posição, o nome de Darcy Ribeiro. Bani-do do Brasil, como tantos perseguidos, Darcy parte para um longo exílio pela América Latina, marcado pela fecundidade

intelectual e política. Ao regressar, em 1976, aproxima-se de Leonel Brizola, que volta ao Brasil três anos depois.

Anteriormente, Darcy e Brizola ocupavam posições antagônicas – João Goulart, acossado pela reação, enfrentava também os nacionalistas exaltados do PTB, liderados por Brizola. Contudo, o exílio e a reorganização do trabalhismo terminam por juntá-los. Em 1982, sob a sigla do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Brizola e Darcy conquistam o governo do Rio de Janeiro. Darcy é vice-governador e acumula a Secretaria de Ciência e Cultura, por meio da qual engendra os Centros Integrados de Educação Pública, os CIEP. Desenhados por Oscar Niemeyer, os CIEP oferecem aos rebentos das classes populares uma educação em tempo integral, materializando o “socialismo moreno”, expressão propalada por Brizola e Darcy para retratar o pedetismo.

A parceria entre Darcy Ribeiro e Niemeyer se aprofunda em realizações como o Sambódromo da Marquês de Sapucaí e o Memorial da América Latina. Com Brizola, novamente governador do Rio em 1990, Darcy cria a Universidade Estadual do Norte Fluminense e orienta a Eco-92, a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro. Eleito senador em 1990, sua morte impedirá a conclusão do mandato. Restou-lhe o tempo, no entanto, de pelejar por uma nova LDB, pela regulamentação dos transplantes de órgãos, por um novo Código de Trânsito, pelos meninos de rua, pela Amazônia. Ao cerrar os olhos em definitivo, Darcy pensava na viabilização do Projeto Caboclo⁴, derradeiro dos seus “fazimentos”.

1 O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) leva hoje o nome de Anísio Teixeira e é vinculado ao Ministério da Educação.

2 O Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação (1932) foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores e intelectuais, entre eles, Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Lourenço Filho. Propunha o ensino universal público e gratuito, em oposição ao que prevalecia até então, o ensino privado por escolas religiosas voltado para uma pequena parcela da população.

3 O comício, que reuniu 150 mil pessoas e foi transmitido por rádio para todo o país, serviu de pretexto para convencer forças que não apoiavam as articulações em curso a aderir ao golpe.

4 “Há 50 anos, desde que comecei a estudar a Amazônia, e, sobretudo, nos últimos dez, venho enfrentando o desafio de propor uma solução concreta que é a de explorar a Amazônia, preservar a floresta e reter nela sua população cabocla.” Trecho da coluna publicada por Darcy Ribeiro no jornal *Folha de S. Paulo* em 10 de fevereiro de 1997, uma semana antes de morrer, sobre o seu Projeto Caboclo, que propunha uma economia sustentável para a Amazônia e os amazonenses. Nunca foi implementado.

Demetrius Ricco Ávila • Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS).

No exílio, foi levado a estabelecer “outra rede de relações”, o que o ajudou a expandir o reconhecimento por sua obra e ações como antropólogo e educador, aspectos já notórios desde antes de ter sido obrigado a deixar o país



Momento de descontração de Darcy Ribeiro, Julio Bayce e Ángel Rama em 1968. Os três criaram Editores Reunidos para publicar a *Enciclopedia uruguaya*, em fascículos semanais, vendidos em bancas de jornal

Acervo Amparo Rama

A utopia selvagem de Darcy e os caminhos da integração latino-americana

Haydée Ribeiro Coelho

O diálogo do antropólogo brasileiro com intelectuais de fala castelhana queria rever a história comum, agir sobre o presente e modificar o futuro levado pela “incurável nostalgia de um mundo que bem podia ser”

Darcy Ribeiro contribuiu de maneira fundamental para a reflexão sobre a integração latino-americana, juntamente com outros intelectuais com os quais manteve importante interlocução no exílio e no Brasil, depois de seu retorno. Sua viagem compulsória, em decorrência do golpe militar de 1964, permitiu ao escritor aprofundar suas reflexões sobre o Brasil, estendendo-as às Américas – o que pode ser constatado em seus “Estudos de Antropologia da Civilização” e em outros livros publicados no Brasil e no exterior. Tendo estado à frente de reformas de universidades latino-americanas nos países em que esteve exilado, escreveu livros e textos relacionados ao tema. No exílio, foi levado a estabelecer “outra rede de relações”, o que o ajudou a expandir o reconhecimento por sua obra e suas ações como antropólogo e educador, aspectos já notórios desde antes de ter sido obrigado a deixar o país.

Em texto publicado em *Cuadernos americanos*, afirmou que foi no Uruguai, onde viveu seu primeiro exílio (1964–1968), que se tornou latino-americano. No país que lhe deu asilo e onde foi contratado pela Universidad de la República (Udelar), como professor de Antropologia, desenvolveu diferentes atividades acadêmicas, dentre as quais as funções de assessoramento e conferencista no Seminário sobre Política Autónoma para América Latina. Este evento associa-se à criação do Instituto de Estudos Latino-americanos, na Udelar, que deveria fomentar estudos comprometidos com a transformação de “estruturas socioeconômicas de raiz colonial ou neocolonial”. Esse aspecto implicava a consciência da integração latino-americana no contexto anti-imperialista e anti-neocolonial. Os intelectuais e a universidade eram convocados a formarem uma consciência voltada para a transformação.

O seminário, realizado no Uruguai, reuniu intelectuais do país e convidados

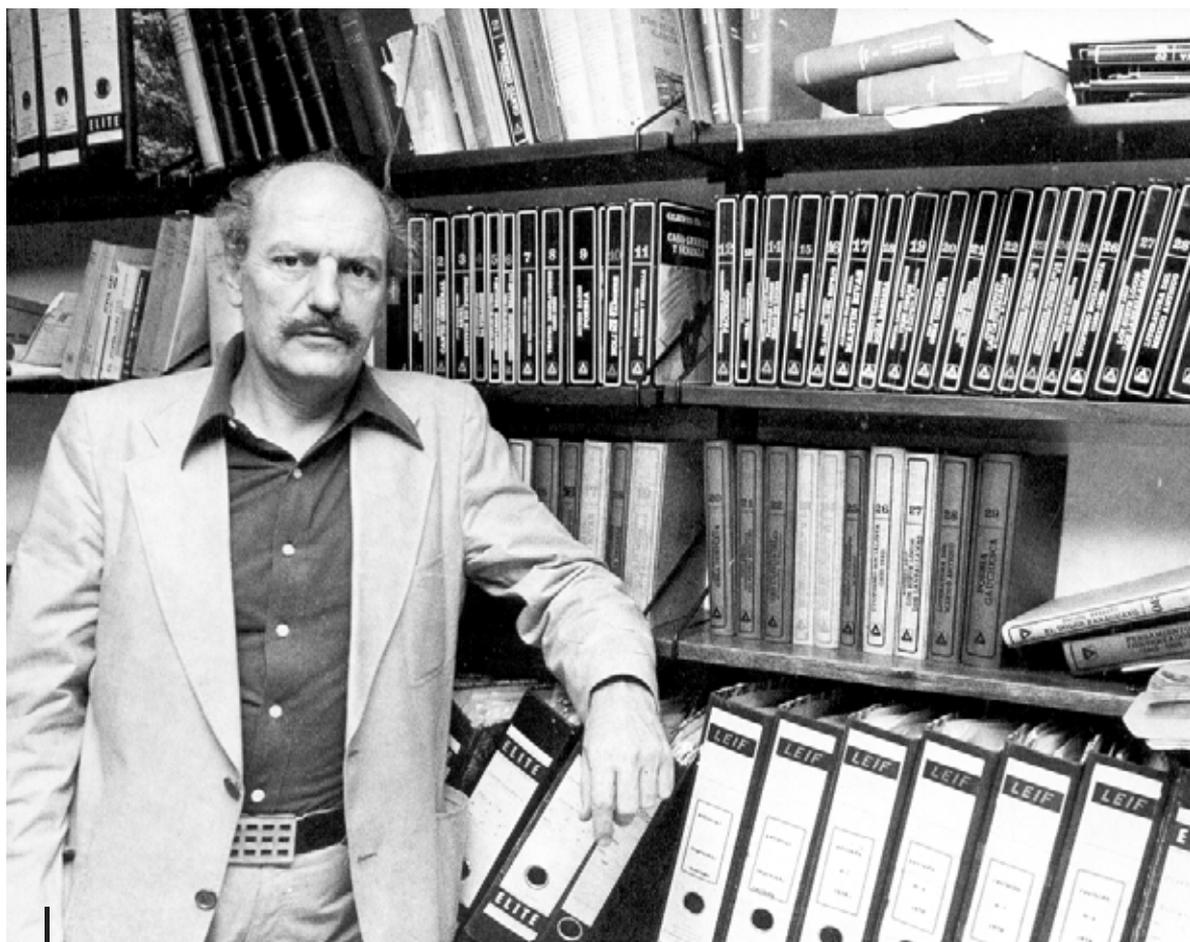
da Argentina, do Peru, da Venezuela e do Chile. A conferência de Darcy Ribeiro, intitulada “Política de desarrollo autónomo de la universidad”, tratou da autonomia necessária à universidade. Ángel Rama, Washington Buño e Rafael Laguardia focalizaram a autonomia, enfatizando a necessidade de conjugar os aportes do desenvolvimento científico, literário e artístico com os interesses nacionais, com a concepção democrática e igualitária do corpo social, com a singularidade criativa da América Latina e com o respectivo pensamento de independência em busca de soberania.

Depois da Revolução Cubana de 1959, como se pode acompanhar nas várias publicações do prestigioso semanário uruguaio *Marcha*, nos anos 1960, a integração latino-americana teve Cuba como referência. Darcy Ribeiro e outros intelectuais compartilharam o ideário da Revolução Cubana e acompanharam os respectivos desdobramentos, que foram por eles revisitados. Na década seguinte,

nos anos setenta, Darcy Ribeiro testemunhou o tempo das ditaduras militares, ocorridas em outros países da América Latina, além do Brasil. Exilado no Peru, pôde presenciar de perto – e de longe – o golpe de Estado no Chile, que resultou na morte de Salvador Allende, a quem havia assessorado.

Em 1974, em seu exílio na Venezuela, Ángel Rama foi convidado a ser o diretor literário da Biblioteca Ayacucho, coleção de livros criada por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Batalha de Ayacucho, que simbolizou a independência das colônias hispano-americanas do jugo espanhol. Voltada para a integração cultural, a Ayacucho tinha como objetivo dar legitimidade aos projetos relacionados à integração política e econômica para a América Latina. Para que o Brasil fizesse parte da coleção, o diretor literário da Biblioteca contou com a colaboração de Antonio Candido e Darcy Ribeiro, que selecionaram obras brasileiras e respectivos prefaciadores. Para a Biblioteca, Darcy Ribeiro prefaciou *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e teve seu livro *As Américas e a civilização* integrado à coleção.

No âmbito da criação da Biblioteca Ayacucho, retomar o passado à luz do presente, voltado para o futuro, significava ainda recuperar o “*ethos* emancipador” de pensadores que marcaram a história da América Latina – como Simón Bolívar (*Doctrina del Libertador*), José Martí (*Nuestra América*) e Manuel Ugarte (*La nación latinoamericana*), autores e textos retomados com frequência por Darcy Ribeiro e por outros estudiosos e escritores que têm como foco a história, a literatura e a crítica sobre as Américas.



O crítico uruguaio Ángel Rama diante de diversas obras clássicas latino-americanas publicadas pela Biblioteca Ayacucho, projeto editorial dirigido e coordenado por ele durante seu exílio na Venezuela

Acervo Amparo Rama

Leopoldo Zea, mexicano, Roberto Fernández Retamar, cubano, e Darcy Ribeiro foram recebidos por Ángel Rama em setembro de 1974, na Venezuela, para discutirem o plano da Biblioteca Ayacucho. A referência aos intelectuais convidados não ocorre por acaso. Retoma a questão da integração e o importante diálogo que Darcy manteve com eles e continua reverberando nesta *Nossa América/ Nuestra América*, revista que o Memorial da América Latina edita ininterruptamente desde 1989. Ao longo do tempo, a revista publicou ensaios desses

importantes pensadores latino-americanos com quem Darcy Ribeiro comungou a ideia de irmandade.

Darcy salientou que o livro *América en la historia*, de Leopoldo Zea, o teria motivado a pensar a América a partir de uma perspectiva “que não tínhamos”. Em “Darcy y la inmortalidad”, publicado no número 57 de *Cuadernos americanos*, Zea escreveu que em Darcy Ribeiro encontrou sempre um grande apoio para os esforços de integração em liberdade, expressos nos modos de ampliar, coor-



denar e divulgar os estudos que ambos desenvolviam sobre a América Latina.

Darcy Ribeiro, em “O Brasil no mundo” (*O Brasil como problema*), atento à pluralidade de sentidos de integração no contexto do neoliberalismo, denunciou o emprego do termo integração de modo “socialmente irresponsável”. O escritor nos ensinou a abrir os olhos, revendo nossa história, para agirmos sobre o presente e o futuro, para que não continuemos a ter uma “incurável nostalgia de um mundo que bem podia ser”, como se lê em *Utopia selvagem*.

Roberto Fernández Retamar, em texto publicado em homenagem a Darcy Ribeiro logo depois da morte do escritor, relatou que o início de sua admiração pelo autor decorreu da leitura de *As Américas e a civilização*. Ao assinalar as dedicatórias, registradas em livros de Darcy Ribeiro, ressalta aquela que está escrita em *Ensaios insólitos*. Nela, Darcy Ribeiro evidenciava que Retamar teria lhe concedido o modelo para criar Pitum, personagem de sua *Utopia selvagem: saudades da inocência perdida*.

O romance de Darcy Ribeiro revela convergências com *Calibán y otros ensayos: nuestra América y el mundo*, de Retamar, ambos em diálogo com *A tempestade*, de Shakespeare, e seus personagens Calibã e Próspero. Darcy Ribeiro, tal como o poeta cubano, toma Calibã como nosso símbolo e Próspero como o outro, dominador, em suas múltiplas representações.

Utopia selvagem, além de estabelecer comunicação com o livro de ensaios de Roberto Fernández Retamar, instituiu uma diversidade de interlocuções que

conectam o passado, o presente (em que o livro foi escrito – 1982 – durante a ditadura brasileira) e o futuro, conjugando, ao mesmo tempo, utopias e “vicissitudes anti-utópicas”, às quais se refere em *América Latina: a pátria grande*.

As falas dos personagens expõem alguns dos embates encenados diante do leitor: a utopia da conquista e seu avesso, e o propósito das monjas que queriam fundar uma nova cristandade no século XX em contraposição ao discurso antropofágico oswaldiano e ao mundo dos galibis, etnia indígena do noroeste da América do Sul. Ressalto a utopia distópica de Próspero, que se realizava pela “Felicidade senil” e que consistia na “compulsoriedade necessária” da morte dos sexagenários no Brasil das religiosas (que tinham ido cristianizar os indígenas do Brasil setentrional), em contraste com o desejo implícito do autor de uma “Galíbia Martiana”.

O nome inventado “Galíbia”, terra dos indígenas Galibis, acompanhado de “Martiana”, remete a “Nuestra América”, artigo de José Martí, que nomeia a revista *Nossa América/Nuestra América*, idealizada por Darcy Ribeiro quando da criação do Memorial da América Latina. Pela trajetória político-cultural de Darcy Ribeiro, a revista representou um projeto de pós-exílio. Para o escritor, esta publicação era um “instrumento indispensável e insubstituível” para revelar, naquele final da década de 1980, a edificação do principal centro cultural da América Latina em São Paulo.

Haydée Ribeiro Coelho • Professora da Faculdade de Letras da UFMG (Pós-graduação), doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (USP) e pós-doutora na Universidad de la República (Udelar, Uruguai).



Primeiro número da revista *Nossa América* | *Nuestra América*. Aponte seu celular para o QRcode no alto para ter acesso a uma cópia digitalizada dessa edição

Para Darcy Ribeiro, a revista *Nossa América* era um “instrumento indispensável e insubstituível” para revelar a edificação do principal centro cultural da América Latina

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

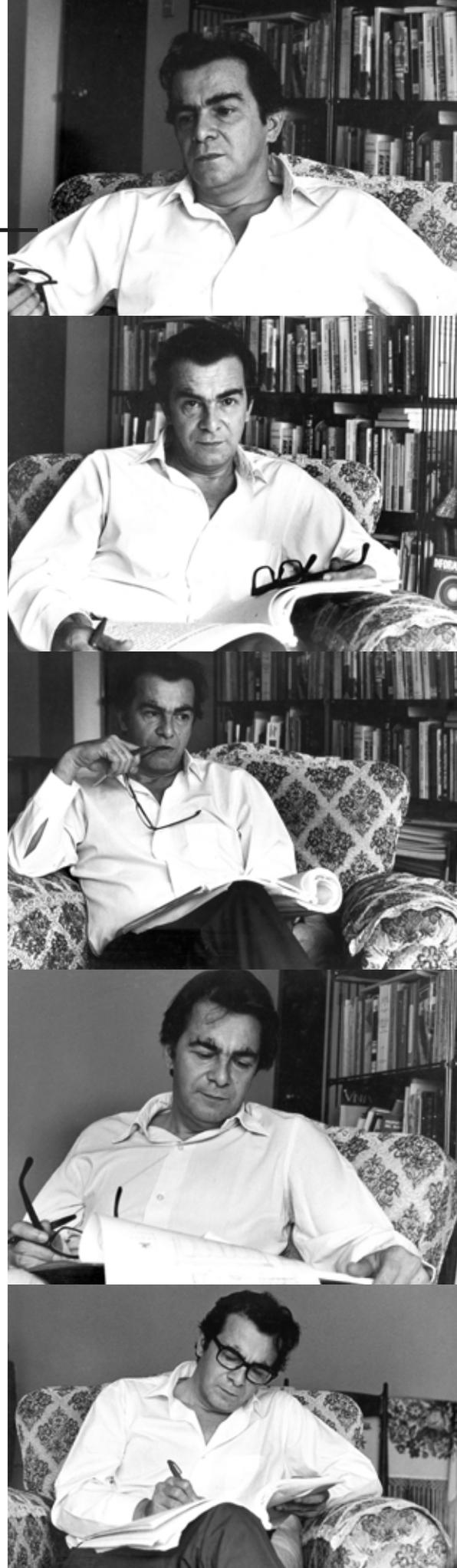
Romanceiro para compreender nossas sociedades

Elise Aparecida de Oliveira

Na ficção de Darcy, personagens-tipo encenam os problemas examinados em sua obra antropológica e confessional

Darcy Ribeiro foi reconhecidamente um homem de muitas e grandes paixões. Além da etnologia, da antropologia e da educação, desde cedo nutria também amor pela ficção. Já maduro, publicou quatro romances – *Maíra*, *O mulo*, *Utopia selvagem* e *Migo* – além de duas obras memorialistas, *Testemunho* (1990) e *Confissões* (1997).

Vivendo no exílio entre 1964 e 1976, o pensador se tornou figura fundamental no diálogo entre o Brasil e a América Latina. Participou, por exemplo, da organização da Biblioteca Ayacucho (1974), coleção que publicou relevantes romances, ensaios e poemas de intelectuais latino-americanos. Durante esse período, motivado pelo desejo de encontrar respostas para os problemas dos brasileiros e dos latino-americanos, Darcy desenvolveu trabalhos de fôlego –



entre os quais a série “Estudos da Antropologia da Civilização”¹ – para explicar a causa do desenvolvimento desigual desses povos. Escreveu também dois romances: *Maíra: um romance dos índios e da Amazônia*, publicado em 1976, e *O mulo*, parcialmente escrito no exílio e concluído no Brasil, onde foi publicado em 1981. Depois disso, o ficcionista lança *Utopia selvagem* (1982) e *Migo* (1988). Em 1992 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Os romances de Darcy delineiam um traçado arbitrário da sociedade brasileira por meio de conflitos vividos por personagens-tipo, como índios (*Maíra*), sertanejos (*O mulo*), abrindo-se para a sociedade latino-americana (*Utopia selvagem*) e envolvendo ainda a figura do intelectual (*Migo*, que fecha seu romanceiro). A relevância que Darcy atribuía ao intelectual na sociedade foi tema também em seu discurso de posse na ABL, no qual assinalou a importância dos pensadores brasileiros para “entender como viemos a ser o que somos e para iluminar nossos caminhos futuros”.

O universo ficcional de Darcy Ribeiro apresenta uma relação estreita com o conceito de “transculturação narrativa” de Ángel Rama. Em seus romances é possível identificar a adesão do escritor brasileiro ao projeto literário proposto, em 1970, pelo crítico uruguaio. Rama vê na literatura uma possibilidade de libertação do domínio estrangeiro pela intelectualidade que se opõe ao neocolonialismo; e propõe um método específico para harmonizar, na superfície da narrativa, as culturas opostas. Trata-se de um sistema crítico de exaltação literária capaz de promover a utopia de um processo de modernização compartilhado e construído de forma coletiva, livre da barbárie das oligarquias políticas. Para Rama seria

Os romances desenharam a sociedade brasileira por meio dos conflitos vividos por índios (*Maíra*), sertanejos (*O mulo*), intelectuais (*Migo*), abrindo-se para a sociedade latino-americana (*Utopia selvagem*)

possível integrar a América Latina pela literatura, a partir da “síntese harmônica” resultante da comunhão de culturas. Isso possibilitaria, no plano simbólico da criação literária, uma nova cultura que resolveria as tensões formadas por contradições instaladas na consciência histórica e cultural do subcontinente.

O conceito de comarcas culturais desenvolvido pelo antropólogo brasileiro expandiu a percepção do intelectual uruguaio sobre os processos culturais advindos dos processos civilizatórios na América Latina, contribuindo de maneira considerável na formulação teórica de Rama – que dedica a Darcy Ribeiro e a John Murra seu livro *Transculturación narrativa en América Latina*.

Brasil e América Latina nos romances de Darcy

Em Darcy é impossível desassociar a ficção da obra antropológica, ou vice-versa. As duas estão intimamente imbricadas e constroem juntas não apenas um quadro amplo da sociedade brasileira, mas buscam explicar o Brasil e a América Latina por uma via de mão dupla.

Maíra (1976) é a chave de abertura para o projeto literário empreendido por Darcy Ribeiro, cujas obras posteriores

se entrelaçam a esse primeiro romance. Num jogo dialético entre passado e presente, esses romances não apenas propõem a atualização histórica, como é possível observar na ordem de publicação das obras – que retomam a história do país desde o período anterior à conquista até a década de 1980. Propõem, principalmente, o processo transitivo de uma cultura à outra, para deixar entrever as consequências da colonização nos cenários percorridos pelos personagens.

O romance de estreia recorre a um artifício usado pelo colonizador europeu e se organiza como um rito religioso, a missa católica: antifona, homilia, cânon e *corpus*. No entanto, contrariando o discurso cristão, o narrador enaltece os ritos, mitos e deuses indígenas; à proporção que a cultura ameríndia ganha relevo na urdidura ficcional, na superfície do texto se desenvolve o combate à doutrina católica, promovendo uma espécie de descolonização literária.

Em *O mulo* (1981) o autor enfoca a sociedade brasileira em outro momento histórico, no qual o protagonista se destaca pelo gosto “sádico do mando”. Sobressai na narrativa o pensamento entrecruzado por crenças religiosas, folclóricas e culturais. Dialogando com sua obra antropológica e com a de Gilberto Freyre, as narrativas ora se complementam ora se confrontam, mas abrem novos caminhos para se interpretar o Brasil.

Darcy prossegue sua atualização histórica em *Migo* (1988), tomando a cidade como espaço transfigurado pela presença marcante das igrejas – aspecto que retoma a catequese durante o ciclo do ouro. O narrador revisita os episódios da Inconfidência Mineira, elevando o espírito revolucionário de Tiradentes, a revolta dos colonos e a morte de Felipe dos Santos, traçando um paralelo com o comportamento do intelectual no contexto presente. Nesse romance subjaz o fracasso da intelectualidade, em parte justificada pela imposição religiosa, pela violência do colonizador e pelo com-



Em seu primeiro retorno ao Brasil, Darcy lança seu livro *O processo civilizatório* na Faculdade de Economia Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, em outubro de 1968

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

portamento retrógrado e reacionário do homem na sociedade moderna.

Em *Migo*, o autor destaca a importância da união dos intelectuais para promoverem a liberdade da sociedade brasileira do domínio estrangeiro e incita os demais pensadores a criarem uma pátria justa e igualitária por meio da literatura. Em diálogo com Sérgio Buarque

de Holanda, o ficcionista apresenta os problemas persistentes no país, cujas “raízes” impedem o progresso da sociedade brasileira, e tenta responder à pergunta: por que o Brasil ainda não deu certo? Darcy recorre ao antropólogo, que também é, e põe seus personagens de ficção a encenar os dramas reais do país – apresentados em sua obra antropológica e confessional.

Em *Utopia selvagem* (1982) o romancista revisita a história por meio das cartas dos cronistas, para passá-las a limpo e assim recriar o futuro, fazendo-o

Brasil em lugar em que os direitos das pessoas sejam iguais e respeitados. Um projeto que o autor externa em *Testemunho* (1990): “Sim, minha Revolução Francesa, de que me ocupei sempre como intelectual, aquela que foi e é um dos meus temas prediletos, é a que encarna e consagra a visão nova do mundo – dos que querem passar este mundo a limpo”.

Contudo, ainda que pareça ocorrer a integração entre os povos indígenas ou de origem mestiça, em *Utopia selvagem* fica subentendida a impossibilidade dessa realização no plano real – esse ideal só poderia se concretizar pela literatura. A utopia da união dos povos latino-americanos para vencer o sistema político vigente desde a colonização será retomada em *O povo brasileiro* (1995): “Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América Anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar”.

Na ficção de Darcy, como apontei, os personagens-tipo encenam problemas examinados em sua obra antropológica. Suas narrativas deixam entrever a presença das oligarquias políticas que, entre as ambivalências e contradições no país, continuam a determinar o destino dos que se encontram à margem social. Instigam assim à reflexão sobre as causas dos problemas do Brasil e do subcontinente latino-americano.

A trama ficcional de Darcy Ribeiro mostra que dessa relação desigual surgiu um produto novo, uma sociedade que se caracteriza pela violência. Violência contra o ameríndio (*Maíra*); as mulheres, os negros, as classes subalternas, pela reificação do sertanejo (*O mulo*) – seres humanos animalizados por circunstâncias políticas e econô-



Em 8 de outubro de 1992, Darcy faz seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, onde passa a ocupar a Cadeira nº 11, sucedendo a Deolindo Couto
Acervo Fundação Darcy Ribeiro

micar que alteram o comportamento do homem natural em uma sociedade em crescente modernização. Adende-se ainda o enfraquecimento do pensamento racional em *Migo*, devido a persistentes crenças e valores reacionários.

Essas características distanciam a literatura de Darcy (com exceção de *Utopia selvagem*) da síntese literária harmônica almejada por Rama. Darcy Ribeiro não alimenta a utopia de um processo de modernização coletivo, compartilhado e livre da barbárie das elites dirigentes. O elemento novo que emerge do contato entre a cultura estrangeira e a autóctone não se constrói por uma ótica positiva, de ganho, como no ideário de Rama.

Ao aliar literatura e antropologia para promover a compreensão do processo histórico, o antropólogo-ficcionista delineia o traçado arbitrário da região a partir das comarcas – que se caracterizam por semelhanças políticas, históricas e culturais, extrapolando as fronteiras entre um lado e outro das Tor-desilhas. A produção ficcional de Darcy Ribeiro e sua obra antropológica buscam, juntas, compreender e explicar o Brasil e a América Latina em uma via de mão dupla: seus romances são como atalhos para acessar as comarcas delineadas em seu texto científico.

¹ São cinco os “Estudos de Antropologia da Civilização”: *O processo civilizatório* (1968), *As Américas e a civilização* (1969), *Os índios e a civilização* (1970), *O dilema da América Latina* (1971) e *Os brasileiros* (1972). Nesse período também publicou o livro *A universidade necessária* (1969), além de artigos em diversos periódicos.

Elise Aparecida de Oliveira • Professora de Literatura na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com tese sobre Darcy Ribeiro ficcionista.

O itinerário latino-americano de um intelectual fazedor



Darcy viveu como exilado no Chile entre 1971 e 1972, período em que assessorou o presidente Allende

Fernando Rabêlo | Acervo Fundação Darcy Ribeiro

Adriane Vidal Costa

Nos tempos de exílio, Darcy Ribeiro criou laços, caminhos e intercâmbios entre múltiplos indivíduos, disciplinas, instituições, espaços. Facilitou o contato entre diferentes culturas, atuando como um dínamo de interações culturais

Abril de 1964. O governo João Goulart é derrubado. O chefe do Gabinete Civil da Presidência, Darcy Ribeiro, tem seus direitos políticos cassados pela ditadura que se instala e é exonerado dos cargos de professor na Universidade do Brasil e etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (hoje Funai). Resta-lhe exilar-se, primeiro no Uruguai, depois na Venezuela, Chile e Peru. Desânimo? Qual o quê! Foram doze anos de exílio latino-americano e vigorosa atividade intelectual. Darcy participou de projetos culturais e políticos, exerceu a docência, ministrou conferências, publicou artigos e livros, prestou serviços de assessoria. Sua inquietação intelectual e seu impulso por “fazimentos” não tinha fronteiras.

No Uruguai, durante quatro anos (1964-1968), Darcy deu aulas de Antropologia Social na Universidad de la República (Udelar) e estabeleceu contatos próximos com o reitor Óscar Julio Maggiolo Campos e os professores Mário Cassinoni, Arturo Ardao e Juan José Flor. E começou uma amizade profícua e duradoura com Ángel Rama. Ele participou da organização de importantes seminários – por exemplo, “La estructura de la Universidad a la hora del cambio”, em 1967, e “Hacia una política cultural autónoma para América Latina”, em 1968 – que resultaram em livros. Em Montevideú, escreveu artigos para publicações de peso, como *Víspera*, *Marcha* e *Cuadernos de Marcha*, bem como articulou projetos com intelectuais renomados, como Carlos Martínez Moreno, Manuel Claps, Luis Carlos Benvenuto e Carlos Quijano. Com Emir Rodríguez Monegal e Ángel Rama organizou a *Enciclopedia uruguaya – Historia ilustrada de la civilización uruguaya*, obra de divulgação inovadora publicada em fascículos.

Movido pelas mobilizações contra o regime militar em 1968, Darcy Ribeiro retorna ao Brasil em setembro. Não é detido na chegada, mas em dois meses é acusado de infringir a Lei de Segurança Nacional com base no Ato Institucional Nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Fica preso por nove meses em dependências do Exército e da Marinha, é julgado e absolvido. Ao sair da prisão, em 1969, aceita o convite da Universidad Central de Venezuela para dar aulas e atuar no Centro de Estudios del Desarrollo (Cendes). Assim começava o segundo capítulo de seu exílio.

Darcy vive em Caracas um ano e participa da reforma universitária. A pedido do reitor Jesús M. Bianco, elabora um diagnóstico sobre a Universidad Central de Venezuela, dando origem ao Plan Director de la Renovación Estructural,

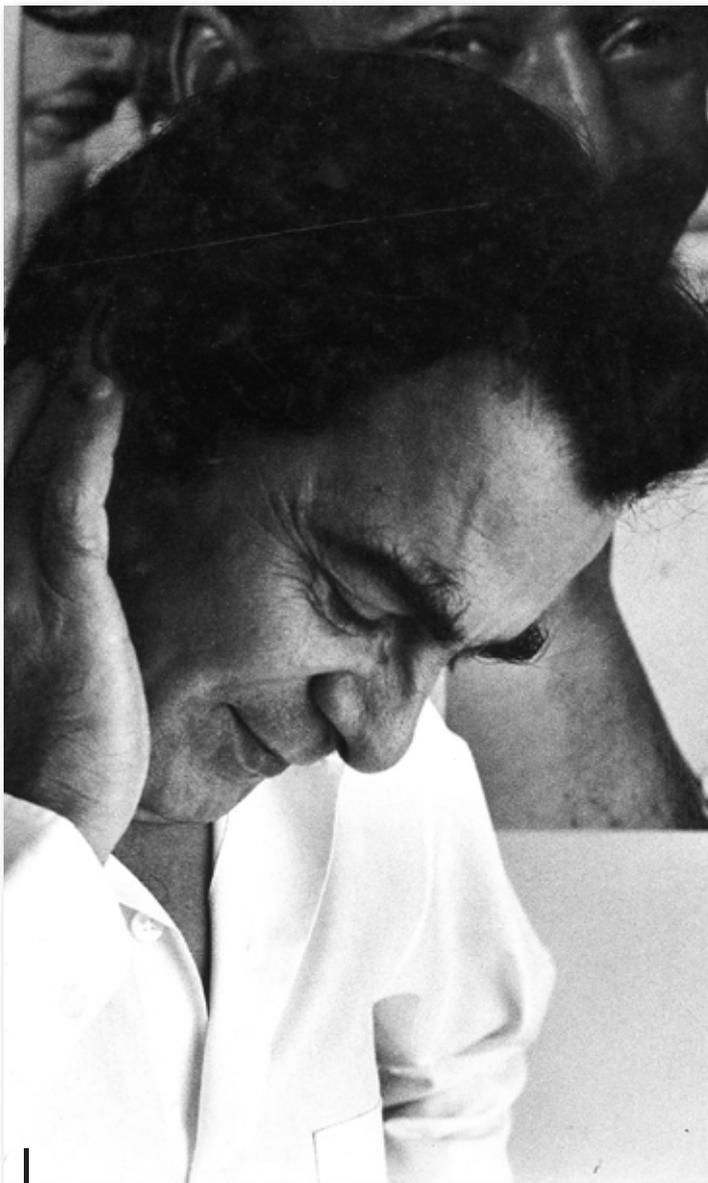
com propostas que iam da reorganização da carreira docente à renovação curricular.

Em Caracas, manteve interlocução com os professores irmãos José, Héctor e Ludovico Silva Michelena e com os escritores Alfredo Chacón, Carlos Domingos, Armando Córdoba e Heinz Sontag, alemão radicado na Venezuela. As obras de Darcy que mais impactaram a intelectualidade venezuelana no período foram *O processo civilizatório* (1968) e *A universidade necessária* (1969). O brasileiro vivia na Venezuela com visto de turista e por isso enfrentava vários problemas com órgãos governamentais. A situação do antropólogo se converteu em debate público – sobre suas atividades profissionais na universidade venezuelana, sua atividade política no Brasil antes do exílio, sua prisão em 1968, seu envolvimento com as esquerdas –, ganhando as páginas de jornais de grande circulação como *El Universal*, *Ultimas noticias* e *La verdad*.

Quando termina seu contrato de trabalho com a Universidad Central de Venezuela, Darcy vai para o Chile, que acabara de eleger o novo presidente, Salvador Allende, da coalizão Unidade Popular (UP). Ele havia conhecido Allende em 1964, durante uma visita que o então senador do Partido Socialista chileno faz a João Goulart no exílio do Uruguai. Em *Confissões*, Darcy diz ter ficado “encantado” com o senador, “com sua simpatia, seu pensamento claro, seu socialismo libertário, seu sentimento de latino-americanidade”. Depois que o chileno foi eleito presidente, em 1970, “arranjei modos de cavar um contrato com o Instituto de Estudios Internacionales do Chile e mandei-me para Santiago. Encontrei Allende recém-instalado na Presidência e me pus logo a seu serviço, ao lado de um outro assessor, o espanhol Joan Garcés”.

A convite de Claudio Véliz, diretor do Instituto de Estudios Internacionales (IEI), Darcy permaneceu no Chile até 1972. No Instituto trabalhou na proposta de reestruturação da Universidad de Chile, contribuiu com pesquisas e integrou o conselho editorial da revista *Estudios internacionales*. Naquele momento, o país passava por uma experiência inédita: o governo de Salvador Allende pretendia desenvolver a “via chilena ao socialismo”, o que significava fazer a transição do capitalismo para o socialismo por via institucional, democrática e pacífica. Darcy assessorou-o, conforme conta nos livros *Testemunho* (1990) e *Confissões* (1997).

Já vivendo no Peru, Darcy publica em 1972 o artigo “Nuevos caminos de la revolución latino-americana”, em



O Brasil “mestiço na carne e na alma, orgulhoso de si mesmo” nunca abandonou os pensamentos e sentimentos de Darcy Ribeiro em seu longo exílio

Acervo Fundação Darcy Ribeiro

que reitera sua preocupação com o destino do governo da Unidade Popular e retoma as condições que haviam levado à vitória de Allende nas eleições de 1970. Depois do golpe militar de 11 de setembro de 1973, que resultou na morte de Allende, Darcy escreve “Salvador Allende e a esquerda desvairada” (1973), em que analisa a experiência chilena. Impactado pelo golpe e a morte de Allende, procura sistematizar os erros das esquerdas que permitiram o fim da “via chilena ao socialismo”.

Em Lima, Darcy Ribeiro trabalha no Consejo Nacional de la Universidad Peruana (Conup). Desenvolve estudo sobre a reestruturação do sistema universitário ao lado de educadores, como os filósofos Augusto Salazar Bondy, Walter Peñaloza Ramella e Leopoldo Chiappo, que resultou no livro *La universidad peruana* (1974). Sua principal realização no país andino foi a idealização e direção de um projeto vinculado à Organização Internacional do Trabalho (OIT), que criou o Centro de Estudios de Participación Popular, que integra o Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social (Sinamos).

Para sua realização, foi firmado um convênio entre a OIT, o governo do general Velasco Alvarado (1968-1975) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O Centro, cuja figura fundamental era Darcy, organizou uma rede de intelectuais para debater e planejar a implementação de reformas estruturais para o governo do General Velasco Alvarado. O programa de governo do general nacionalista visava ampliar a participação popular nas transformações em andamento, por meio de reformas. O Centro contribuía com a realização de cursos de capacitação, seminários, conferências e com publicações que colocavam em circulação as ideias de participação, mobilização popular, cooperativismo e revolução.

Em 1974, com a saúde debilitada, Darcy Ribeiro consegue permissão para voltar ao Brasil para fazer uma cirurgia. Depois de convalescido, retorna ao Peru, mas com permissão de vir ao Brasil para acompanhamento médico sempre que necessário. Mantém essa condição até 1976, quando retorna definitivamente, estabelecendo residência fixa na cidade do Rio de Janeiro.

Nos tempos de exílio, Darcy Ribeiro criou laços, caminhos e intercâmbios entre múltiplos indivíduos, disciplinas, instituições, espaços. Facilitou o contato entre diferentes culturas, atuando como um dínamo de interações culturais. Tais conexões permitiram que ele elaborasse uma representação da América Latina condensada em uma série

Salvador Allende, empossado em 4 de novembro de 1970, recebe a faixa presidencial do presidente do Senado chileno. Atrás dele, seu antecessor Eduardo Frei Montalva

Acervo Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, via Wikimedia Common



“Arranjei modos de cavar um contrato com o Instituto de Estudos Internacionais do Chile e mandei-me para Santiago. Encontrei Allende recém-instalado na Presidência e me pus logo a seu serviço, ao lado de um outro assessor, o espanhol Joan Garcés”

de imagens e hipóteses para o projeto da história cultural e política latino-americana. Exilado, ele desenvolveu e publicou a maior parte da importante série “Estudos de Antropologia da Civilização”, composta de cinco volumes. No seu prefácio de *As Américas e a civilização*, Darcy afirma que a escrita desses estudos foi possível graças à combinação de alguns fatores: à acolhida que recebeu na Universidade da República Oriental do Uruguai, contratado como professor em tempo integral; aos interlocutores do exílio que o ajudaram com sugestões durante a pesquisa e a escrita da série; à sua condição de exilado político, que lhe permitiu o distanciamento necessário para compreender seu país de origem; e à sua dupla existência, a de antropólogo e a de político. Segundo ele, sua experiência pessoal, mais que a acadêmica, foi a principal motivação para os estudos que realizou.

No livro *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes* constata-se a aproximação do antropólogo com os teóricos da teoria da dependência – linha interpretativa que busca compreender a relação de dependência econômica e tecnológica da América Latina com o sistema capitalista mundial, primeiro com a Europa, depois com os Estados Unidos – grande desafio para a intelectualidade, sobretudo a latino-americana, após a Segunda Guerra Mundial. O livro apresenta uma síntese das contradições da América Latina, desveladas pelo processo histórico que levou a região a ser incorporada ao sistema capitalista mundial como área dependente. Na obra, Darcy reflete sobre uma América Latina diversa e complexa, que deveria ser compreendida pela perspectiva da dependência econômica, política e cultural comum para encontrar os meios possíveis de ruptura com o subdesenvolvimento.

Os diferentes projetos e estudos produzidos por Darcy nesse período revelam o diálogo e o latino-americanismo, o percurso intelectual e político, a definição sobre o papel do intelectual na América Latina e o intercâmbio com as esquerdas latino-americanas. Seus livros publicados no exílio ganharam edições argentinas, mexicanas, venezuelanas, uruguaias, italianas, inglesas, francesas e norte-americanas.

Em sua volta definitiva ao Brasil, em 1976, Darcy reabre o capítulo do político e homem público, interrompido com violência em 1964. Sem abdicar, jamais de sua inquietação intelectual e de seus “fazimentos”. Que ainda serão muitos, agora que está novamente em sua terra.

Adriane Vidal Costa • Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No início de 1972, Darcy e Berta visitam o Peru e se defrontam com a força da história e da cultura incaica no país que os receberia em breve, ao deixarem o conturbado Chile

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



Darcy Ribeiro, exílio e algumas lembranças limenhas

Fabio Magalhães

Memórias de um ex-presidente do Memorial da América Latina sobre o convívio com Darcy em um Peru em plena ebulição política

Conheci Darcy Ribeiro em Lima, na década de 1970, já nos anos finais de seu longo exílio. Ele vinha de um Chile conturbado, quando o governo de Salvador Allende se encontrava confrontado por forças extremadas, de esquerda e de direita. Certamente Darcy se sentiu atraído pelas mudanças políticas radicais que ocorriam no Peru para aceitar o convite de seu amigo e antropólogo Carlos Delgado, que trazia um chamamento do General Velasco Alvarado para que contribuísse com a reforma universitária peruana e ajudasse a consolidar o projeto do Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social – Sinamos, espécie de órgão político do governo.

Darcy sabia que para criar um sistema de justiça social em condições tão adversas, como as peruanas, teria de enfrentar desafios imensos, mas a “revolução peruana” já havia dado passos relevantes, alguns deles radicais, com o objetivo de transformar a economia e a organização da sociedade. O General Alvarado nacionalizou os bancos, enfrentou o estatuto da propriedade ao implantar uma reforma agrária que erradicou o latifúndio, e estabeleceu as “comunidades industriais” com participação dos trabalhadores na produção. O governo militar no Peru (1968-1975), ao contrário das demais ditaduras na América Latina, adotava reformas socializantes, era apoiado por Fidel Castro e por intelectuais de prestígio, como Carlos Franco (sociólogo e filósofo), Augusto Salazar Bondy (ligado à teologia da libertação) e Carlos Delgado.

Cheguei a Lima em 1971, um pouco antes de Darcy, com emprego provisório nos escritórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e logo em seguida nos estúdios da TV Educativa do Ministério de Educação e Cultura do Peru. No Brasil, eu era professor no Instituto Central de Artes e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (ICA-FAU) da Universidade de Brasília, junto a um corpo docente comprometido em retomar os princípios que Darcy Ribeiro traçara para a UnB, mas o AI-5 interrompeu essa retomada e me vi obrigado a deixar o país.

Naqueles anos, Darcy Ribeiro era o grande brasileiro em Lima, pessoa que admirávamos como intelectual, pelas suas ideias, e como político, pela resistência democrática contra o golpe militar de 1964.

Em Lima, encontrei-me com José Antônio Prates, que havia sido um importante líder estudantil da UnB, e juntos trabalhávamos com o método Paulo Freire na El Planeta, *barriada* (favela) que ocupava um antigo depósito de lixo na periferia de Lima, enquanto Darcy participava da grande reforma educacional que o governo procurava implantar. Não obstante tínhamos em comum a mesma certeza de que, se não mudássemos a sociedade, o ensino seguiria conservador, domesticado pelas elites.

Naqueles anos ocorriam, também, profundas mudanças na Igreja Católica peruana, berço da Teologia da Libertação, de enorme impacto em toda América Latina. O padre dominicano Gustavo

Gutierrez, que exercia forte liderança religiosa, publicou a *Teología de la Liberación – perspectivas* (1971) com uma clara e militante opção da Igreja pelos pobres. Havia ainda grupos revolucionários que atuavam no Peru, alguns até mesmo pleiteando a luta armada. Nesse caldeirão de militâncias políticas, Darcy era um verdadeiro vulcão de ideias, e muitas delas desagradavam os militares no exercício do poder, como relata em seu livro de memórias *Confissões* (1997), pelo diálogo que manteve com o General Leônidas, chefe do Sinamos:

“Eu dizia a ele tão somente que o verdadeiro povo peruano era o povo incaico do altiplano, com sua língua e costumes próprios, que tinha sobrevivido a quinhentos anos de opressão e não seria eradicado nunca. Dizia ainda que Lima era a praça de ocupação espanhola que continuava exercendo o triste papel de opressão europeizadora sobre os remanescentes da civilização incaica. Era demais para ele. Calou-se e levantou-se, interrompendo o diálogo.”¹

Realmente, naqueles anos, a sociedade peruana era racialmente estratificada, a elite era branca, a classe média era mestiça e o povo era indígena. Darcy, embora soubesse que “forçava portas trancadas”, justificava a revolução peruana principalmente pelo gesto de restauração da cultura incaica, “a grande civilização sul-americana”, como gostava de dizer. Vale lembrar que durante





Mais uma vez Darcy se despede de sua mãe, Dona Fininha, em nova partida para o exílio, rumo à Venezuela, no final de 1969

Guinaldo Nicolaevski | Acervo Fundação Darcy Ribeiro

o longo período de exílio, Darcy foi um dos intelectuais mais importantes na busca da identidade latino-americana, mas o que o difere dos demais é o caráter ativo de seu pensamento: para ele não bastava desenvolver uma ideia, era necessário implantá-la. E para tanto era sedutor e possuía enorme capacidade de argumentação.

Sua atuação na reforma universitária do Peru foi marcante e muitas de suas proposituras são, ainda hoje, motivo de reflexão na vida acadêmica peruana. Participou na formulação da lei geral de educação, promovida e editada pelo governo em 1972, que pretendia, entre outras conquistas, eliminar estruturas autoritárias e burocráticas. No que se referia ao ensino superior, a lei outorgou aos professores e estudantes o direito de decidirem como seria organizada a universidade. Entretanto, o processo de discussão para a implantação nas assembleias paritárias foi de tal forma tumultuado que a pretendida autonomia universitária não se consolidou, não floresceu.²

Quando Darcy deixou definitivamente o Peru, o General Alvarado já se encontrava enfermo e, em 1975, foi substituído pelo General Morales Bermudez que sepultou as reformas socializantes em curso. Antes disso, eu já havia retor-

nado ao Brasil. Anos depois, já na década de 1980, voltamos a nos encontrar, ele como vice-governador do Rio de Janeiro e eu como secretário de Cultura da cidade de São Paulo.

No Brasil, Darcy Ribeiro se manteve latino-americano; mesmo depois de retomar suas atividades intelectuais e políticas, seu interesse pelos povos originários do continente não arrefeceu. A criação da Fundação Memorial da América Latina é testemunha dessa dedicação.

1 RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 419.

2 Ver “Entrevista com César Germaná Caveró”, concedida a Adélia Miglievich-Ribeiro. In *Civitas: Revista de Ciências Sociais*. PUCRS, Porto Alegre, v. 15, n. 3, julho-setembro 2015, p. 99-116.

Fabio Magalhães • Museólogo, pintor e desenhista. Exerceu diversos cargos na administração pública, como diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, de 79 a 82; membro da Comissão de Arte do MAM/SP, de 78 a 80; curador-chefe do MASP, de 1989 a 1994, secretário da Cultura do Município de São Paulo, secretário de Apoio à Produção Cultural do Ministério da Cultura e presidente da Embrafilme. Entre 1995 e 2003, foi presidente da Fundação Memorial da América Latina.



O Novo Mundo em Darcy Ribeiro e Lélia Gonzalez: as dores do parto

Adelia Miglievich-Ribeiro

Intérprete do pensamento social brasileiro sob crivo da psicanálise, Lélia Gonzalez fala da América afrocentrada, a “Améfrica”, como uma civilização inédita, submetida a doloroso processo de transculturação – na metáfora de Darcy, um “moinho de gastar gente”

A metáfora da mãe dando à luz a um novo ser é utilizada por Darcy Ribeiro em seu livro *As Américas e a civilização*, publicada pela primeira vez em 1969, durante seu exílio uruguaio¹. Três décadas depois, em *O povo brasileiro*, ele afirma que o filho fora gerado pelo estupro e nascera “ninguém”. Ainda assim Darcy aposta na utopia:

“Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra”².

Leituras apressadas – talvez, não leituras – aproximam equivocadamente Darcy Ribeiro a Gilberto Freyre; desconhecem a severa crítica do antropólogo ao suposto colonialismo benevolente dos portugueses e à ideologia da democracia racial. Freyre não tem qualquer discurso em prol dos povos oprimidos, abusa dos estereótipos e reconstrói alegoricamente o colonialismo. Num texto em que analisa *Casa-grande & senzala* e seu autor, Darcy vê o sociólogo e escritor pernambucano como alguém cego ao “negro do eito, queimado aos milhões como um carvão humano, primeiro nas fornalhas de engenho e nas plantações de cana, depois, nas minas e nos cafezais”; alguém que exalta a virilidade lusa e condescende com o uso sexual que o senhor faz das negras escravizadas³. A mestiçagem que

“... sou negra e mulher. Isso não significa que eu sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração. Escreve isso aí, esse é o meu recado pra mulher preta brasileira” (entrevista de Lélia Gonzalez a O Pasquim)

Acervo Família Lélia González

Freyre celebra exemplifica a supremacia do colonizador sobre o colonizado. Nada similar à utopia darcyniana que enxerga o brasileiro como uma variável potente a desafiar a modernidade hegemônica.

A tese darcyniana acerca dos “povos novos” da América, que se erguem da segregação e da assimilação racial e vêm a florescer como “novas humanidades”, torna-se mais bem compreendida no diálogo com a intelectual negra feminista Lélia Gonzalez, que morreu em 1994. Intérprete do pensamento social brasileiro, ela nos provoca a pensar na América afrocentrada, a “América”, como uma civilização inédita, submetida a doloroso processo de transculturação – na metáfora de Darcy, um “moinho de gastar gente”. Em “A categoria político-cultural de amefricanidade”, artigo publicado no livro *Primavera para rosas negras*, Lélia aponta que “todos os brasileiros (e não apenas os ‘pretos’ e ‘pardos’ do IBGE) são latinoamefricanos” produzidos nas diásporas.⁴

Interpretações críticas em diálogo: amefricanos como povos novos

Lélia e Darcy, com suas especificidades e sem se citarem, têm mais em comum do que boa parte de nós apostaria. O que ela nomeia “amefricanos” são os “povos novos” identificados por ele, aqueles que tomaram conta da maior parte das Américas com suas línguas, religiões e expressões culturais várias.

De sua “branquitude crítica” – nas palavras do historiador Lourenço Cardoso⁵ –, portanto antirracista, Darcy

Ribeiro não enxerga a miscigenação como demonstração de sucesso das políticas do branqueamento. Ao contrário, no livro que dedica à compreensão da formação do Brasil e seu povo, denuncia como racismo a expectativa de que a mestiçagem faça o negro desaparecer. Admite o racismo estrutural e a falácia da democracia racial, atentando para o “negro-massa” que, nas ex-colônias, se confunde com o *lumpen* proletariado.

Lélia, por sua vez, fala de outro lugar. De onde fala e sofrendo na pele o racismo cotidiano, maior ainda quando dirigido ao corpo da mulher negra⁶, funda em 1978 o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga. Ao incorporar a psicanálise em seus estudos, busca o desvelamento do “racismo denegado”, escamoteado, que fortalece o mito da democracia racial. Olha o Brasil e as Américas do prisma do racismo, por isso associa irrecorrivelmente a mestiçagem ao eugenismo e às tentativas de dizimação do povo negro.

O ponto que une as abordagens desses dois pensadores é o enfrentamento da subalternização imposta sobre nossa gente pela burguesia internacional, pelo capital estrangeiro – ao qual elites nacionais, de costas para o povo, aliaram-se como sócias minoritárias. O diagnóstico comum a ambos acerca do cenário pós-abolição é contundente. Segundo Lélia Gonzalez, no Brasil o que efetivamente existe “é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente”. Para Darcy, “quando ao escravo sucede o parceiro, depois o assalariado agrícola, as relações continuam impregnadas dos mesmos valores, que se exprimem na desumanização das relações de trabalho”.



Na narrativa dialética do antropólogo, dessa negatividade absoluta nasceu uma cultura autóctone vigorosa, com alto grau de criatividade e autenticidade, “feita de retalhos que o africano guardara no peito nos longos anos de escravidão, como sentimentos musicais, ritmos, sabores e religiosidade”; em resumo, “o mais brasileiro dos componentes de nosso povo”. Na mesma direção, no mesmo e célebre artigo, Lélia chama atenção para o “pretuguês”, língua inédita que marca a africanização do português falado no Brasil e graças à qual a língua portuguesa acabou por se alastrar pelo país continental – africa-



**O que Lélia nomeia
“amefricanos” são os
“povos novos” identificados
por Darcy, aqueles que
tomaram conta da maior
parte das Américas com
suas línguas, religiões e
expressões culturais várias**

Lélia no Rio, dois anos depois da 1ª Conferência Internacional da Mulher, realizada no México em 1975. A conferência abriu a Década da Mulher, patrocinada pela ONU, que se encerrou com a Conferência da Mulher, em 1985, no Quênia, da qual Lélia também participou

Acervo Família Lélia Gonzalez

nização similar à que metamorfoseou o francês, o inglês e o espanhol falados no *Novo Mundo*. No ensaio sobre o povo brasileiro, Darcy explica que, até o século XVIII, na orla Atlântica só se falava o nheengatu ou língua geral, mistura do tupi com o português; e assim permanecería, não fosse a ação dos africanos e seus descendentes.

Bebendo nas fontes dos intelectuais caribenhos e dos pensadores da negritude, com destaque para Aimé Césaire, Lélia Gonzalez prefere o marcador da ancestralidade para designar os povos diaspóricos, sem associá-los a nacionalidades (afro-brasileiro, afro-colombiano, afro-

-americano). Sua “epistemologia negra” desconstrói as fronteiras nacionais para explicar a distribuição generalizada dos negros em todas as Américas, fruto das diásporas. Aos olhos de Lélia, a *amefricanidade* é uma categoria antirracista porque o termo *amefricanos* serve “para designar a *todos nós*”. Ela também refuta atribuir o termo *americanos* apenas aos estadunidenses, signo do imperialismo. Mais ainda: Lélia Gonzalez destaca a diferença entre a “experiência amefricanana”, fruto das diásporas, e a vivida pelos africanos que permaneceram naquele continente – ressaltando que assumir a *amefricanidade* é essencial para superar uma “visão idealizada, imaginária ou mitificada da África”.

Não somos africanos nem povos ameríndios em sentido puro; menos ainda somos europeus. Isto implica que, no processo de *desafricanização*, como diz Darcy, há que se enxergar os *amefricanos* de Lélia, vitimados duplamente pela miséria e pelo racismo ou vice-versa. Para Lélia, combater a naturalização das hierarquias raciais e a desumanização do “não-branco” implica investir na cura da “neurose cultural” que associa a América Latina à branquitude. Combate esse em diálogo com o enfrentamento de um tipo de modernização que até hoje condena os povos colonizados à condição de *proletariado externo*, premissa de Darcy.

Por vários anos Lélia usou lenço na testa para esconder uma cicatriz que obteve em um acidente de carro. O acessório tornou-se marca registrada de sua forte figura pública – fotografada aqui em 1988, no Rio de Janeiro

Acervo Família Lélia Gonzalez



A tese darcyniana acerca dos “povos novos” da América, que se erguem da segregação e da assimilação racial e vêm a florescer como “novas humanidades”, torna-se melhor compreendida no diálogo com a grande intelectual negra feminista

Importante reter a essência do pensamento darcyniano: os povos novos, que tomaram conta do Sul dos Estados Unidos, do Caribe e da América do Sul (com exceção da Argentina) foram formados pela transculturação das matrizes originais. Esses povos novos têm etnicamente várias faces. Em contraste com o pensamento da intelectual militante negra, Darcy Ribeiro mantém o foco na América Latina (em antagonismo com a América Anglo-sa-

xã, imperialista) como categoria-mor para marcar a identidade desses povos, submetidos pelo colonialismo, pelo sistema de *plantation* e pela mais violenta superexploração do trabalho. Em contrapartida, mantém o foco na América Latina também para projetar a utopia, quando o continente se desapegaria da modernização reflexa (a dependência) para assumir a aceleração evolutiva, a autonomia das estratégias para a superação do subdesenvolvimento.

Lélia Gonzalez, embora leitora de Florestan Fernandes e dos dependentistas, por estar comprometida com a luta antirracista, opta pela afrocentralidade como coluna mestra dos povos novos. Ainda que mencione os povos nativos, nela a negritude é o porvir da América Latina, porque habitamos a América e temos laços profundos com a África. Somos uma nova África – afirma, com radicalidade, em seus estudos do pensamento social brasileiro.

Ao comparar as reflexões de um e de outra, o que salta aos olhos é a concórdância de ambos quanto à *ninguendade* a que foram lançados os povos novos, mas também sua capacidade de resistência e reinvenção. As estratégias de cada um é que variarão em boa medida na luta antirracista. Mas, quer para Darcy quer para Lélia, é incontestável a destribalização do africano e sua fusão nas sociedades neoamericanas, tornando negro o maior contingente populacional dos povos novos.

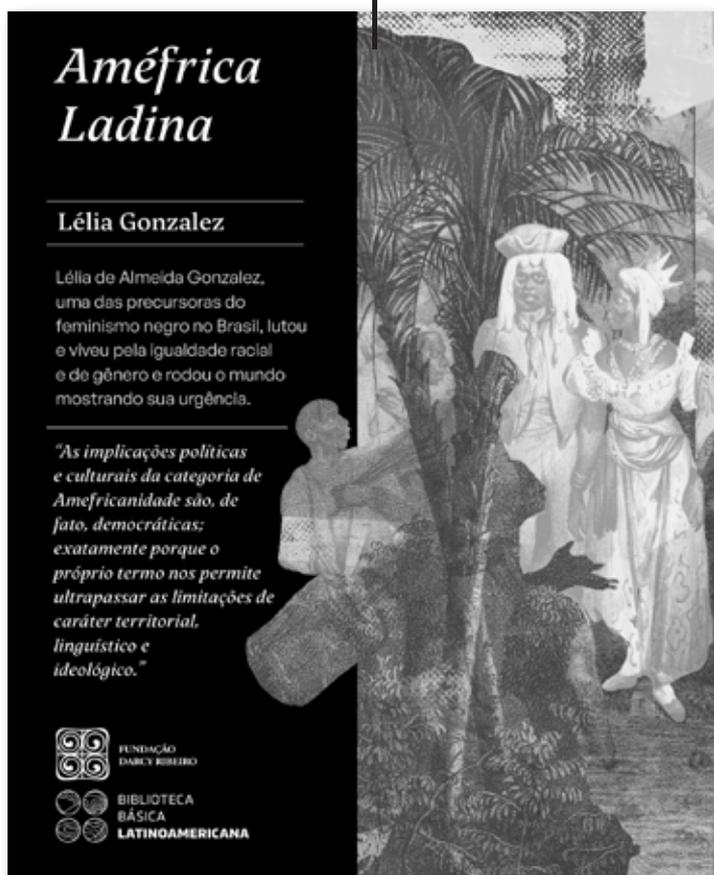


Na viagem à África de 1979. Em Dacar, Lélia estabeleceu contatos que a levaram novamente ao Senegal em 1982 e em 1985, para participar de seminários sobre mulheres e feminismo

Acervo Família Lélia Gonzalez

Capa do livro de Lélia Gonzalez publicado na coleção Biblioteca Básica Latino-americana, lançada pela Fundação Darcy Ribeiro em 2021

Acervo Fundação Darcy Ribeiro



1 RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processos de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

2 RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 449.

3 RIBEIRO, Darcy. “Gilberto Freyre. Uma introdução a Casa-grande & senzala” In: *Gentildades*. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 9-86.

4 GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018, p. 321. Disponível em: <https://elaseistem.files.wordpress.com/2020/10/gonzalez-lelia.-a-categoria-politico-cultural-da-amefricanidade.pdf>.

5 CARDOSO, Lourenço. “Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista” In *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2010, p. 607-630. Disponível em: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rclsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/70>.

6 GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Organização: Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Adelia Miglievich-Ribeiro • Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde coordena o Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisou acerca de Darcy Ribeiro, universidade e América Latina, no seu primeiro pós-doc na UERJ, vinculada ao Laboratório de Educação e República (LER).

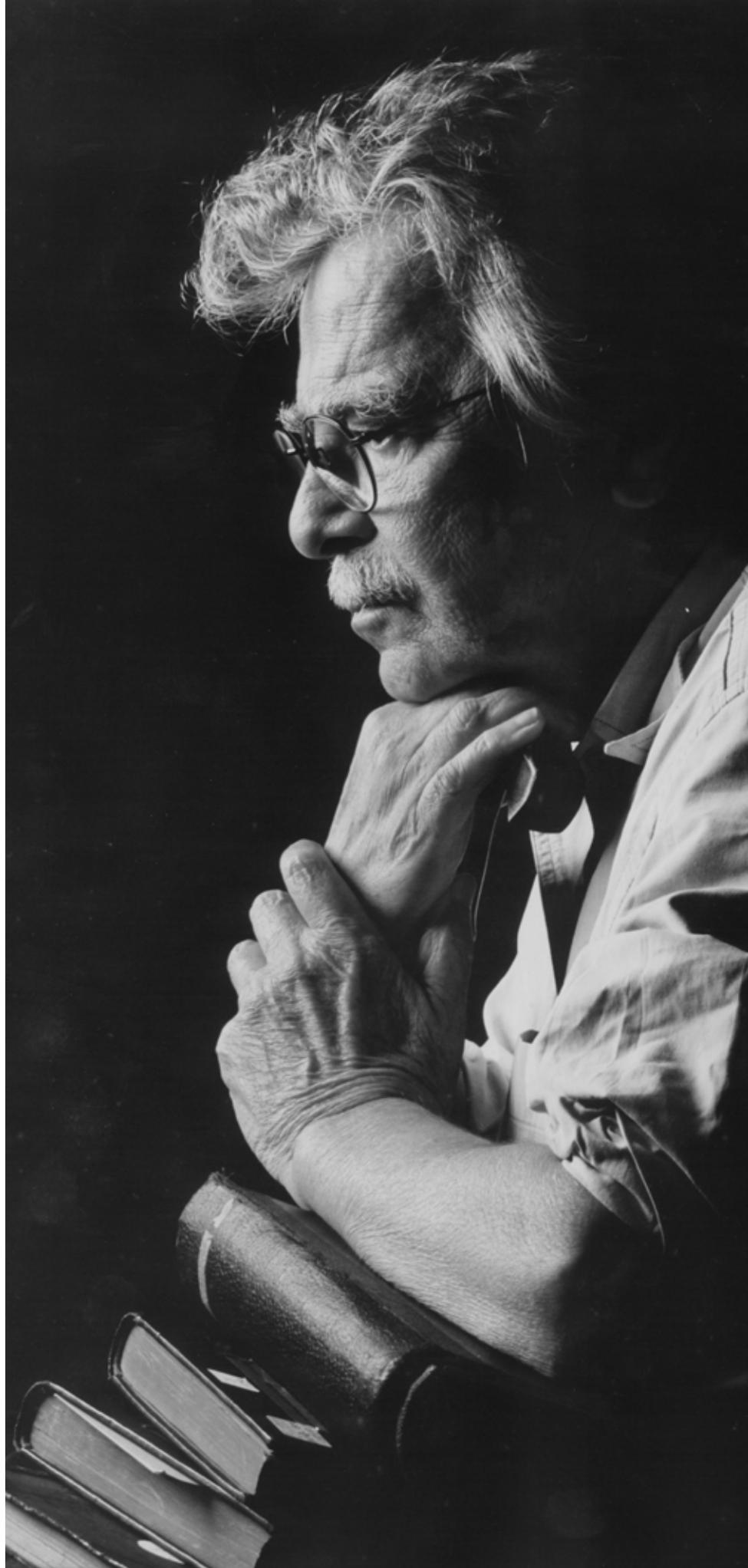
“Mais vale errar
se arrebetando
do que poupar-se
para nada.”

Darcy Ribeiro



Acesse e conheça outras
edições da *Nossa América*:
<http://biblioteca.sophia.com.br/6350/>

A fonte utilizada no texto é a Merriweather.
A tiragem de 1500 exemplares foi impressa no
papel couché fosco 210 e 115g/m²



“Quem sou eu? Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão só porque eu e elas mudamos de pele de vez em quando. Usei muitas peles nessa minha vida já longa, e é delas que vou falar.”

Darcy Ribeiro

Montes Claros, 1922- Rio de Janeiro, 1997



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa